

Jean Marlos Pinheiro Borba

MUNDO-DA-VIDA (*Lesbenwelt*) E CONCRETUDE EXISTENCIAL

Para uma psicologia fenomenológica da vivência financeira.





Tratar do mundo-da-vida (*Lesbenwelt*) e da concretude existencial é, de algum modo, continuar o caminho traçado pelo Pai da Fenomenologia, Edmund Husserl (1859-1938) e de todos aqueles que se permitiram ser influenciados com suas ideias. Husserl era apaixonado pela vida, pela (des) coberta e pela verdade da maneira como ela se apresentava, não duvidava, nem tampouco elaborava hipóteses, apenas se permitia ver diretamente as coisas. E, a partir disso, refletia exaustivamente, sem racionalismo, mas com um realismo fenomenológico rigoroso.

 editora fi
www.editorafi.org



**Mundo-da-vida (*Lebenswelt*)
e Concretude Existencial:**
*para uma psicologia fenomenológica da
vivência financeira*

Direção Editorial:

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico:

Prof. Dr. Aquiles Cortes Guimarães - IFCS-UFRJ



Jean Marlos Pinheiro Borba

**Mundo-da-vida (*Lebenswelt*)
e Concretude Existencial:**
*para uma psicologia fenomenológica da
vivência financeira*

Porto Alegre
2016

Φ editora fi

Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

Revisão: Vera Giust



Todos os livros publicados pela
Editora Fi estão sob os direitos
da Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BORBA, Jean Marlos Pinheiro.

Mundo-da-vida (lebenswelt) e concretude existencial: para uma psicologia fenomenológica da vivência financeira. [recurso eletrônico] / Jean Marlos Pinheiro Borba -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

157 p.

ISBN - 978-85-5696-013-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Psicologia. 2. Mundo-da-vida. 3. Existencialismo.
4. Fenomenologia. I. Título.

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|--------------|-----|
| 1. Filosofia | 100 |
|--------------|-----|

“Se assim estiver certo, resultaria daí a Psicologia estar mais chegada à Filosofia – por meio da Fenomenologia – em virtude de razões essenciais, e o seu destino continuar intimamente ligado a ela, apesar de ser verdade que a Psicologia não é nem pode ser Filosofia, tampouco como Ciência Física.”

(HUSSERL, 1965, p. 19-20)

Agradecimentos

Este livro é resultado dos meus estudos de pós-doutoramento em Filosofia, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a orientação do prof. Dr. Aquiles Côrtes Guimarães e também de uma re-leitura dos meus estudos de doutoramento em Psicologia Social que realizei de 2008-2011.

Um texto acadêmico que ousa ver diretamente os fenômenos do mundo-da-vida contemporâneo só pode ser produzido a “várias mãos”, mesmo tendo, por força das condições, um único autor assinando o seu texto. Explico, há “várias mãos”, pois fui afetado por inúmeras reflexões de pesquisadores e professores diretamente ligados à fenomenologia, filosofias da existência, teoria crítica e sociologia fenomenológica que pude ao longo dessa caminhada ter contato e que ampliaram consideravelmente minhas análises reflexivas. Somo a isso o contato com diversos atores inseridos no mundo-da-vida que tive a oportunidade de conhecer e conversar, ouvir relatos e que possibilitaram conhecer *in loco* as suas vivências e angústias em relação à situação de consumismo e endividamento.

É preciso deixar claro que, neste texto, não pretendo esgotar os assuntos, nem tampouco atender os anseios de esclarecer terminologias, dirimir críticas, mas meu anseio é que ele humildemente tenha o mérito de pôr em cena uma temática esquecida há muito tempo: a relação do homem com o dinheiro, com endividamento e com a sociedade de consumo, tentando dialogar com filosofias que têm a crítica e o realismo fenomenológico como modos de ver.

Assim, para que ele fosse composto agradeço aos profissionais, docentes e discentes que em sua trajetória se dedicaram a compartilhar algo. Sou grato ainda aos membros do GEPPF&PF que me possibilitaram ir além daquilo que era possível, por isso sou um eterno aprendiz com uma “certeza”: “só sei que nada sei, mas preciso saber como saber”, tendo responsabilidade com o saber produzido, não para atender escalas de produção tradicionais exigidas pelas agências de fomento da educação, mas talvez para manter o sabor pelo saber e com isso afetar outros pesquisadores nessa caminhada.

Agradeço de modo especial ao meu orientador, Prof. Dr. Aquiles Côrtes Guimarães, pela gentileza, disponibilidade, afeto e cuidado nessa caminhada. Meu agradecimento e eterno obrigado pelas vivências e crescimento intelectual que proporcionou um amadurecimento na fenomenologia husserliana.

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1	22
1.1 MUNDO DA VIDA: lugar da concretude existencial..	22
1.2 O mundo do dinheiro e o “mundo de endividados”	29
1.3 Receita para conduzir a vivência financeira do homem contemporâneo: a literatura de “autoajuda” financeira, o afeto, o dinheiro e as finanças.	36
1.4 A Psicologia e o Dinheiro.....	41
1.4.1. <i>O dinheiro: mediador eterno das relações sociais e afetivas.</i> ..	46
1.5 A autoajuda como um modo de compreender as vivências financeiras contemporâneo.....	52
1.6 A Psicologia e a Economia: caminhos de uma psicologia econômica	58
Capítulo 2	64
2.1 Mundo-da-vida (Lebenswelt) e Vida Financeira: a Psicologia Fenomenológica Frente à Cultura do Endividamento e do Consumismo.	64
2.2 O Mundo-da-vida (lebenswelt) e o mundo do consumo...	69
2.3. A Cultura do Consumo e a Cultura do Endividamento	71
Capítulo 3	87
3.1 Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo.....	87
3.2 Fenomenologia, capitalismo e suas crises: algumas reflexões	90
3.3 A razão e seus descaminhos.....	97
3.4 Mundo-da-vida (Lebenswelt) e Mundo da Ciência: lugar da concretude existencial.....	103

Capítulo 4	107
4.1 - A Fenomenologia, a Psicologia e a Psicologia Fenomenológica	107
4.2 A Psicologia Fenomenológica da vivência financeira.	108
4.3 A vivência financeira a partir da compreensão do mundo-da-vida contemporâneo.	112
Capítulo 5	115
5.1 Uma fenomenologia da "Raça de Endividados": pensando uma psicologia das culturas do consumismo e do endividamento no mundo da vida contemporâneo.....	115
5.2 Por uma psicologia da cultura do consumismo e do endividamento.....	123
5.3 Fenomenologia da “financeirização” das subjetividades no mundo-da-vida contemporâneo	128
Algumas considerações finais	143
Referências.....	148

Introdução

Tratar do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e da concretude existencial é, de algum modo, continuar o caminho traçado pelo Pai da Fenomenologia, Edmund Husserl (1859-1938) e de todos aqueles que se permitiram ser influenciados com suas ideias. Husserl era apaixonado pela vida, pela (des) coberta e pela verdade da maneira como ela se apresentava, não duvidava, nem tampouco elaborava hipóteses, apenas se permitia ver diretamente as coisas. E, a partir disso, refletia exaustivamente, sem racionalismo, mas com um realismo fenomenológico rigoroso.

O mundo-da-vida (*Lebenswelt*) é o lugar de pura manifestação dos fenômenos que emergem a consciência, nós somos no mundo com os outros. Numa psicologia de base fenomenológico-existencial, existencial-humanista ou apenas fenomenológica partimos sempre do mundo da vida, ou melhor, do sentido que atribui a ele e da relação que o homem tem com o mundo. Não há como separar o mundo da consciência, tentativa feita pelas psicologias de base científica- natural ou explicativa, como bem defendeu Wilhelm Dilthey (1831-1911) e o próprio Edmund Husserl (1859-1938).

Dilthey recomendou que a psicologia prosseguisse sua marcha no rumo analítico e não constitutivo, evitando assim derivação de processos elementares tais como os desenvolvidos pelas ciências da natureza. Por isso, as reflexões aqui descritas são um retorno e uma análise reflexiva da experiência que obtive na área contábil-financeira como consultor, tesoureiro, conselheiro fiscal, gerente de empresa, contador e professor universitário que, só foram possíveis, após entrar em contato com a Psicologia Fenomenológica. As vivências foram recordadas

e oportunizaram perceber a relação que o homem tem com o patrimônio e a gestão das suas finanças pessoais, assim como os conflitos oriundos desta situação ou por ela atravessados.

Na minha trajetória, bem cedo percebi que a Ciência Contábil carrega em si uma racionalidade instrumental¹ que em geral serve aos interesses do capitalismo e, ainda, que esta ciência não se “interessa” por qualquer discussão que coloque em xeque seus fundamentos, apesar de existir alguns críticos dela mesma, mas em pequena quantidade. Em tese, os princípios contábeis são regras universais que tentam cientificamente controlar o comportamento tanto dos contadores, quanto de seus clientes, tendo um caráter normalizador das relações das quais ela trata.

O contato como profissional das áreas contábil e financeira permitiu perceber o sofrimento que o contador carrega por se colocar no lugar de responsável pelo patrimônio e pelas finanças do seu cliente (quer seja ele pessoa física ou jurídica), ao mesmo tempo em que tem orgulho do que faz. O contador vive o “Mito de Sísifo”. Isso significa que essa responsabilidade se configura como o orgulho da profissão: ser gestor do patrimônio do cliente e assumir “tecnicamente” a responsabilidade pela organização racional da situação contábil e financeira do seu cliente.

Penso que a racionalidade contábil, que é a própria razão instrumental e matemática, impede que o profissional veja direta e claramente aquilo que se apresenta e, que considero como armadilha da sua própria profissão: ser e se sentir responsável pela gestão direta dos resultados das escolhas existenciais de seus clientes que são materializadas

¹ Termo utilizado pelos frankfurtianos para demonstrar como a razão tornou-se um instrumento do próprio homem, utilizada sem reflexão, de modo mecânico e ingênuo.

tecnicamente em demonstrativos e documentos contábeis, fiscais e trabalhistas definidos em lei. Alguns poucos contadores têm a percepção clara de sua função e “conseguem” separar o que é o ofício da sua profissão e quando o ofício é o seu modo de ser e estar no mundo, tornando-se escravo dela.

A relação do homem com o dinheiro e seus subprodutos pode influir diretamente na construção de sua subjetividade e também nas relações intersubjetivas, bem como das escolhas que este faz em relação ao modo de vida, ao modo de ser no mundo. Assim, o homem, enquanto ser no mundo tem não só a possibilidade de escolher, como a liberdade de tomar decisões quanto ao seu uso, logo, tem a responsabilidade pelas escolhas que faz e as relações, podem de algum modo, impactar em sua subjetividade. Esta já tinha sido uma das preocupações centrais de Georg Simmel (1858-1918) em seus estudos sobre cultura, modernidade e dinheiro, não o dinheiro enquanto fenômeno econômico, mas como um fenômeno social, produtor de subjetividade.

Outro ponto importante foi minha própria experiência com o endividamento que ocorreu no período de 2003 a 2006, no qual vivenciei muito sofrimento e angústia diante das situações atravessadas. Passada a crise, consegui dentro das possibilidades, e com busca de outras oportunidades de trabalho, apoio de amigos e muita tomada de crédito (novos endividamentos), reorganizar a vida pessoal e financeira repensando escolhas e modos de vida. Entendo que a minha vivência, o contato com pessoas que relatavam experiências similares, os artigos e livros lidos, as notícias em jornais e em telejornais me incentivaram a investigar o fenômeno do endividamento e do modo de ser irracional e ingênuo que predomina na sociedade de consumo contemporânea, atravessada cada dia mais por estratégias de captura da subjetividade.

Em jornais e revistas impressos, nas mídias eletrônicas, e na rede de televisão (principalmente naquelas diretamente relacionadas às instituições religiosas) quase que diariamente são noticiadas inúmeras situações que confirmam o papel do dinheiro, do crédito e do endividamento nas relações pessoais, afetivas, profissionais e sociais. São anunciados crimes seguidos ou não de morte, assaltos com pedido de resgate, vinganças, discussões litigiosas entre pessoas físicas e jurídicas envolvendo dívidas ou montante milionários, corrupção, desvio de verbas entre outros.

O uso do dinheiro mobiliza a humanidade mais do que a própria preocupação com ela mesma. Fato este que me faz recordar a visão de Edmund Husserl (2012) em seu livro *A crise da humanidade européia e a filosofia transcendental* quando lembra que “krisis” é a crise de decisão, de escolha, dos sentidos e rumos que a própria humanidade escolheu “naturalmente” tomar. Se a humanidade escolhe o caminho do dinheiro, do endividamento e do consumo de coisas, ela escolhe não colocar a si mesma como sentido mais importante.

Outra experiência que surgiu nessa caminhada diz respeito à orientação da monografia de conclusão de curso de Psicologia intitulada *Reflexões sobre o ser-endividado: uma proposta de estudo do endividamento pessoal através do olhar fenomenológico* (SILVA, 2009). Vivência importante que me colocou diante da possibilidade de aproximar a Psicologia Fenomenológica e as Filosofias da Existência das discussões acerca das finanças pessoais, preferencialmente do endividamento. Estudo até então inexistente no curso de Psicologia da UFMA, desde a sua criação.

Diante disso, lembro que no Brasil, praticamente em todas as regiões tornou-se notícia recorrente nas mídias que o nível de consumo de bens e serviços aumentou “graças” à facilidade para adquirir mercadorias e serviços que é estimulada pelo próprio governo brasileiro, que ao

ajustar as contas públicas, desajusta a vida dos “cidadãos” e movimentam a economia.

Economia em movimento promove a circulação de dinheiro, ou mesmo do aumento do volume de contas a receber e a pagar. Um dos seus efeitos para a pessoa física é o endividamento e sobre-endividamento. Ele é na verdade a outra face do consumismo irracional. Vivemos, portanto, ao lado da (pseudo) cultura do Consumo e uma Cultura do endividamento cultura esta que acredito promover o surgimento de psicopatologias relacionadas ao dinheiro (BORBA, 2015).

Para exemplificar esse fato dirijo o olhar agora para a realidade ludovicense. Tenho acompanhado diariamente os efeitos observados pelo “progresso” e pelo “crescimento” da cidade, fato observado noutras metrópoles brasileiras. Um dos efeitos é o significativo aumento de endividamento das pessoas físicas que é impulsionado pelo estímulo ao consumo.

O ponto de partida inicial para chegar à vivência financeira foi além do levantamento inicial de livros que abordam a temática do dinheiro e sua relação com o endividamento e o capitalismo, também o acompanhamento intensivo que fiz de manchetes de jornais, revistas, blogs, sites na internet e demais noticiários em que a relação entre o dinheiro e um estilo de vida nele focado emergia. Partimos inicialmente dos livros de autoajuda (BORBA, 2011).

De 2008 a 2011 durante a realização do doutorado em Psicologia Social pude analisar 21 (vinte e um) livros de “autoajuda” financeira a partir do rigor teórico e metodológico provenientes da teoria crítica e da fenomenologia husserliana. Alguns dentre eles tem características de livros de autoajuda, cito: *As armadilhas do endividamento* – acabe com o endividamento, de Márcia Tolotti (2007); *A cultura do dinheiro: ensaios da globalização*, de Fredric Jameson (2002); *A sociologia do dinheiro*, de Higél

Dodd (1997); *Fronteiras psicológicas da economia*, de Albert Lauterbach (1959); *A Psicologia do Dinheiro*, de Mário Gonçalves Viana (s.d) e, *A Psicologia do Dinheiro e outros ensaios*, de Georg Simmel (2009).

Os livros acima foram buscados em meio virtual por meio de termos-chave, tais como: “finanças pessoais”, “psicologia econômica”, “psicologia e dinheiro”, “endividamento e consumo”. Este modo de pesquisa me colocou no caminho para conhecer o estado atual dos estudos e pesquisas que estão sendo desenvolvidos em nível nacional e internacional acerca do fenômeno.

O fenômeno da Literatura de autoajuda financeira presente na sociedade de hiperconsumo contemporânea foi investigado na tentativa de, por meio desta “literatura”, compreender como o sistema capitalista tenta se apropriar da subjetividade e como os livros de autoajuda voltados para resolução de problemas financeiros, oferecem dicas de reorganização da vida pessoal e financeira para alcance do sucesso, do dinheiro e da felicidade. Esse estudo foi realizado a partir dos fundamentos da fenomenologia e um diálogo com a teoria crítica. A experiência mostrou que a autoajuda é um fenômeno que promove a irracionalidade, mantém a consciência em atitude natural e propaga o individualismo e o consumismo (BORBA, 2011).

Nesse sentido, o presente estudo tese teve como intenção central: - (des) velar a vivência financeira experienciada pelo homem contemporâneo em sua concretude existencial. Para isso, sistematizei estudos acerca da relação do homem com o dinheiro e com o crédito, de modo a compreender como no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporânea, o capitalismo propõe, pela via da gestão das finanças pessoais, a organização da vida. Estes estudos foram reflexões que à medida que foram sendo produzidas tornaram-se apresentações em evento de Psicologia, Fenomenologia e Filosofia.

A fim de atingir a intenção central, as seguintes intenções específicas foram evidenciados:

- Promover um diálogo entre os estudos da fenomenologia de Edmund Husserl, da sociologia fenomenológica de Alfred Schutz, da filosofia do dinheiro de Georg Simmel e de seus contemporâneos, acerca da relação homem-mundo-da-vida; dinheiro-crédito, com as estratégias capitalistas de gestão das finanças pessoais e de manutenção da atitude ingênua vista diretamente no mundo da vida;
- Por em cena as estratégias de “uso consciente do dinheiro e do crédito” oferecidas por instituições financeiras, comerciais e bancárias que têm como propósito inicial capturar o homem ingênuo;
- Identificar as evidências que indicam para o homem contemporâneo estar endividado compreendendo como ele se vê no mundo-da-vida (Lebenswelt) contemporâneo;
- Compreender que o mundo-da-vida (Lebenswelt) exerce influência na intenção de endividar-se, tendo quando possível um diálogo com as contribuições dos estudos frankfurtianos sobre a sociedade de consumo;
- Propor as bases críticas de uma Psicologia da Cultura Financeira na perspectiva da Psicologia fenomenológica de Edmund Husserl e da Sociológica Fenomenológica de Alfred Schutz.

A análise foi realizada tendo os fundamentos da fenomenologia husserliana permeada com contribuição constante de diversos autores que comungam com este modo de ver. Revisitei textos clássicos, tais como Husserl e Dilthey, sem perder de vista a emergência dos fenômenos

diretamente relacionados ao dinheiro, ao consumo e ao endividamento.

Em termos metodológicos, a pesquisa seguiu a abordagem qualitativa e realizou-se através de um estudo compreensivo-descritivo da literatura levantada, assim como das vivências próprias e daquelas descritas nos meios de comunicação. A abordagem fenomenológica dialogou com filósofos contemporâneos e com algumas reflexões oriundas na teoria crítica, de modo que permitisse ver diretamente a relação homem-financeiras-pessoais-mundo.

A fenomenologia é a atitude e o método de rigor que possibilita o acesso, a descrição, a compreensão e a análise dos fenômenos em questão. Foi a partir do método fenomenológico, mas especificamente do exercício contínuo da *epoché* e da redução fenomenológica que o presente estudo buscou compreender a relação homem-mundo-da-vida-dinheiro/crédito na sociedade de consumo contemporânea. Sociedade esta marcada por um apego significativo ao modo de vida conduzido pelo dinheiro, pelo consumo e pelo endividamento de modo natural.

Em *Investigações Lógicas*, Husserl (1900; 2005, p. 23) afirma: “(...) a fenomenologia não levanta questões, não procura determinações nem elabora hipóteses”. É com o intuito do ver direto (GUIMARÃES, 2008) para capturar a evidência² imediata do fenômeno que emerge a consciência intencional que o estudo pretende se realizar.

Foi diretamente³ do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo e da maneira como os fenômenos surgiram

² “(...) é a evidência, que vale para nós como o perceber imediato da própria verdade”. (HUSSERL, 2005, p. 38)

³ Diretamente aqui significa pela intuição e emergência dos fenômenos e informações sobre eles à medida em que surgiam e não como pensam os adeptos do método científico tradicional que evidenciam provas materiais e testes para só depois acreditar na emergência dos fenômenos, já que estão ainda arraigados na dúvida metódica cartesiana.

diante de mim, quer textualmente, quer nas mídias impressa, virtual ou televisiva e nas experiências diárias que o ver direto foi possível. E isto me permitiu pensar numa fenomenologia do apego ao dinheiro via relações sociais marcadas pelo uso excessivo do crédito como modo de ascensão social na contemporaneidade. Estas relações estão marcadas pela imediatez, pelo apego ao dinheiro, pelo excesso de uso de crédito, pelo consumismo, pelo endividamento e pelo vazio existencial oriundo do apego ao ter mais, para ser mais. Estas questões permitiram que eu denominasse de vivências financeiras todas aquelas vivências que alguém tem com uso do dinheiro, do crédito ou do endividamento que promova uma marca no seu modo de ser e estar no mundo consigo mesmo e com os outros.

O universo da pesquisa foi composto por textos que compõem a obra de Edmund Husserl que tratam da vivência, da fenomenologia e outros temas. Recorri também a Georg Simmel nos textos em que ele trata do dinheiro, da modernidade e da constituição das culturas objetiva e subjetiva e, de outros autores que trataram da relação do homem com o dinheiro e com o crédito. Somam-se ao universo, várias teses, dissertações e livros que abordam a relação homem-mundo-dinheiro, levantamento iniciado no doutoramento.

A pesquisa possibilitou pensar algumas bases para uma análise fenomenológica da vida cotidiana financeirizada, ou por que não chamar de uma Psicologia financeira das vivências cotidianas?

Capítulo 1

1.1 MUNDO DA VIDA: lugar da concretude existencial

Uma questão inicial orientou a discussão aqui proposta: Como no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo, permeado pela técnica, pelo consumismo e pelo sistema capitalista o homem tem se relacionado com o dinheiro, com o acesso ao crédito e com o consumo e qual o sentido pode ser (des) velado na vivência financeira?

É preciso entender o que é o *Lebenswelt* (Mundo-da-vida) na proposta husserliana. Husserl (2012) trata de maneira mais clara sobre o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) na obra *A crise da humanidade européia e a fenomenologia transcendental*. Já em seu último texto *A Crise da Humanidade europeia e a Fenomenologia Transcendental*, Husserl (1936/2012) ficou atento ao lugar que o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) ocupava na humanidade, pois já com uma maturidade intelectual no seu pensamento e com clareza das questões outras que o envolveram demasiadamente como o psicologismo e a necessidade tornar a Filosofia uma ciência de rigor sem necessidade de apoiar-se no método científico-natural, o que fez na obra *A Filosofia como ciência de rigor* (HUSSERL, 1965).

Entendo que é no mundo que os significados são atribuídos pelo homem, por isso, mesmo que não se tenha contato direto com o homem, teremos com as suas criações e por meio delas é possível (des) cobrir as suas intenções e os significados a ela atribuídos. Os entes criados pelo homem são em essência manifestação das suas intenções e dos significados que atribui a eles. Um exemplo claro desta afirmação são os livros de “autoajuda” financeira, as tecnologias e a política. Podemos, por exemplo, falar de política e de valores e ao tratar a respeito

deles estaremos tratando de um dos modos de ser homem em sociedade.

Husserl (2012) pensa definitivamente o conceito de mundo-da-vida (Lebenswelt) após vários esforços, sendo este além da intencionalidade, da consciência e da redução, um conceito determinante para a compreensão da proposta da Fenomenologia.

Pizzi (2006) apresenta o mundo, ou melhor, os mundos da vida para Husserl, esclarecendo como o Pai da Fenomenologia utilizou os termos mundo e vida, de modo indissociável, sem tampouco recusar o aspecto lógico-matemático nele presente. Revisitando outros autores, Pizzi (2006) destaca que existem diferentes denominações de mundo da vida em Husserl e, cada uma delas, tem relação direta com as inquietações dele em seus escritos. Tais denominações são descritas pelo autor acima citado como sendo: mundo da atitude natural, mundo da vida concreto, mundo circundante histórico, mundo da vida originário e mundo primordial.

Guimaraes (2011) confirma ser a preocupação central de Husserl em relação ao rigor da fenomenologia, ou seja, retornar o olhar para o mundo-da-vida que havia sido esquecido pela ciência. E nesse sentido Husserl acentua o mundo-da-vida como o núcleo da vida, por isso a ligação entre mundo e vida que irá interessar a Maurice Merleau-Ponty e Alfred Schutz, por exemplo. A vivência só acontece para aquele que a vivencia e atribui significado a vida, a existência.

Para compreender o modo de ser e estar no mundo-da-vida (Lebenswelt) do homem contemporâneo, mundo este percebido como um mundo repleto de variações e em constantes mudanças, portanto preferencialmente afetado por constantes operações financeiras e creditícias em que homens se relacionam, tendo o dinheiro como mediador.

Parto da intenção de tentar desvelar o significado que a vivência financeira tem no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo, mas, para isso, uso uma leitura de evidências imediatamente colhidas do mundo da vida, na “ousadia” de desvelar o significado destas, enquanto vivências intencionais do pesquisador.

Husserl propôs que a fenomenologia fosse a ciência do mundo da vida, em oposição à perspectiva da ciência natural que apresenta o mundo apenas como um lugar e regido por leis físicas e matemáticas, ou seja, um mundo de idealidades (HUSSERL, 2012). Para as ciências, o mundo é físico dotado de características e propriedades materiais, e em geral tratado, de modo simplista, como espaço e lugar onde o homem habita e domina a natureza.

As ciências de fatos, as ciências da natureza são consideradas por Husserl (2006) como ciências regionais e apoiam-se em outras ciências e no método experimental apenas para manter o seu estatuto de ciências válidas e importantes para a humanidade. Conforme discutem Ferraz (2004) e Struchiner (2007) a fenomenologia husserliana trouxe para si a responsabilidade por anunciar a necessidade de se reestabelecer o distanciamento e o esquecimento entre o mundo da ciência e o mundo-da-vida ocasionado pelas decisões do progresso e da ciência.

Guimarães (2010), Restrepo (2010), Ferraz (2004) e Struchiner (200) discutem e atualizam cada um a seu modo às reflexões husserlianas, destacando a importância que o mundo-da-vida tem para a compreensão dos problemas contemporâneos. Para os autores sem a compreensão do mundo-da-vida não conseguimos compreender o sentido que este tem para o mundo humano.

Tendo como base a leitura de Husserl, Schutz (2012, p. 84) estes dizem que: “O mundo da vida cotidiana deve ser considerado como o mundo intersubjetivo que já existia antes de nosso nascimento, que já foi experimentado

e interpretado por outros, nossos antecessores, como um mundo organizado”.

Ele é um mundo impregnado de pessoas que vivem em atitude natural e que não têm conhecimento do que acontece ao seu redor. Por isso precisamos em sua cotidianidade agir de modo livre e responsável sobre ele para que as nossas ações possam modificá-lo, ações estas fruto de análise reflexiva e crítica acerca daquilo que se revela para nós.

Guimarães (2012) ao revisitar a obra husserliana destaca em suas reflexões que o problema do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) central e, oferece importantes elementos para a análise da vivência no mundo contemporâneo. Nesse estudo, o autor realiza a análise reflexiva direcionada ao mundo da vida, tendo como base: a crítica ao psicologismo, o mundo vivido e seu caráter de horizontalidade, o processo de ideação, a razão científica *versus* a razão fenomenológica, a verdade e ocultamento de sentidos, evidenciação, inseparabilidade entre os mundos sensível, real e inteligível. O autor nos convida a uma reflexão sobre o sentido do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e sua relação com os sentidos atribuídos pela ciência e pela razão.

As reflexões de Guimarães (2010; 2012) contribuem, neste contexto, para que eu atualize e tente desvelar os significados que podem ser intuídos da vivência financeira percebidos imediatamente no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo. Guiado pela intenção de desvelar estes significados e apoiado nas reflexões da fenomenologia husserliana, percebo que a matematização da vida, a naturalização da consciência e das ideias tão tematizadas por Husserl (1965) e outros fenomenólogos e filósofos da existência, corroboram para reconduzir o olhar sobre o sentido que os contemporâneos atribuem a sua vivência financeira. Parece que “viver” e “viver com o outro” só pode ocorrer se o dinheiro e o crédito estiverem sendo usados “obrigatoriamente” como mediadores

imediatos das relações pessoais e sociais, pois o valor da existência e das relações intersubjetivas foi desviado para os objetos universalmente consumíveis e descartáveis (GUIMARAES, 2012; BORBA; 2011).

Guiei, pois, minha análise, a fim de compreender a essência da vivência financeira contemporânea, seguindo as orientações husserlianas de fazer todo esforço intelectual possível de ir “às coisas mesmas”, ou seja, as vivências como elas são percebidas e intuídas diretamente no mundo-da-vida, mundo marcado por um uso crescente de aparatos tecnológicos e por relações excessivamente comerciais. Relações estas determinadas pelo Deus-Dinheiro (SIMMEL, 1896/1985; 2006). Ou, como lembra o filósofo contemporâneo Giorgio Agamben⁴:

Para entendermos o que está acontecendo, é preciso tomar ao pé da letra a idéia de Walter Benjamin, segundo o qual o capitalismo é, realmente, uma religião, e a mais feroz, implacável e irracional religião que jamais existiu, porque não conhece nem redenção nem trégua. Ela celebra um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro. **Deus não morreu, ele se tornou Dinheiro.** O Banco – com os seus cinzentos funcionários e especialistas - assumiu o lugar da Igreja e dos seus padres e, governando o crédito (até mesmo o crédito dos Estados, que docilmente abdicaram de sua soberania), manipula e gere a fé – a escassa, incerta confiança – que o nosso tempo ainda traz consigo. Além disso, o fato de o capitalismo ser hoje uma religião, nada o mostra melhor do que o título de um grande jornal nacional (italiano) de alguns dias atrás: “salvar o euro a qualquer preço”. Isso mesmo, “salvar” é um

⁴ AGAMBEN, Giorgio. Folha Social. 15 out. 2013. Disponível em: <http://www.folhasocial.com/2013/10/deus-nao-morreu-ele-tornou-se-dinheiro.html>

termo religioso, mas o que significa “a qualquer preço”? Até ao preço de “sacrificar” vidas humanas? Só numa perspectiva religiosa (ou melhor, pseudo-religiosa) podem ser feitas afirmações tão evidentemente absurdas e desumanas. (griffo meu)

Ao lado de Husserl, Simmel também oferece uma análise bastante lúcida daquilo que ele intui e observa acontecer na modernidade: o avanço do pensamento contábil, da racionalidade moderna e da cultura objetiva sobrepondo-se e determinando a cultura subjetiva. Soma-se a isso a força que o dinheiro passa a ter na construção da “personalidade” do homem contemporâneo, evidências estas que ele mesmo recomenda que o psicólogo não ignore.

Assim, para compreender os significados atribuídos à vida contemporânea é imprescindível que seja (des)velado o valor que os homens em comunidade dão ao dinheiro e à técnica nas relações intersubjetivas e sociais, bem como a força do espírito objetivista, característico das ciências físico-objetivas e presentes nas relações entre o homem e o dinheiro.

É importante lembrar que toda vivência financeira é, nos termos deste estudo, compreendida não apenas a partir da perspectiva subjetiva, mas intersubjetiva, pois o homem só se constitui enquanto homem na sua relação com outros homens no mundo da vida. Husserl (1923, p. 795): *“Todo vivir el uno com el otro es vida que establece la relación de coincidencia entre yo y outro yo com respecto al vivir, relaciones de unificación simpatizante o de oposición, em el rechazo, la antipatia etc.”*

Considerando a importância do outro na vivência do eu e observando os modos de comunicar o “progresso” científico e tecnológico, é perceptível que a escolha do homem por este modo de vida o levou a uma vida racional, instrumental e comercial, onde ele e o outro, em suas

relações têm não apenas um caráter empático e afetivo, mas comercial, contábil e mercadológico. O outro aparece como uma mercadoria que pode ser adquirida em troca de algo quer este algo seja afeto, companhia ou satisfação pessoal ou sexual. As relações intersubjetivas são marcadas, hoje, por aquilo que o dinheiro ofereceu ao mundo moderno, como disse Simmel (...) pela lógica do “quanto?”.

Georg Simmel e Edmund Husserl permitem com sua imersão no mundo-da-vida que consigamos compreender hoje, como estes dois pensadores modernos são fundamentais para a leitura do cenário contemporâneo. Se por um lado Husserl acusa as ciências por reduzirem a subjetividade a mero objeto, Simmel do outro aponta a formação de personalidades calculistas e dependentes da força do dinheiro. Ambas as visões, corroboram para que seja possível compreender as intenções atuais das relações humanas, não tão mais humanas assim, mas capitalizadas no sentido de que são financeirizadas.

A emergência do pensamento calculista e o progresso técnico-científico buscado pelo homem trouxeram, para ele próprio, as consequências da escolha por um modo de viver pautado preferencialmente no “quanto vale”, “quanto se pode pagar por”. Tais modos de existir têm apontado para vivências financeiras marcadamente egoístas e isoladoras, daí por que penso que criamos uma sociedade de homens “autistas” no sentido em que cada um fica preso ao seu mundo, reduzindo cada vez mais o contato e o valor do outro a uma mercadoria. Já que a participação na comunidade ou é mediada pelo dinheiro ou sustentada por ele como modo de destaque, ou seja, ou o dinheiro é o modo que me permite ser inserido na comunidade, ou, ele é o mecanismo usurpador da relação de alteridade entre os homens.

Dada a importância que o dinheiro tem na cena contemporânea, sinalizo a existência de um mundo do dinheiro, do consumo e dos endividados, principalmente

dos endividados, já que as pesquisas atuais indicam um crescente nível de endividamento.

1.2 O mundo do dinheiro e o “mundo de endividados”.

Atualizando o tema do mundo-da-vida (Lebenswelt) no cenário contemporâneo (des) cubro que tanto o mundo do dinheiro como o mundo dos endividados está contido dentro do mundo da vida, já que o mundo-da-vida é o mundo das evidências originárias dos fenômenos que aparecem à consciência.

É originária a relação que o homem mantém com o dinheiro em suas mais diversas formas de manifestação: especiarias, animais, ouro, o próprio homem e a mulher (tanto como escravos, como prostitutas (os), terras, joias, conhecimento, bens materiais, cédulas, moedas, etc.) ele através dos tempos, já assumiu vários modos de se revelar. Dentre estes modos, os animais⁵, o ouro, o algodão, a posse de terras e até os próprios homens e mulheres foram objetos valorados e meios de troca. Mudou-se a configuração, mas não a essência. O dinheiro continua sendo o mediador por excelência dos atos intencionais acerca das intenções do homem de poder, de ostentar e de preencher o vazio da existência. Tentativa ingênua já que o vazio faz parte da condição humana e será sempre fenômeno para uma consciência imersa no mundo da vida.

O dinheiro surgiu como meio de troca, onde por meio do escambo o homem trocava objetos por outros, em função de suas necessidades de sobrevivência, segurança,

⁵ A transformação do animal de caça, em animal de companhia e mais recentemente em animal-mercadoria, adquirido em pet shops e lojas especializadas, ou mesmo diretamente com criadores mostra a perda da relação originária e a transformação do sentido dessa relação sempre mediada pelo dinheiro, salvo quando estes animais são abandonados.

fome e desejo, nesse cenário o crédito foi sendo desenvolvido. Do ato de “pendurar” as contas até a criação do cartão de crédito a humanidade foi “presenteada” com novos meios de pagamento e de endividamento, meios estes que tornaram possível o progresso da sociedade capitalista. (BORBA, 2008).

Em princípio, os meios de acesso ao crédito indicavam apenas uma ideia de “sair do sufoco” e, depois a ideia de “progresso”, de um ato necessário de ser realizado para que se consiga adquirir os bens de consumo e os serviços que necessitamos durante o desenvolvimento da modernidade, ou seja, endividando-se para atender as promessas de felicidade da sociedade de consumo. Hoje, em tempos hipermodernos, tempos de crise e excessos, o endividamento exacerbou-se, o homem não tem mais os objetos apenas como meio de troca, ele voltou a ser o próprio objeto de troca da idade antiga, só que agora se sente “orgulhoso” por tal feito. Troca valores, ideias, modo de ser e estar no mundo pela posse de um “objeto” que passa a ser dono das suas escolhas e atitudes, dentre eles está o dinheiro e suas variações.

Com o passar dos tempos e os avanços dos modos de ser oferecido pelo capitalismo, chegamos ao capitalismo de consumo que é incentivador do processo de endividamento. De acordo com Borba (2009) o capitalismo de consumo é uma etapa do capitalismo, onde não é mais a especulação financeira o carro-chefe do sistema, mas sim o estímulo exacerbado ao consumismo como um estilo de vida que garante a “inclusão social” e “democratização”.

Se Edmund Husserl em sua época incomodou-se com os desmandos da irracionalidade da razão que foi vista no apego à orientação natural e na separação subjetividade-objetividade, hoje nada mais justo que reconhecer que esse modo de ser não desapareceu, mas continua a exacerbar-se ainda mais. Cabe aos fenomenólogos contemporâneos realizar leituras da realidade contemporânea, tendo os

ensinamentos husserlianos como base, atualizando-os sempre que possível.

Retomemos à discussão sobre o que é o endividamento. Talvez essa seja uma questão central nesta investigação, no sentido em que ao invés de tentarmos estabelecer categorias de endividamento, propomos fazer um (des) velar, e um (des) cobrir o fenômeno do endividamento.

Sandroni (1996) refere-se ao endividamento enquanto aumento de dívidas que acomete as empresas privadas e o setor público, mas não se refere às finanças pessoais. Por outro lado, Tolloti já apresenta dois tipos de endividamento: o ativo e o passivo. Para além de uma classificação, devemos entender que o endividamento ocorre pela ingenuidade da consciência, ou seja, pela sua imersão na atitude natural, acrítica e adormecida.

Nesse sentido, é natural que algumas questões surjam, tais como: o que então significa endividar-se para o homem contemporâneo? Ele tem “consciência” da intenção de endividar-se, ou se permite permanecer endividado como um modo de estar no mundo com os outros para se sentir existindo?

Diante do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) assegura Husserl (2012) que não há nenhuma necessidade de se criar artifícios para compreendê-lo, porque a realidade que se apresenta ao filósofo ou ao psicólogo, já traz em si mesma as evidências apodíticas da realidade. “Para quê investigar as relações de fundamentação e construir demarcações, se a verdade já está comunicada à percepção imediata?” (HUSSERL, 2005, p. 40)

A problemática em questão possibilita também pensar as relações entre o “comportamento” humano, a filosofia, a psicologia e as finanças pessoais. Como foi dito anteriormente, a literatura clássica de finanças, principalmente os livros editados e disponíveis no mercado, não faziam referência aos estudos sobre finanças

comportamentais, todavia hoje já é possível encontrar em livros e em periódicos nacionais artigos que tratam da evolução da teoria das finanças fazendo referência aos estudos sobre comportamento humano e finanças (quer pública ou privada).

Dentre eles estão Matias e Feitas (2007), Saito et. al. (2007), Krauter e Fama (2003). Saito et al. (2007, p. 10) assinalam que na Moderna Teoria das Finanças cabem estudos sobre o comportamento humano. Em relação às questões econômicas destaco os estudos de Daniel Kahneman, prêmio Nobel de Economia em 2002, dada a sua contribuição para a ciência econômica, com a inclusão de conceitos da psicologia na compreensão das decisões dos indivíduos em condições de incerteza.

Nesta relação da Psicologia com as Finanças, Matias e Freitas (2007) identificaram que os estudiosos da escola austríaca faziam pesquisas financeiras com base na análise psicológica da satisfação das necessidades, contudo estas análises foram pautadas na orientação científico-natural, buscando num primeiro momento medir o grau de aversão ao risco. Esse movimento contribui para a criação de duas áreas específicas as Finanças Comportamentais e a Psicologia Econômica preocupadas com a escolha racional⁶ e os efeitos do seu comportamento na tomada de decisão de investimentos. No Brasil Ferreira (2007) realizou estudo sobre a evolução da Psicologia Econômica no Mundo e no Brasil.

Ferreira⁷ (2007) explica que se expandiram os estudos sobre Finanças Governamentais, Psicologia Econômica e Economia Comportamental quando Daniel

⁶ Estes estudos partem do pressuposto de que existe um "*homo economicus*" que toma decisões racionais, ligado diretamente a razão instrumental.

⁷ A autora aponta que as bases teóricas desta área de conhecimento estão calcadas nas teorias comportamental, cognitiva e na psicanálise.

Kahneman e Amos Tversky receberam o prêmio Nobel de Economia pelo desenvolvimento de teorias sobre percepção e decisões em cenários de risco e incerteza, a chamada Teoria do Prospecto.

Husserl e Simmel viveram o início dos tempos modernos, tempo onde se iniciava um modo de vida pautado no apego a ciência, à produção e ao progresso tecnológico e técnico-científico. Seu maior reflexo é a hipermodernidade, conceito contemporâneo, que não fazia parte dos estudos destes teóricos, mas que foi por mim utilizada aqui para acentuar o caráter de excessos que compõe a vida moderna, a saber: excesso de progresso, excesso de consumo, excesso de endividamento.

O novo modo de vida da sociedade capitalista, assim como discutem Soares e Dantas (2006), Ewald et. al (2006), Nicole (2006) e Lipovetsky (2007) é um hiperconsumo e um hiperendividamento, já que o homem inserido no mundo-da-vida (Lebenswelt) sofre influências da publicidade e opta pelo consumo e pelo endividamento como um modo de existir socialmente. Nesta sociedade, a entrada no mundo do endividamento e do consumo tornou-se essencial.

Soares e Dantas (2006, *passim*) dizem ser a sociedade hipermoderna, um tipo de sociedade marcada pelo movimento, pela fluidez, pela exacerbação do individualismo em detrimento do coletivo. Lipovetsky (2007) o filósofo e teórico da hipermodernidade afirma ter contribuído para o surgimento do *homo consumericus* - um hiperconsumidor⁸ - que acredita ingenuamente satisfazer seus desejos no ato de consumir, tendo ansiedade pela felicidade imediata, pelo efêmero, não pode, portanto, perder tempo com nada, uma vez que busca todas as alternativas possíveis para aproveitar ao máximo o tempo cronológico e disponível na sociedade de consumo. Esse é o indivíduo da sociedade hipermoderna que, segundo Gauchet (1992, p.179) citado por Haroche, sua (2004, p. 228): “[...] personalidade hipermoderna aparece como sendo sem engajamento — o indivíduo está ‘ligado, mas distante’.

Experimenta ‘a necessidade da presença dos outros, mas afastado desses outros’, abstratos, inconsistentes, permutáveis, inexistentes.

Mészáros (2004) argumenta que o capital⁹ se apropria de todas as possibilidades para manter o homem alienado por meio de diferentes armadilhas a fim de prendê-lo aos valores utilitários e efêmeros, degradando os valores humanos¹⁰ e, reduzindo-os ao *status* de custos de produção ou até mesmo uma mercadoria comercializável, envolvendo-o no espetáculo do consumir para ser, isso é o que Debord (1988) discute e apresenta.

⁸ Quanto mais o hiperconsumidor detém um poder que lhe era desconhecido até então, mais o mercado estende sua força tentacular; **quanto mais o comprador está em situação de auto-administração, mais existe extrodeterminação ligada a ordem comercial.** (LIPOVETSKY, 2007, p. 15) *griffo nosso*

⁹ Barreira (2005, p. 17) argumenta que: (...) o *capital* é uma relação social que transforma todo o conteúdo concreto da produção, que se

Soares e Dantas (2006) e Aubert (2006) afirmam que o indivíduo hipermoderno é um sujeito em constante estado de alerta (não no sentido de ter a consciência desperta, mas em constante excitação). Indivíduo que é um toxicômano da ação, pois apropria-se do tempo e das oportunidades como se fossem as últimas de sua vida terrena, por isso lida com o tempo como se pudesse controlá-lo, tentando ingenuamente afastar ou evitar a finitude, o que é impossível.

Ewald et. al (2006) destacam tratar-se de um tipo de homem que tenta estar e ser no mundo via acumulação de produtos e angustiado com sua existência. Nesse sentido, para discutir as características do sujeito hipermoderno, Aubert (2006, p. 157) propõe que para ele: *“(...) la satisfaction immédiate de ses désirs et intolérant à la frustration, il poursuit cependant, dans nouvelles formes de dépassement de soi, une quête d’absolu, toujours d’actualité.”*

E o que fez a sociedade de consumo para naturalizar o dinheiro como Deus, as vivências financeirizadas e pautadas em relações de consumo e de endividamento?

apresenta como mercadoria, numa forma abstrata de riqueza, a forma-dinheiro.

¹⁰ Aranha e Martins (2003) lembram a reflexão que Horkheimer e Adorno fizeram sobre a dissimulação dos conflitos, na sociedade de total administração, possibilitou que o indivíduo perdesse sua dimensão crítica.

Uma pista é dada por Trinta e Trinta (2005, p. 7) visto que eles ratificam que: “A *sociedade de consumo* realizou o prodígio de fazer do ato de compra uma festa; da venda, uma arte; e da exibição aparatosa, um espetáculo¹¹.” Sociedade esta na qual o hiperconsumidor que busca, segundo Ewald et al (2006) uma eterna compressão espaço-temporal para existir e temporalizar. Ler autoajuda e “seguir” suas recomendações pode, aos olhos do senso comum, ser uma forma de vencer estas limitações do tempo e do espaço, como se fosse possível transcender.

1.3 Receita para conduzir a vivência financeira do homem contemporâneo: a literatura de “autoajuda” financeira, o afeto, o dinheiro e as finanças.

“Por isso, o psicólogo não deve negligenciar aquela queixa comum que acusa o dinheiro de ser o deus da nossa época.”

Georg Simmel

A citação acima permite exemplificar a preocupação na relação que há entre dinheiro, psicologia e vida cotidiana. A psicologia, em tese, não pôs o dinheiro dentre as suas discussões como um tema de importância, salvo a Psicologia Econômica que irá ser abordada nesta seção. Na atual sociedade de hiperconsumo, pautada em relações mediadas pelo ter e não mais pelo ser, essa relação precisa ser reestabelecida, não pode a psicologia ver o dinheiro apenas como uma variável externa ao mundo, ao homem e às suas relações, ele é sim um elemento e um indicador sintoma do modo de vida humano.

Ao apresentar as idéias centrais de Simmel, Waizbord (2000, p. 140) diz que o dinheiro ocupa uma

¹¹ Termo bem explicado na obra de Debord (1997)

posição estratégica da sua “psicologia”: ‘Para a psicologia do dinheiro’ significa um duplo movimento: analisar na consciência o processo que transformará o dinheiro em um caso radical da transformação dos meios e fins, e por outro lado analisar os efeitos do dinheiro faz recair sobre essa mesma consciência.

O dinheiro, nesse contexto, é tanto para Simmel quanto para Benjamim o “Deus do mundo moderno” e continua a sê-lo em tempos hipermodernos, só que agora fetichizado de diferentes maneiras e objetos, além dele mesmo.

Simmel (citado por Waizbort, 2000, p. 142) nos ensina que:

“A ‘impessoalidade’ do dinheiro, seu ‘anonimato’ (p. 59) são traços fundamentais do dinheiro que não se restringem a ele, mas a tudo o que ele, com seu toque de Midas, alcança. Por isso, sempre que valores pessoais estão em jogo, o dinheiro parece ser tão impróprio como forma de reparação. Tudo que é pessoal, individual, específico está no pólo oposto ao dinheiro.”

Se o dinheiro e o crédito permitem o acesso ao mundo do consumo, consequentemente das relações sócio-comerciais, percebo que através dele o movimento intencional da consciência dos homens hipermodernos (consumistas e endividados) acredita que, pela posse, resolvem questões existenciais. Tornam-se, no entanto, escravos do modo de existir financeirizado.

Borba (2011) diz que a literatura de “autoajuda” financeira ratifica esse mundo do dinheiro, do modo de ter para ser, como um estilo de vida, principalmente quando indica modos de pertencimento que é uma das características dos livros. Assim é que a “autoajuda” pode ser entendida como um indicador de sintoma das relações entre o homem, suas finanças e a lógica hipercapitalista,

pois proporciona pensar no viés psicológico que a crise do capitalismo instaurou para mantê-lo vivo no mundo.

Vejo que a crise do capitalismo contemporâneo tem certa semelhança com a crise que Husserl sinalizou à comunidade europeia. Crise esta originada pela opção em adotar o modo positivista de pensar as relações homem-mundo, originalmente naturalista. Tal crise se configura hoje não apenas como uma crise do capitalismo, mas como uma crise da subjetividade e das relações intersubjetivas.

Sobre a relação subjetividade e curto prazo, Bauman (2010a, p. 45) adverte que: “O objeto das operações de crédito não é só o dinheiro pedido e emprestado, mas o revigoramento da psicologia e do estilo de vida de “curto prazo”. É na manutenção de um estilo de vida com vínculos frouxos, fluidos, velozes e mutantes que tem se proliferado estilos de vida financeirizados e mercantilizados. “O mercado não sobreviveria caso os consumidores se apegassem às coisas”. (BAUMAN, 2007, p. 48). Os homens começam por descartar coisas, depois, descartam outras pessoas e a si mesmos.

Nessa mesma lógica, estão os livros de “autoajuda” financeira, já que eles não contêm respostas completas e nem poderiam, mas mantém em seus textos a perspectiva de que o leitor alcançará o que quer com a leitura, alguns outros já indicam, na própria capa, leituras que complementam ou dão continuidade ao que é professado. A instabilidade movimenta esse mercado de ilusões (CHAGAS, 2001).

Simmel destacou como característica da época moderna a mudança do padrão de comportamento humano que tem o dinheiro como seu representante maior. “Quanto mais predominante é o dinheiro, mais anulado é o caráter qualitativo das coisas (do mundo, dos homens)” (WAIZBORT, 2000, p. 153)

Matias e Freitas (2007, p. 4) destacam que a relação do homem com as finanças é historicamente percebida na

evolução do pensamento financeiro: “Na Idade Média, o cristianismo influenciou o comportamento humano e estabeleceu procedimentos em relação a Finanças.” Sendo que na Idade Moderna e na Renascença surgiram em meio ao grande número de pensadores, alguns que se preocupavam com os problemas financeiros; tais como: a correlação entre a economia privada e as finanças públicas. Estes temas são objeto de estudo da obra de Diomedes Carafa.

Saito et al. (2007, p. 10) assinalam que dentro da Moderna Teoria das Finanças cabem os estudos sobre o comportamento humano e as questões econômicas:

Adicionalmente, vêm ganhando relevância os estudos que procuram relacionar o comportamento humano com os conceitos econômicos, de forma a entender a influência do fator humano nas decisões financeiras, formando, assim, um novo ramo de pesquisa conhecido como Finanças Comportamentais, fundado por Richard Thaler. Para ilustrar a relevância desse assunto, cabe mencionar que Daniel Kahneman foi premiado com o Nobel de Economia em 2002, pela sua contribuição para a ciência econômica, com a inclusão de conceitos da psicologia na compreensão das decisões dos indivíduos em condições de incerteza.

Nesta relação da Psicologia com as finanças, resta observar ainda o que Matias e Freitas (2007, p. 8) identificaram em sua pesquisa iniciada no século XIX: “Na Áustria, na chamada escola austríaca, estudiosos faziam pesquisas financeiras com base na análise psicológica da satisfação das necessidades, com base no valor. K Menger (1840-1921), Boem-Bawerck (1851-1914) foram exemplos desses estudiosos.”

Esse movimento contribuiu para a criação de duas áreas específicas: as Finanças Comportamentais e a

Psicologia Econômica em que ambas buscam compreender a relação do homem com o uso do dinheiro e do crédito e os efeitos do seu comportamento na tomada de decisão de investimentos. Partem do pressuposto de que existe um "*homo economicus*" que toma decisões racionais. Contudo resta observar que não é só de racionalidade que se mantém a existência humana.

Abordando ainda as finanças comportamentais encontrei um número expressivo de artigos que discutem os fundamentos, os interesses e os resultados desta área de conhecimento, dentre eles estão os trabalhos de: Milanez (2003), Savoia et al (2006), Krauter e Fama (2007), Matias e Freitas (2007) e Marcon (2007). Existem também, trabalhos na área da Psicologia Econômica, iniciados com Pierre-Louis Reynaud (1967); George Katona (1975); Setephen Lea, Roger Rarpy e Paul Webley (1987); Carlos Descocouvières (1998), Fred van Raaij (1999), Carlos Barracho (2001) e que são apontados na tese da Psicóloga e Psicanalista Dr.a. em Psicologia Social Vera Rita de Mello Ferreira.

Contudo, foi realmente em 2002 que a disciplina expandiu-se, quando Daniel Kahneman e Amos Tversky receberam o prêmio Nobel de Economia pelo desenvolvimento de teorias sobre percepção e decisões em cenários de risco e incerteza, ou seja, a chamada Teoria do Prospecto.

Ferreira (2007) e outros apontam que as bases teóricas desta área de conhecimento estão calcadas nas teorias comportamental, cognitiva e psicanálise. No caso em questão, vale saber o que é a psicologia econômica e também quando ela se origina.

Albou (1974) citado por Albou (1980) comenta que a Psicologia Econômica surgiu em 1902, com a publicação de dois volumes, por Gabriel Tarde, com o título já mencionado, com conteúdo de forte embasamento no método experimental e na psicanálise. Ambas as

publicações utilizaram métodos onde a razão, as categorias explicativas e o uso de métodos experimentais eram dominantes.

1.4 A Psicologia e o Dinheiro

O homem sempre manteve uma estreita relação com o dinheiro, tendo dado a ele um significado existencial, como se fosse um ser vivo. O dinheiro nos seus inúmeros modos de se revelar tem conferido ao homem o poder de conquistar a humanidade, de adquirir bens e transformar a natureza, tornando qualquer um deles em objeto de deleite próprio.

No livro de autoajuda *Dinheiro não dá em árvore* Godfrey (1994, p. 11) diz que: “A verdade é que o dinheiro nos afeta. Não importa quanto temos ou não temos, ele afeta nosso humor, nosso casamento, nossos objetivos, nossos sonhos e a nossa personalidade”. Não há nada de novo nessa constatação.

Isso ratifica o fato de que, na história da humanidade, os cristãos, por exemplo, foram orientados pelos seus fundamentos religiosos a não valorizar o dinheiro ou a não lhe render culto, todavia muitos reis (amados ou odiados pelo povo) demarcavam o seu modo de ser e governar pela oposição à riqueza e ao dinheiro em si.

O Rei Davi, na história cristã, é considerado um dos reis que incentivava o culto e ostentação do poder do dinheiro, o uso de pedras preciosas, a atitude de guerrear pela posse de terras e pelo domínio sobre povos que não reconhecessem a superioridade de Israel. Nesse contexto, podemos dizer que Davi, o jovem ungido por Deus para livrar seu povo dos filisteus, demarcou, também, o lugar que o dinheiro ocupava em sua condição humana.

Tomando como base os ensinamentos professados na Bíblia o escritor Steven K. Scott reuniu no livro de

autoajuda cristã *Salomão o homem mais rico que já existiu* uma associação entre o sucesso, a religião e as finanças. O autor diz na sinopse do livro: “Neste livro me concentrarei nas estratégias e passos extraídos do livro bíblico dos Provérbios que apliquei às áreas profissional, pessoal e financeira da minha própria vida. Após examinarmos os conselhos de Salomão em cada capítulo, oferecerei algumas técnicas simples que utilizei para implementar os conselhos no meu cotidiano¹²”.

Abaixo apresento um trecho do Capítulo 1 em que ele esclarece como o homem mais rico que já existiu, pode ensinar ao leitor modelos para obter mais felicidade, sucesso e dinheiro auxiliando a ter uma melhor compreensão dessa relação:

Imagine sair de um salário abaixo da média para uma renda pessoal de mais de 600 mil dólares por mês. Imagine perder nove empregos durante os seis anos que se seguiram à faculdade e, então, no décimo, erguer 12 negócios do zero, alcançando vendas de bilhões de dólares. Imagine fazer tudo isso seguindo passos específicos ensinados por Salomão no Livro dos Provérbios do Antigo Testamento. (p. 7)

A oração de Salomão

Salomão nasceu por volta do ano 974 a.C. e foi coroado rei de Israel pelo pai, Davi, pouco antes da morte deste. Ele tinha 12 anos de idade. Sentia muito medo de governar Israel, receando que não tivesse a sabedoria necessária. De acordo com o Antigo Testamento, Deus apareceu para Salomão e perguntou o que ele queria. Salomão pediu apenas

12

Disponível

em:

http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/trechos/salomao-o-homem-mais-rico-que-ja-existiu.shtml.

sabedoria e conhecimento para poder julgar com probidade o grande povo de Israel (I Reis 3:9; II Crônicas 1:10). Então Deus disse que, **por ele não ter pedido riquezas, bens, honras e vitórias sobre os inimigos, lhe seriam concedidos mais bens, sabedoria, conhecimento, riquezas e honra do que a qualquer rei do passado ou do futuro.** A promessa foi cumprida. A sabedoria, o sucesso e a riqueza de Salomão aumentaram de forma inimaginável. Além das reservas de ouro que valeriam centenas de bilhões de dólares no mercado atual, ele possuía 4 mil estábulos para seus cavalos e carruagens, e sua folha de pagamento incluía 12 mil cavaleiros. Governantes de nações do mundo inteiro buscaram seus conselhos e pagaram caro por eles. No entanto, no meio da vida, ele começou a violar as regras de conduta, os princípios e estratégias que articulara com tanta sabedoria no Livro dos Provérbios e, ao fazê-lo, seu sucesso e felicidade desapareceram. Para nossa sorte, ele registrou muitas de suas leis de conduta no Livro dos Provérbios. (p. 9)

O trecho acima mostra o interesse em associar a sabedoria de Salomão a uma estratégia para ficar rico. Em um dos ensinamentos a humildade e a persistência são elementos determinantes da riqueza. Por isso, hoje, em tempos hipermodernos, vejo que onde há relação entre fé e sabedoria é possível também que esta seja atravessada por relações comerciais e atitudes ingênuas. Fica evidente que o livro atende aos anseios de uma sociedade que aprendeu a associar dinheiro, religião e pensamento positivo, muito comum em livros de igrejas pentecostais.

Na modernidade, a confirmação do poder do dinheiro ocorre de forma exponencial, pois seu uso se oficializou como meio de troca, não apenas nas relações mercantis, comerciais e bancárias, mas acima de tudo nas

relações sociais, familiares e afetivas. Com o advento do capitalismo, com a globalização e o “progresso tecnológico” o dinheiro ganhou formas diversas, dentre elas a forma de plástico (cartão de crédito/débito) e a forma virtual. (BORBA, 2008)

Nas relações familiares, por exemplo, declara Simmel (2006) que a instituição do dote nas relações afetivas **viveu** uma das fases em que o dinheiro foi usado para comprar afetos, pessoas e capturar subjetividades.

Logo, ter dinheiro, bens patrimoniais deu ao homem a falsa ilusão de que ao tê-lo, o caminho para a felicidade seria menos sinuoso e que sua aceitação no meio social seria mais fácil. É o que ratifica Smiles (s. d, p. 331-332):

A maneira por que o homem se serve do dinheiro, o ganha, o economisa, e o gasta, é talvez uma das melhores pedras de toque da sua sabedoria prática. Ainda que o dinheiro não deve considerar-se como um dos fins principais da vida, nem por isso deve ser tratado com desprezo philosophico, porque representa em alto grau os elementos do bem-estar: physico e social.

Fonseca (1994) ao analisar o que chamou de “Uma Psicologia do agente econômico em David Hume e Adam Smith”, destaca que o pensamento destes dois iluministas escoceses sobre o funcionamento da mente humana e modos de comportar-se na vida cotidiana é afetado por fatores sub-rationais. Professa o autor que o apego ao dinheiro e a idade é que interessam e, não a tranquilidade e o prazer, ser rico nesse caso, assegura a quem o possui o *status* de sempre estar em evidência para com o seu semelhante, de lhe colocar num lugar superior, de ser admirado e de querer ter atenção constantes. Através do dinheiro, o homem rico se garante como detentor de valores morais e materiais que deveriam ser admirados e referenciados. Essa constatação, feita no século XVII,

sofreu algumas modificações no cenário do capitalismo contemporâneo, mas principalmente exacerbou-se.

Tal exacerbação tem trazido diariamente a este mesmo homem insegurança, medo, instabilidade e aprisionamento, pois o bem antes desejado, passou a ser agora alvo de meliantes que sem poupar vidas, aventuram-se na captura daquilo que é posse do homem rico. Riqueza no atual mundo contemporâneo é sinônimo hoje de estar em constante ameaça de morte.

O pensamento do filósofo francês Nicolas Malebranche (citado por Fonseca, 1994, p. 4) ilustra a relação do homem com riqueza: “as pessoas geralmente estão até mais interessadas em aparecer diante aos olhos dos outros como ricas, cultas e poderosas do que realmente ser.” Eis a importância do dinheiro como um agente mediador nas relações sociais e afetivas.

Bruckber (2002, p. 173) dá à riqueza um caráter de acesso à vida pública que, no caso da sociedade atual, é espetacularizada: “É que a riqueza é antes de tudo um espetáculo a ser exibido, que regala os olhos, aguça os apetites, alimenta o rancor.”

Sciliar¹³ lembra alguns personagens da ficção que auxiliam a esclarecer a questão do apego ao dinheiro, mas especificamente da avareza ao longo de séculos.

¹³ SCLiar, Moacyr. A avareza na ficção. **Mente Cérebro**. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/a_avareza_na_ficcao.ht
[ml](http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/a_avareza_na_ficcao.ht)

Honoré de Balzac (1799-1850) e Fiódor Dostoiévski (1821-1881) viviam atolados em dívidas, sobretudo o escritor russo, que era um jogador compulsivo. Não é de admirar que avarentos tenham dado grandes personagens da ficção. O primeiro exemplo é, naturalmente, o Shylock, de William Shakespeare (1564-1616) na comédia *O mercador de Veneza*, do fim do século XVI. Shylock era um agiota. Na Idade Média, o empréstimo a juros era proibido aos cristãos e reservado ao desprezado e marginal grupo dos judeus. Um arranjo perfeito: quando o senhor feudal não queria ou não podia pagar dívidas contraídas com os agiotas, desencadeava um massacre de judeus, um grupo desprezado e marginalizado, e resolvia o problema. Shylock sente-se desprezado e quando empresta dinheiro a Antonio, um mercador, pede em garantia uma libra da carne do devedor: ele quer que este se revele inadimplente e pague a dívida com a matéria de seu próprio corpo: um esforço desesperado e grotesco para ser respeitado. (p.1)

Se o dinheiro então assume para o homem um lugar de suprema importância, ele é como diz Simmel (1900) o mediador por excelência das relações sociais e matéria-prima para a financeirização da vida contemporânea.

1.4.1. O dinheiro: mediador eterno das relações sociais e afetivas.

O autor português Mário Gonçalves Viana foi um dos primeiros a escrever livros de “autoajuda” financeira no mundo, o seu livro intitulou-se *Psicologia do Dinheiro*. Este autor apresenta uma aproximação moral, cultural e psicológica que o homem tem com o dinheiro, justificando e pondo em evidência a sua importância que este meio de pagamento tem no cotidiano moderno.

A intenção de compreender como o homem, quer de modo crítico, quer de modo ingênuo, se relaciona com o dinheiro moveu meu interesse para investigar, no decorrer da redação do estudo, o que afeta e promove as mais variadas modificações em seu modo de ser no mundo, de se relacionar com o dinheiro e com outras pessoas.

Apesar de os estudos e pesquisas em Psicologia voltados para estas relações serem quase inexistentes no Brasil, importa resgatar esta relação a fim de compreendermos como os agentes da indústria capitalista dela se utiliza para capturar a subjetividade e manter os seus mecanismos de totalitarismo via sociedade administrada.

Nesse sentido, consegui perceber que, nos textos de autoajuda, a relação entre a linguagem psicológica e os conteúdos financeiros tende a apontar sempre para modos de captura da subjetividade daquele homem que entende que as dicas ali apresentadas podem modificar a sua vida. Por isso, penso que a afirmação de Furnham e Areyle (2000, p.10) é capaz de expressar essa reflexão: Os psicólogos interessam-se pelas atitudes assumidas perante o dinheiro, pelo pôrque e o como as pessoas se comportam de certas maneiras em relação ao dinheiro e quando na sua posse, assim como se interessam pelo efeito que este exerce sobre as relações humanas.”

Acontece, porém, que o homem aceitou ingenuamente para si, a condição de mercadoria, tornou-se ele próprio valor de troca, permanecendo em atitude natural/mecânica, onde opta por não refletir pelo significado de suas ações, mas apenas acatar as necessidades criadas pelo sistema capitalista e assim coisifica-se, transforma-se em mercadoria viva. Este processo foi confirmado por Simmel (2006) que na sua época o dote era o meio de negociação da posse do “amor” do homem para com a mulher, relação que tem o próprio processo de construção da subjetividade e do valor dado ao dinheiro na modernidade.

Assim como Bauman, Simmel (1967, p. 13), destacou que o pensamento calculista, a intelectualidade e o domínio do dinheiro sobre a vida na metrópole foram determinantes ao modo de vida matematizado: “*O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão: quanto?*”.

Compreender de que maneira e como o dinheiro influencia na subjetividade e nas relações sociais e afetivas, nas escolhas de mundo e de modos de ser, tornou-se um elemento bastante motivador deste texto, principalmente quando faço retornos para os livros de autoajuda, neles identifico que as intenções das autorias foram atualizadas. Intenções estas que continuam a se professar no mercado editorial brasileiro de diferentes maneiras.

Assim, na perspectiva deste trabalho, ratificando, não é a explicação, o porquê ou os porquês que me interessam, mas *o quê e como as coisas acontecem*, a compreensão das inúmeras situações que emergem e que são observados à medida que o fenômeno se revela. Eis o fundamento fenomenológico husserliano “voltar as coisas mesmas”.

Diante da possibilidade de pensar uma psicologia social fenomenológica¹⁴ e crítica situamos o olhar fenomenológico e a crítica frankfurtiana aos quês e como estas questões se dão.

Os pensadores frankfurtianos que estabelecem análises críticas sobre a barbárie, o capitalismo, a cultura de massa, o individualismo e os diferentes modos de apropriação da subjetividade e da razão na modernidade confirmam que o modelo de sociedade administrada proposto pelo capitalismo é um modo de manter a consciência alienada.

Assim, o que a Escola de Frankfurt ataca não é o desenvolvimento da cultura de massas, mas a forma

¹⁴ Tomo aqui emprestado o termo utilizado por Ewald (2007).

repressiva específica assumida pela cultura de massa, ou a ela imposta, sob os auspícios do capital monopolista (SLATER, 1978).

A leitura dos frankfurtianos já afeta e afetará, ainda mais, o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que fui afetado, preferencialmente, pelas ideias de Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse. Por sua perspectiva crítica e por seu caráter transdisciplinar dialogarei em alguns momentos com eles para fundamentar e clarificar minhas reflexões sobre as estratégias da indústria cultural no capitalismo contemporâneo para promover o culto à riqueza, ao dinheiro e à racionalidade técnica.

É sabido que os teóricos da Escola de Frankfurt não fizeram tratados sobre o dinheiro, mas realizaram importantes análises sobre os efeitos do sistema capitalista e das condições culturais, sociais e políticas que afetaram os modos de vida, apontando sérias e rigorosas reflexões sobre os efeitos de uma sociedade administrada, percebida por eles na música, na literatura, na poesia, nas artes e na cultura.

Modernidade, de acordo com Jamenson (2002), é uma palavra que os capitalistas se apropriaram ao invés de capitalismo, pois isso faz com que a massa pense que o sistema tem um objetivo social, o que não é verdade. O capitalismo não tem nenhum objetivo social, mas o projeto utópico apresentado garante uma democratização das relações sociais e acesso ao mercado consumidor como se este fosse um objetivo que favorecesse ao bem comum: a ingênua entrada no mundo do consumo. O discurso apresentado pelo mundo capitalista é fluído, pois no mercado, o exercício da democratização ocorre na relação ser consumidor para ser cidadão e não o inverso.

Houve, de fato, uma massificação do consumo, do acesso ao mercado de crédito e financeiro, enfim o dinheiro globalizado chegou às camadas populares com o discurso de modernidade e democratização.

Waizbort (2006, p. 160) destaca que Simmel evidencia a ideia de cultura e de dinheiro que caracterizam a modernidade, principalmente porque: “o homem moderno passa grande parte da vida perseguindo a posse do dinheiro, como se toda a felicidade e satisfação da vida humana se resumisse à sua posse.”

Numa busca que realizei na *web*, com as palavras psicologia e dinheiro, imediatamente foram fornecidas pelo buscado centenas de páginas contendo artigos, livros e outros elementos lá disponíveis, e uma das mais interessantes são as constantes ofertas para aumentar a renda, ganhar dinheiro sem sair de casa (teletrabalho), poupar dinheiro, ganhar dinheiro reduzindo impostos ou economizando nas compras, realizar investimentos rentáveis e compreender o segredo do dinheiro. Estas páginas, em tese, contêm os fundamentos da autoajuda e algumas delas oferecem livros e dicas.

Já em 1896 Simmel (citado por Souza, 2005), trata da cultura moderna, destacando a influência desta na economia do dinheiro. Os estudos de Simmel chamam atenção para a relação entre patrimônio e personalidade, onde a propriedade de bens era considerada como padrão de inclusão no seio social. Fato este que se revela até os dias de hoje.

O dinheiro confere para aqueles que o tem, força para a personalidade, passou então a substituir uma série de outros valores moralmente aceitos, ou até mesmo ser a moeda designadora de caráter e, além disso, ser o elemento de conexão entre os membros de um setor econômico ou de setores econômicos entre si.

No contexto de uma modernidade que se estruturava em cima da economia do dinheiro e, conseqüentemente, das relações de troca, ele, o dinheiro, passou a ser elemento atenuador ou absorvidor de delitos graves ou mesmo de penitências religiosas. O dinheiro que era um meio se tornou um fim, um alvo final, e, além disso,

tornou-se o elo entre as coisas mais heterogêneas onde elas se tornaram comuns e comunicáveis entre si. (SIMMEL, 2005)

Diz Simmel (2005, p. 29): “No pagamento em dinheiro, a personalidade não se dá mais a si mesma, mas sim a algo totalmente abstrato e livre de toda relação interna com indivíduo.”

Em suas reflexões sobre algumas relações entre o homem, a mulher e o dinheiro, Simmel (2006) indica que estas são permeadas por um conjunto de situações históricas, culturais e sociais. O filósofo discute a situação histórica de compra e troca de mulheres e, do pagamento de dotes na relação matrimonial ditadas pelos interesses familiares.

Na perspectiva simmeleriana as uniões matrimoniais, os casamentos, por exemplo, foram resultado de um modo de administrar as relações afetivas e sociais que, se atualizadas, inferimos que ainda hoje as pessoas mantêm está prática mascarada de outras maneiras (não é mais o dote em moeda, mas configurado em bens de consumo, em patrimônios ou mesmo na vida oriunda da especulação financeira). O dote ou a troca assume a figura de um imóvel, um bem, uma viagem, a privação da própria individualidade ou, até mesmo, de uma troca entre patrimônios.

Ressalto, mais uma vez que o tornou-se o dinheiro é o mediador das relações sociais e intersubjetivas, já que é também pela via do trabalho e da produção que o homem realiza seus projetos e, nesse sentido, afirma: “É dinheiro a mercadoria que serve para medir o valor e, diretamente ou através de representante, de meio de circulação”. (MARX, 1987, p. 144)

Conforme advoga Simmel, o dinheiro possui a característica de ter um duplo papel, sendo tanto um mecanismo que ao mesmo tempo aproxima e afasta pessoas tanto de si mesmas como dos outros. Daí por que

o dinheiro promove a interioridade e também o intelectualismo, pois nesse binômio: aproximação-afastamento remete o indivíduo ao intelectualismo que passa na análise de Simmel a ser um estilo de vida moderno.

O dinheiro é o agente característico da vida na modernidade (WAIZBORT, 2006) e Freitas (2007, p. 45) ao revisitar em Simmel destacam que o dinheiro tornou-se um mediador por excelência nas grandes cidades e um meio de inversão psicológica do meio em fim absoluto: “o dinheiro é a base da felicidade no cotidiano”. E parece permanecer até os dias de hoje, numa escala cada vez mais progressiva e quiçá patológica.

Ter dinheiro possibilita, numa sociedade de consumo capitalista, um modo de se sentir incluído, “respeitado” e “reconhecido”: social, política e economicamente. Na contemporaneidade, não é apenas a posse de bens materiais ou não que seduzem os homens ou movimentam, o dinheiro, em forma de capital e outras facetas, uma vez que se tornou virtual e especulativo.

1.5 A autoajuda como um modo de compreender as vivências financeiras contemporâneo.

Borba (2011) identificou que os autores de livros de autoajuda ensinam seus leitores modos de como lidar com o dinheiro, fazem análises e sugestões aos leitores para que eles administrem o dinheiro em busca de mais riqueza. Não sendo escravo do dinheiro, mas fazendo-o trabalhar por você. Eis a época da financeirização.

Essa lógica de fazer o dinheiro trabalhar por você é ratificada pelo modo de funcionamento do capitalismo financeiro que segundo Boltanski & Chiapelo (2009, p. 42): “O espírito do capitalismo é justamente o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para

justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e disposições coerentes com ela”.

Enfim, se há uma crise, a literatura de “autoajuda” atua para o seu leitor como um placebo, oportunamente colocado para que este possa sentir a necessidade de adquirir outra obra ou outro subproduto. Não é de interesse do autor, apesar de parecer isso, que o leitor ao ler suas dicas consiga imediatamente alcançar a solução que precisa. Essa intenção não se comprova como verdadeira em grande parte dos livros que intencionam ser manuais de modos de ser e oferecer outros produtos e serviços, como os de autoria de Gustavo Cerbasi¹⁵ e Reinaldo Domingos¹⁶.

Um dos exemplos bem claros desta proposta pode ser vista no livro *Prosperidade: fazendo amizade com o Dinheiro*, Ribeiro (1992, p. 31) quando ele afirma: “Não é você que trabalha para o dinheiro. É o dinheiro que trabalha para você. O autor ainda assegura ao leitor que ter prosperidade não é apenas ter dinheiro, mas ter saúde e amizade”.

Alguns destes livros, pequenos manuais de “autoajuda” apresentam exercícios sugeridos para o autor como forma de “ajudar” o leitor a organizar seu planejamento e orçamento financeiro, alcançar sucesso e felicidade e principalmente mudar a crença que tem em sua relação com o dinheiro.

¹⁵ O autor mantém um site em funcionamento que tem relação direta com um de seus livros e também com os serviços que ele oferece em seu site profissional que pode ser acessado pelo endereço a seguir: <http://www.maisdinheiro.com.br/livros/gustavo-cerbasi>.

¹⁶ Reinaldo Domingos intitula-se educador e terapeuta financeiro. É o presidente do Instituto DSOP de Educação Financeira e autor dos livros *Terapia Financeira* (2007), *O Menino do Dinheiro* (2008), *O Menino e o Dinheiro* (2011) e *Livre-se das Dívidas* (2011). Em 2011, publicou a primeira Coleção Didática de Educação Financeira para o Ensino Médio do país, já adotada por diversas escolas brasileiras. Outra estratégia destes autores é infiltrar-se no meio educacional de modo a oferecer seus serviços. Site <http://www.dsop.com.br/>.

Eker (2006, p. 97):

Ações da mente milionária:

Vá a uma biblioteca, a uma livraria ou acesse a Internet para ler a biografia de uma pessoa que é ou foi extremamente rica e bem-sucedida. Roberto Marinho, Antônio Emínio de Moraes, Abílio Diniz, Bill Gates, Donald Trump, Jack Welch e Ted Turner são bons exemplos. Use as histórias pessoais deles para se inspirar, para aprender estratégias de sucesso específicas e, o mais importante, para copiar a sua programação mental.

No exercício acima sugerido pelo autor, fica clara a intenção de fortalecer a valorização do estado mental e a imitação como um modo de conseguir dinheiro. É necessário destacar também que a maioria destes nomes está diretamente ligada ao uso do dinheiro. As frases de efeito que são utilizadas transmitem a ideia de que o dinheiro tem relação direta com os modos de ser: Declaração: Eu imito as pessoas ricas e bem-sucedidas. Eu busco a companhia de pessoas ricas e bem-sucedidas. Se elas podem, eu também posso! Eu tenho uma mente milionária! (EKER, 2006, p. 97)

Moreira (2002) utilizou metodologia quantitativa para conhecer o significado do dinheiro no Brasil, explorando e mensurando via questionários com escalas de atitude, como os seus respondentes comportavam-se frente ao dinheiro. Essa pesquisa buscou constatar e estabelecer categorias que possam representar, estatisticamente, como o brasileiro age com relação ao uso do dinheiro.

Este tipo de pesquisa é importante, contudo ela já coloca a intenção do pesquisador, sob a forma de hipóteses e categorias a serem conhecidas e não interrogam o fenômeno diretamente em sua pureza, mas já fornecem dicas ao participante daquilo que o pesquisador quer saber, artificializando, assim o resultado, uma vez que retira de

cena o caráter da vivência imediata que é alcançada pelo pesquisador e do próprio sentido da pesquisa fenomenológica.

Existem estudos de âmbito internacional sobre o significado do dinheiro no comportamento humano e seu foco de interesse. Dentre eles, há quatro instrumentos que se difundiram pela via de sistematização de escalas, Moreira (2002) aponta: Diferencial Semântico Modificado (1972); Escalas de Atitudes para Dinheiro (1982); Escala de Crenças e Comportamentos Monetários (1984) e, Escala Ética do Dinheiro (1992).

Tais escalas visam mensurar o significado que o dinheiro vem criando em categorias que agrupam as definições dos comportamentos possíveis. Além disso, visam a traçar um mapeamento deste significado, mas pelo viés da atribuição de categorias já pré-definidas. Todos estes estudos têm como atitude intelectual central o pensamento unidimensional e a racionalidade instrumental que é ratificada a cada estudo divulgado. A divulgação de estudos que tem o referencial unicamente quantitativo reforça que os dados “falam” por si sós e, portanto, são “capazes” de representar a realidade de um modo ingênuo que o cientista oriundo do positivismo tem para explicar a realidade como bem apresentou Husserl, ao elencar as ingenuidades do cientista (2009), a saber: desconsiderar a historicidade e ter a razão como pressuposto para tudo e usá-la de modo irracional.

Seguindo essa mesma perspectiva, Moreira realizou um estudo comparativo, com estudantes de psicologia distribuídos pelas regiões brasileiras, para mensurar o significado que o dinheiro tem para eles. Utilizou a Escala do Significado do Dinheiro (ESD) e seu estudo parte da proposição de que o dinheiro é objeto universal e específico a culturas nacionais.

Contrariamente a este paradigma, pretendo desenvolver estudos futuros, ou seja, sem pré-julgamentos,

mas ao entrar em contato com o fenômeno, tentar compreendê-lo em sua imediatez e tendo o rigor e o caráter crítico como modos de compreender. Ao invés de estabelecer categorias antecipadamente, desejo investigar diretamente no mundo da vida, o sentido, o significado e o valor que o homem hipermoderno dá ao dinheiro.

O modo de lidar com o dinheiro também já foi tema da obra *O avarento*¹⁷ do escritor francês *Jean de la Fontaine* em demonstra seu temor por ter perdido um tesouro. O Avarento também foi adaptado para o teatro por outro francês, Molière.

Sobre as características de um avarento Mariotti esclarece que:

Por ser uma patologia do Ter, a avareza é também uma patologia do objeto, uma patologia da coisa. Como já sabemos, ela se traduz pela negação de tudo aquilo que implica processo, fluxo, circulação. É uma inclinação para o enrijecimento, para a petrificação, um movimento em direção ao inanimado. O avarento se sabe um funcionário da retenção. Mais ainda, percebe que não é capaz de fugir dessa armadilha, e por isso está a cada dia mais cheio de medos, sendo o maior deles, como logo veremos, o que tem de si próprio. Esse medo é a cada passo potencializado pela desconfiança. Já vimos que o avarento percebe que por mais que tente não conseguirá acumular e reter o que sua compulsão interna lhe impõe. Por isso, no fundo ele não confia em si próprio como agente da acumulação. Essa desconfiança alimenta o medo, que retroage sobre ela, intensificando-a. E assim se fecha o círculo. Por não poder tolerar essa pressão

¹⁷ MARIOTTI, Humberto. A era da avareza: (A Concentração de Renda como Patologia Bio-Psico-Social). Disponível em: <http://www.geocities.com/pluriversu/avareza.html>. Acesso em: 10 ago. 2011

além de um certo limite, o avarento a projeta nos outros. É por meio dessa dinâmica que a avareza acaba sendo também uma patologia da alteridade, pois para o avarento tudo na vida parece resumir-se ao “meu” que ele opõe ao “não-meus”: “meu” dinheiro, “minha” casa, “minha” mulher, “minhas” crenças e assim por diante. Ao lado disso, como mencionei há pouco, jamais o abandona a compulsão de transformar o “não-meus” em “meus”, no menor tempo possível e com o menor esforço e gastos possíveis.

Para o avarento, o dinheiro é a razão de sua existência, pois este preenche sua vida de sentido. Na literatura de “autoajuda” financeira essa situação se repete de outras maneiras, uma vez que geralmente os autores contam no prefácio ou na introdução, como chegaram a obter ou a perder dinheiro e de que maneiras eles conseguiram reaver suas posses. Essa estratégia é utilizada pelos autores para deixar o leitor o mais próximo da realidade que ele propõe retratar, influenciando o leitor a confiar nele, na sua experiência e consequentemente nas sugestões que apresenta.

“O dinheiro intervém como causa e efeito de uma separação espacial do sujeito e de sua posse, como os acionistas que nunca colocaram os pés na empresa, por exemplo”. (FREITAS, 2007, p. 50)

O homem, inserido no capitalismo, sempre conferiu ao dinheiro o estatuto similar ao de Deus, como bem alertou Benjamim (1990), ao relacionar o capitalismo a um culto religioso e ao dinheiro o Deus da modernidade. Para muitos homens, a vida só tem sentido se ela for vivida com abundância de dinheiro, crédito e um vultoso patrimônio.

1.6 A Psicologia e a Economia: caminhos de uma psicologia econômica

O entrosamento entre Psicologia e Economia existe há algum tempo, embora poucos saibam. O certo é que Economistas se interessaram pela Psicologia, bem mais que os psicólogos pela Economia, mesmo que ainda em número inexpressivo. Os economistas começaram a buscar na Psicologia, informações para compreender como os homens agiam frente à situação de investimento.

As hipóteses e respostas encontradas levaram ao desenvolvimento de uma área cujo suporte advém de diferentes áreas do saber, tais como: economia, finanças das empresas, finanças pessoais. Contabilidade, estatística, psicologia, antropologia e sociologia, mas foi preferencialmente na psicologia que ela chamou atenção dos pesquisadores.

Uma das discussões que interessa e que move esta pesquisa aponta para a relação entre a economia, as finanças pessoais, o consumo e a psicologia, mais propriamente das relações entre a psicologia e finanças, que foram intermediadas pela Psicologia Econômica. Esse interesse aqui é mostrado e atualizado a partir da reflexão sobre o modo de vida contemporâneo pautado em vivências financeirizadas.

Reunir reflexões de áreas, em princípio, distantes e desconexas, teoricamente é um desafio que busquei e me comprometi a esclarecer neste estudo. Uma questão central norteou esta reflexão: a Economia e a Psicologia são, de fato, áreas tão contrárias? Caso sejam, quais podem ser os pontos de cortes ou de ligação?

Ao iniciar a pesquisa percebi que existiam estudos e pesquisas até então desconhecidos que envolviam olhares plurais da psicologia econômica, da neuroeconomia e das finanças comportamentais. Não me detive, por razões de

tempo, metodologia e diversidade de abordagens a analisá-los minuciosamente, mas conhecer alguns deles.

Durante os anos de graduação e pós-graduação *strictu sensu* não tive conhecimento de nenhum estudo dessa área capaz de mostrar uma relação. A literatura contábil-financeira, nem tampouco a econômica fazia referência aos pressupostos de desenvolvimento nesse campo emergente do saber. Assim é que ao saber dessa possibilidade passei intencionalmente a buscar relações entre as áreas de conhecimento anteriormente citadas, nem tampouco com os livros de “autoajuda” financeira.

A viabilidade desta pesquisa me permitiu compreender que já foram realizados estudos entre estas áreas desde 1800. Assim, um novo impulso intelectual foi possível com a tomada de conhecimento dos estudos de Simmel sobre a Psicologia do dinheiro, que resultou na obra a Filosofia do Dinheiro e das inúmeras análises que este pensador fez acerca do dinheiro na cultura moderna.

Em pesquisas no meio virtual localizei estudos sobre finanças pessoais, orçamentos familiares, e comportamento do consumidor sem, entretanto, fazer qualquer referência a esta nova área do conhecimento ou as questões sociais e filosóficas que integravam a relação homem-dinheiro-mundo.

Além dos estudos anteriormente citados o contato com *Journal of Economic Psychology* (1993) e as obras de Viana (s.d) e Lauterbach (1959) me permitiram compreender como a relação finanças subjetividade estava sendo pensada, quer seja ainda no paradigma positivista, por estudos ou apenas pela via da literatura de “autoajuda”. Percebi então que seria necessário oferecer um outro olhar para tais questões, como por exemplo uma mudança no direcionamento no modo como os assuntos de finanças corporativas e finanças pessoais eram estudados. Situação perfeitamente possível dada a minha formação em Psicologia e área contábil-financeira. Associados os

conhecimentos obtidos nestas formações com as perspectivas da fenomenologia e da teoria crítica vislumbramos um outro olhar. Olhar este que me colocou no caminho de revisar e atualizar o olhar da psicologia fenomenológica sobre as vivências financeiras contemporâneas e que me conduziu, por exemplo ao sobreendividamento, fenômeno crescente e em atual processo de naturalização.

Observei que, dentre os modos de abordar o consumo tanto na psicologia quanto na economia alguns pontos em comum são preservados, mas também existem peculiaridades dos seus modos de ver e acessar o fenômeno.

Campbell (2001) diz que a racionalidade é característica do pensamento da teoria da utilidade, que norteia a visão da economia e move o consumidor na direção do consumo:

É exatamente esta reflexão feita por Campbell (2001) quando marca a racionalidade via pensamento da teoria da utilidade que fez com que alguns pesquisadores buscassem outras áreas de conhecimento para entender como o consumidor se comporta, já que ela não pode ser considerada uma teoria do comportamento do consumidor. Contudo meu encontro inicial foi dirigido para a Psicologia Econômica, a fim de compreender como se deu a sua constituição e que elementos tornaram Psicologia e a Economia disciplinas com interesses comuns.

De acordo com Ferreira (2007/2008, p. 45): “A Psicologia Econômica relaciona-se de modo especial com as seguintes abordagens da Psicologia: Experimental, Aplicada, Comportamental, Cognitiva, Social, Organizacional ou Industrial e do Consumidor”.

É importante destacar que há outras áreas do conhecimento¹⁸, além da Psicologia Econômica, que se interessam em estudar o comportamento econômico são elas: Economia Comportamental ou Psicológica; Finanças Comportamentais; Socioeconomia; Psicologia do Consumidor; Pesquisas sobre Julgamento e Tomada de Decisão; Economia Experimental; e, Nova Economia Institucional. (FERREIRA, 2008)

Como assinalou Husserl, a Psicologia é herdeira da tradição experimental e o mesmo ocorreu e ainda ocorre na Psicologia Econômica que utiliza métodos quantitativos e aferições para conhecer o comportamento do consumidor. As revistas científicas dessa área, em sua maioria, apresentam artigos que valorizam sobremaneira, o método científico tradicional que é eminentemente quantitativo e pautado na formulação e testagem de hipóteses, bem como na representação matemática ou estatística dos dados.

As primeiras tentativas de aplicar a Psicologia à Economia no mundo se iniciaram com *Gustave Le Bon* quando publicou *The Crowd* em 1897 e também com o Psicólogo Francês Gabriel Tarde. Tarde, pensador social e jurista francês, usou o conceito da economia no final do século XIX, quando publicou *Psychologie Economique* em 1902.

A Escola Econômica Austríaca, também conhecida por Escola Psicológica Austríaca utilizou conceitos por meio de Hayek e Von Mises. George Katona, psicólogo e economista, publica em 1975 livro nos Estados Unidos sobre seu livro sobre Psicologia e Econômica e, torna-se um dos principais expoentes nos E.U.A *Psychological Economics*, considerada uma obra de credibilidade teórica

¹⁸ Não é objeto dessa tese desenvolver um estudo sobre a Psicologia Econômica e outras áreas do conhecimento interessadas pelos estudos sobre o comportamento do consumidor. Farei aqui apenas algumas incursões para melhor situar o tipo de estudo e o método utilizado.

que cortém o Índice de Sentimento do Consumidor por ele desenvolvido.

Outro representante importante da fase de constituição da psicologia econômica foi Pierre-Louis Reynand, professor de Economia Política, também graduado em Psicologia e Economia. Reynand teve como seguidores de seu pensamento Paul Albou (na França), Karl-Erick War Neryd (na Suécia) e Folke Olander (na Dinamarca).

Herbeth Simon, também com formação em Psicologia e Economia, desenvolveu a Teoria da Racionalidade Limitada (Recebeu em 1978 o Prêmio Nobel de Economia), publicou livros e o *Journal of Economic Psychology*¹⁹ (1981) e também criou a *International Association for Research in Economic Psychology*²⁰ -IAREP (1982). Daniel Kahneman junto a Amos Tversky desenvolveu uma teoria sobre percepção e decisões em cenários de risco e incerteza, conhecida como teoria do prospecto que passou a ser utilizada por alguns profissionais da área financeira para compreender o comportamento do investidor frente ao risco. O interesse dessa pesquisa, apenas e unicamente contribuiu com o desenvolvimento das empresas do segmento financeiro, fazendo-as conhecer como um investidor se comporta.

No desenvolvimento desta tese investiguei os primeiros estudos sobre a aproximação entre a psicologia e economia, de modo a compreender se há fundamentos que estão presentes nos textos de “autoajuda” ou não. Não pretendo, portanto, me estender nesta discussão, mas, sobretudo, compreender as raízes dessa relação ainda pouco conhecida na psicologia, fazendo as devidas apropriações para, continuar a institucionalizar na

¹⁹ Jornal de Psicologia Econômica que existe na versão impressa e *on line*.

²⁰ Associação Internacional de Pesquisa em Psicologia Econômica.

Universidade Federal do Maranhão - UFMA este campo de investigação que cada vez mais se aprofunde nas relações entre psicologia, filosofia e questões econômico-financeiras, principalmente aquelas relacionadas ao consumo, ao consumismo, ao endividamento e suas consequências na subjetividade e nas relações intersubjetivas no mundo da vida contemporâneo. Penso também que este estudo possibilitará fundamentação para colocar em práticas ações de pesquisa²¹ e extensão que possam congregiar alunos do curso de Psicologia e de outras áreas do conhecimento. Projetos que visem a questões sociais e contribuições para a prática clínica tendo como base a fenomenologia e as filosofias da existência.

²¹ Os primeiros resultados já se fazem perceber. Em 2010 o autor da tese registrou junto ao CNPq o Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica do qual participam discentes do curso de Letras, Filosofia e Psicologia, bem como docentes destas áreas de diversas locais do Brasil. No grupo, os discentes têm desenvolvido estudos introdutórios sobre o fenômeno da “autoajuda” a partir do olhar fenomenológico, tendo como foco de interesse a emergência deste fenômeno noutros espaços e com diferentes interlocutores. Já foram realizados estudos vinculados ao projeto de pesquisa As várias faces da leiteratura de consumo na hipermodernidade, onde por meio da linha de pesquisa Consumo de Literatura de “autoajuda” os discentes investigaram a relação deste fenômeno com: Corpo, Dinheiro, Relacionamentos Afetivos, Trabalho, Religião e Homossexualidade. Os alunos são orientados a conhecer as bases da fenomenologia husserliana, bem como as demais fenomenologias existentes. É também realizado o incentivo e apoio na pesquisa a filósofos da existência de modo que eles sejam capazes de fazer relações com a Psicologia e com a Teoria Crítica que é apresentada a eles, introdutoriamente. Os discentes já apresentaram trabalhos em eventos da UFMA, na UERJ e em outras instituições.

Capítulo 2

2.1 Mundo-da-vida (Lebenswelt) e Vida Financeira: a Psicologia Fenomenológica Frente à Cultura do Endividamento e do Consumismo.²²

Quero me permitir, nesta tese, a abrir um espaço que deve ser divulgado, uma vez que durante a construção da minha trajetória pessoal e intelectual tenho sido afetado diretamente por situações e estudos em que o dinheiro, o crédito, o endividamento e o consumismo me despertaram para dedicar maior atenção a tais fenômenos e seus impactos no mundo da vida e em situação que emergem na clínica.

Afinal, eles me possibilitaram repensar a minha existência e a existência dos outros, preferencialmente nas relações que são possíveis de se estabelecer com o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo costumeiramente atravessado por relações creditícias e financeiras. Tais questões estão diretamente relacionadas com o modo de ser e estar no mundo, ou seja, com o estilo de vida resultante das escolhas e das circunstâncias que se revelam para mim e a muitos de nós que, em algum momento, escolhe endividar-se ou tornar-se endividados passivamente.

²² Comunicação apresentada na mesa redonda 11 durante o I Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais disponível em: http://www.psiexistencial.com.br/programacao_lusobrasileiro_2012.pdf

Como profissional oriundo da área contábil-financeira e também com formação em psicologia tenho intencionalmente buscado realizar diálogos que possibilitem conhecer e compreender as relações do homem com o mundo, mediados pelo dinheiro, crédito e tecnologia. Nesse diálogo Filosofia, Sociologia e Psicologia são áreas de conhecimento que tenho mantido contato para ampliar minhas reflexões.

De 1997 a 2000 os estudos na pós-graduação em Administração Financeira me colocaram em contato direto com o sistema de cartões de crédito no país²³. Nestes estudos, busquei compreender empírica e cientificamente como as empresas conduziam a análise da relação entre risco, crédito e cobrança na concessão do crédito. Este estudo quantitativo não avançou em diálogos nem com a filosofia, tampouco com a psicologia, pois a imersão feita era no mundo da ciência financeira, época na qual defendi ingenuamente as “leis” dessa área de conhecimento.

Eis que outro momento apontava novas possibilidades. De 2008 a 2011, durante o doutoramento em Psicologia Social realizado na UERJ trilhei um caminho direto ao mundo da vida, via livros de “autoajuda” financeira e suas relações com consumo, o capitalismo e a hipermodernidade, tendo como modos de ver a Fenomenologia e a Teoria Crítica.

Confesso que ambas possibilitaram um amadurecimento intelectual e pessoal que permitiu (des)naturalizar o cenário contemporâneo das estratégias capitalistas de subjetivação implícitas no mundo do crédito e do consumo. O modo crítico de ver em “carne e osso”, como nos ensina Guimarães (2008) citando Husserl. Nesta fase, a oportunidade de reunir inquietações e pensamentos

²³ Este estudo resultou no livro: Sistema de Cartões de Crédito no Brasil: análise das políticas de crédito, risco e retorno, publicado pela EDUFMA em 2008.

de áreas diferentes as finanças e a psicologia que, até então pareciam diametralmente opostas para a comunidade científica.

Nesse processo de “escavação” apareceram diante de mim um universo estudos e pesquisas que se constituíram no material de apoio às minhas reflexões. A aproximação com os estudos de Georg Simmel e outros autores da Psicologia Econômica, da Fenomenologia e da Sociologia revelou-se como um mar de possibilidades de investigação que, naquele momento, ainda não poderiam ser “trabalhados”, quer por falta de amadurecimento teórico, quer pelo “tempo”, ou até mesmo pela necessidade de ruminar mais as inquietações.

A continuidade da investigação tem se tornando realmente concreta e possível, nos atuais estudos de pós-doutoramento, visto que tenho me debruçado de modo mais próximo com as leituras e as observações diretas sobre o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) que tem indicado dia a dia para mim um caminho para tentar (des) velar e compreender as vivências financeiras presentes na sociedade contemporânea. Teorizar e ver o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como tema originário é algo importante e interessante e, em si mesmo, revelador de inúmeros outros fenômenos.

Esse caminho tem sido facilitado pelas evidências que se apresentam diariamente, por meio das constantes reportagens nas mídias impressas, no meio virtual e na televisão. Estes meios de comunicação confirmam por meio da divulgação destas reportagens o quanto o dinheiro, o consumismo e o endividamento têm se tornado elementos centrais da vida contemporânea. Somam-se a isso os constantes anúncios nos noticiários sobre corrupção, lavagem de dinheiro, explosão de bancos, violência cometidas para adquirir patrimônio alheios (via assaltos, sequestros, corrupção ativa e passiva, desvio de verbas etc.)

Saindo dos telejornais e apenas para efeito de exemplificação, assisti e analisei alguns episódios da teledramaturgia brasileira e constatei que elas estas dramaturgias são criadas como produtos culturais de massa que, além de outros temas, insiste em trazer o dinheiro, o poder e as relações de consumo como temáticas que apresentam apelos a modos de ser e estar em mundo naturais, e, ao mesmo tempo, contribuem para naturalizar “patologias sociais” diretamente ligadas ao dinheiro, tais como a avareza, o individualismo exacerbado, a corrupção e o consumismo. Trazem também inúmeros exemplos dos problemas que caminham lado a lado com o dinheiro, tais como: avareza, pobreza, luxo, esbanjamento, mesquinhez, sucesso, fracasso, traição, compra e venda de pessoas e acima de tudo a “discreta” tentativa de hiperfinanceirizar as relações humanas e sociais.

Nesse campo minado de sentidos, a Indústria Cultural contemporânea tem construído dia a dia inúmeros mecanismos para manter o estado de ingenuidade da massa e acima de tudo a racionalidade instrumental. O Ter como modo de Ser, a racionalidade e o pensamento contábil, o consumismo e o endividamento são indicadores fiéis do estilo de vida contemporâneo, onde habita o homem consumista e endividado. Traços estes que neste estudo ganha um contorno mais evidente, uma vez que revelam a concretude existencial da sociedade líquido moderna. (BAUMAN, 2010)

Um dos objetivos deste texto visa, portanto, contribuir para (des) velar as estratégias de “financeirização” da vida que tem se tornado um modo de retratar os modos de existir e que marcam a plenitude do racionalismo instrumental, da matematização da vida e do pensamento calculista.

Pensando na inseparabilidade dos aspectos clínicos dos aspectos sociais, apresento reflexões iniciais que “ousam” (des) velar aspectos que podem ser pensados nas

diferentes fenomenologias e filosofias da existência como contribuições para as práticas na clínica e no social.

Dilthey (2008, p. 74) nos lembra que:

A psicologia explicativa como sistema é incapaz, não só por, agora, mas sempre, de alcançar um conhecimento objectivo da textura dos fenómenos psíquicos. Tem somente um valor heurístico. Por grande que seja a importância da monografia explicativa, o método que consiste em estabelecer um conjunto de elementos explicativos hipotéticos e em derivar, mediante uma construção, o conjunto dos fenómenos psíquicos ao nosso alcance, não leva a nenhum conhecimento objectivo da vida anímica.

A psicologia clínica de base científico natural insiste em categorizar o indivíduo como “doente”, como um “sintoma”, integrando a um diagnóstico pré-dado. Quanta ingenuidade nos dirá Husserl (2009). Diante disso, a Fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica se insurgem e questionam o positivismo, a positividade da vida, a “métrica” da subjetividade e a tentativa de “enquadrar” o homem num tubo de ensaio. Psicólogos, fenomenólogos, existencialistas, filósofos, por outro lado insistem em deixar o homem no mundo-da-vida, em movimento, lançá-lo ao mundo.

Para cumprir essa proposta apresento brevemente: primeiro a dicotomia mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e mundo da ciência, em seguida percorro a psicologia fenomenológica a partir do olhar de Edmund Husserl e de comentadores contemporâneos e, por fim, discutirei o cenário das culturas do endividamento e do consumismo como “um” modo possível de acessar a essência da concretude existencial.

Para a reflexão proposta, parto de dados da realidade tais como indicadores econômicos e sociais, livros de autoajuda financeira, da Estratégia Nacional de

Educação Financeira (ENEF), de indicadores de endividamento e inadimplência das famílias brasileiras e muitos outros que são utilizados pela ciência como dados de crescimento, de progresso e evidências científicas do desenvolvimento, foram aqui (des) cobertos em busca de seus fundamentos no mundo da vida.

2.2 O Mundo-da-vida (lebenswelt) e o mundo do consumo

Antes mesmo de me reportar a outros aspectos do cenário atual da sociedade de consumo sinto que é necessário apresentar e discutir o conceito de mundo e mundo da vida, a fim de que seja possível compreender essa sutil diferença.

Seguindo a intenção de retornar à coisa mesma, a compreensão do mundo como ele se apresenta, apresento em primeiro plano o mundo-da-vida (Lebenswelt) e dentro dele as discussões existentes na literatura sobre sociedade de consumo, consumismo, endividamento e a constituição de culturas do ter, do ser e por fim das culturas de endividamento e consumo.

Para as ciências, o mundo é visto e explicado a partir das mais diferentes lentes, principalmente para a Física, a Matemática, a Geografia e a História o mundo é um lugar onde os fenômenos físicos, sociais e humanos ocorrem. Por outro lado, Ferraz (2004), Struchiner (2007) e Guimarães (2010) ratificam a importância que Husserl deu ao retorno ao mundo da vida.

A concepção de mundo artificial afastou o homem da sua própria casa, o mundo, do seu corpo e de si mesmo. Hoje vivemos em crise, crise essa já anunciada por Husserl (2012) ao discutir os rumos da ciência moderna, anunciando que a escolha pelo progresso teria consequências graves para a humanidade. Era então preciso

repensar o papel da ciência e da tecnologia, da Filosofia e da própria Psicologia.

Essas preocupações husserlianas se transformaram hoje num problema mundial onde a própria ciência tenta, a duras penas, “consertar” os desvios de percurso, como efeito estufa, falta de água, poluição do ar, do solo e dos rios, extinção de espécies, endemias, epidemias, desvio de cursos de rio, uso de próteses para correção de “imperfeições” do corpo, excesso de medicamentos para promover curas, dependência química, erosão dos solos, devastamento das florestas, assoreamento do curso dos rios etc.

Faço opção aqui por destacar os efeitos negativos do uso exacerbado do mundo que o tem elevado a sua exaustão, mesmo com mais descobertas e avanços, não há mais como recuperar aquilo que a própria ciência já se esqueceu de prestar atenção, a essência da natureza, ser natural e necessitar se manter assim para existir.

Assim, no mundo do consumo não há espaço para valores, para alteridade, para a liberdade e para o diálogo a não ser que seja para a manutenção da sua própria estrutura de dominação. O consumo tornou-se um “valor” mais importante do que a própria vida. Concordo com Slater quando diz que (2002, p. 35): “Todo ato particular de consumo é privado no sentido de não ter importância pública.” Isso ratifica que o discurso universal e impessoal do consumo é uma falácia, pois ele faz parecer ao comprador que ele tem o “poder”, tornando-o cada vez mais despreocupado com as consequências da sua compra o que abre significativamente abre margens para o individualismo hedonista (LIPOVETSKY, 2004; 2007) e o consumo conspícuo Veblen (1983).

Outra consequência grave dessa obsolescência programada, desse consumo excessivo é a produção do lixo. Cada um de nós ao consumir gera anualmente toneladas e toneladas de lixo, e mesmo com o discurso e as

ações da reciclagem não reduzimos concretamente os efeitos sobre a natureza, sobre nós mesmos. Fala-se hoje em economia verde, consumo sustentável, produtos biodegradáveis, mas em reduzir ou parar o volume de produção, jamais. O capitalismo se sustenta dessa maneira: ele cria crises e delas se aproveita. Cria culturas e delas tira proveito e faz os cidadãos-consumidores pensarem que dessa maneira é melhor e que não haveria outra. Hoje até os modos de pensar são homogêneos, mesmo havendo diversidades.

2.3. A Cultura do Consumo e a Cultura do Endividamento

O Brasil é um país pródigo no cultivo do endividamento fez história a sua dívida com organismos de financiamento internacional, a exemplo, o Fundo Monetário Internacional (FMI). Talvez, por isso, os brasileiros têm, infelizmente, um “modelo” de endividamento perfeitamente naturalizado. E por estarem em constante atitude ingênua e natural, seguem desatentos, muitas vezes não percebendo as relações deste modelo com suas próprias questões particulares, familiares e sociais. E, se percebem, não agem, acomodam-se. É mais econômico não se envolver. O endividamento, por exemplo, é visto por nós de longe, mas quando passamos por ele a experiência deixa marcas fortes. Somos psicologicamente e socialmente afetados. O estar endividado paraliza.

No caso das pessoas físicas vale questionar: quando uma pessoa pode ser considerada endividada? Uma resposta bem simples pode ser: quando ela não consegue cumprir seus compromissos ou quando a sua renda é inferior aos seus gastos, afetando assim a sua capacidade de honrá-los e de quitar débitos.

Autor e revisor de dicionários na área de administração, economia e finanças, Sandroni (1996) diz

que o endividamento não se refere àquele que acomete a pessoa física, mas apenas ao arrolamento de dívidas que afetam o governo e as empresas.

Por outro lado, Tolloti (2007) apresenta dois tipos de endividamento pessoal: o endividamento ativo e o endividamento passivo. Um consumidor é considerado um endividado ativo quando suas dívidas são advindas de escolhas que ocasionaram constante má-gestão financeira de suas receitas e gastos. Já o endividado passivo chegou a essa condição por alguma situação alheia à sua vontade, circunstâncias imprevistas ou esporádicas, como por exemplo: acidente, doença, morte de pessoa da família, políticas governamentais ostensivas, desemprego ou separação.

O aparecimento da cultura do endividamento se relaciona diretamente ao surgimento e ampliação da cultura do consumo, principalmente do consumismo ou como dirá Lipovetsky (2007) do hiperconsumo. Entendo ser praticamente impossível existir uma cultura do consumo sem a relacionarmos com o mundo, com decisões políticas, econômicas e sociais que travamos diariamente sozinhos ou com os outros. Somos seres-com-os-outros e vivemos-no-mundo-com-os-outros, assim qualquer tentativa de responsabilizar apenas o indivíduo sem contextualizar a sua inserção no mundo é ingênua, simplista e desfocada.

Outro ponto que considero muito importante, diz respeito a algo que os brasileiros já deveriam ter desenvolvido, mas que ainda ensaia em acertar. Trata-se de quem estamos elegendo para nos representar. Precisamos pensar bem em quem votar, ou seja, que tipo de pessoas escolhemos para ocupar cargos nas esferas: federal, estadual e municipal, pois não estamos colocando apenas uma pessoa no lugar de representação política. Estamos, acima de tudo, elegendo um modo de vida que poderá nos custar muito caro, pois pode haver por detrás de um discurso “social” uma grande estratégia de adormecimento de

consciências, de incesto entre público e privado, de valorização de ações de curto prazo em detrimento de ações de longo prazo, que devem ser planejadas e discutidas socialmente com as categorias devidas. Muitos modelos políticos são totalitários, mas mascarados de democráticos. Como é o caso do discurso inclusivo da sociedade de consumo.

Para Slomp (2008, p. 109):

O endividamento é um reflexo da sociedade de consumo e caracteriza-se como um problema de ordem social e não individual, que afeta consumidores e fornecedores (especialmente os comerciantes) em prol de um pequeno grupo de fornecedores de crédito. No Brasil, esse fenômeno não tem, ainda, tratamento jurídico específico.

Há autores da literatura contábil-financeira e às vezes da própria psicologia que sustentam ser apenas o indivíduo responsável pelas dívidas que contrai. Isso é discutível, pois os indivíduos são afetados por políticas governamentais desatualizadas e retrógradas e que favorecem a privatização dos serviços, como aquelas voltadas para a educação superior no Brasil, tratando educação como mercadoria, dando a ela o mesmo *status* de um produto de prateleira de supermercado.

Esquecem-se, por exemplo, que a classe docente é eminentemente uma categoria que trabalha e que faz investimento constante na sua formação e atualização, o que na maioria das vezes afeta a sua renda e orçamento familiar e leva docentes ao endividamento passivo, quer pelo aumento de preços e pela perda de direitos, quer pelo não repasse de perdas inflacionárias. O que leva esta e outras categorias ao endividamento ou ao sobre-endividamento.

Autores como Tolloti (2012) afirmam que a cultura do endividamento está intrinsecamente relacionada ao endividamento emocional, como se o indivíduo tentasse

suprir faltas. Na perspectiva da autora, isso origina uma tentativa de suprir uma imagem cobrada pela sociedade. Nesse sentido, as pessoas se tornam devedoras da imagem que desejam projetar sobre os outros, quer seja no próprio corpo, na inteligência, na posse de mercadorias, no modelo de família que deseja ter.

Eu suspeito que isso não seja apenas por uma necessidade de encobrir falhas, mas sim de não querer compreender sua própria condição paradoxal e sua finitude. Temos momentos de presença e ausência, de autenticidade e inautenticidade.

Saber da finitude e da necessidade de compreender o vazio existencial como elemento da nossa condição humana de homem no mundo com os outros homens deveria ser uma prioridade, mas a Indústria Cultural, a cultura de consumo e do endividamento nos apresenta a impossibilidade de não aproveitar as oportunidades e, ao fazer isso, a maioria de nós se endivida e se “preenche” de mercadorias obsoletas e ideias fluidas.

A cultura do endividamento assim como as culturas do consumo e do consumismo é de fundo capitalista por excelência. Featherstone (??) afirma que a cultura de consumo é premissa da expansão da produção capitalista de mercadorias. “Para dizer o óbvio, cultura de consumo é cultura capitalista” (SLATER, 2002, p.33)

Slomp (2008) afirma ser o endividamento uma “doença de consumo”, uma doença social. Logo, dentro da sua visão, o Estado deve intervir para que ocorram boas relações de consumo. Nessa tentativa surgem ações dos órgãos de defesa do consumidor para tentar “barrar” abusos das empresas em relação aos consumidores, contudo incipientes, pois não afetam a origem dessa relação, já buscam apenas fazer cumprir a lei.

De acordo com o IMESC (2011, p. 34): “No que diz respeito às contas em atraso, houve em nível nacional um pequeno, porém consistente, aumento de 0,9% (de

22,8% para 23,7%), enquanto que em São Luís a variável saltou no mesmo período de 24,0% para 35,0%.”

A que se deve atribuir então o crescente número de endividados tanto em nível nacional como no Estado do Maranhão? Essa pergunta aponta preferencialmente para uso de cartões de crédito e refinanciamento de dívidas, e indica também a necessidade de investigar o próprio endividado, conhecendo o que o faz se endividar e qual o sentido tem o endividamento para ele.

Talvez uma das respostas seja o acesso facilitado ao crédito e o interesse que as instituições financeiras, bancos e administradoras de cartão têm para que o consumidor continue devendo. Diferente de décadas anteriores, dever agora, pode ser desagradável para o consumidor, mas para estas instituições é um ótimo negócio. Diante deste cenário é que alguns órgãos de proteção e defesa do consumidor mostram-se preocupados com os problemas oriundos do **sobre-endividamento** e inadimplência.

Os aposentados, idosos e servidores públicos são, em geral, os maiores atingidos pelo problema relacionados a endividamento e **sobre-endividamento** advindo de consignações em folha de pagamento. Chegando, muitas vezes, ao que os juristas chamam de **sobre-endividamento** ou endividamento crônico.

Marques (2006 *apud* Slomp, 2008, p. 113) afirma que o endividamento crônico ou superendividamento é: “a impossibilidade global de o devedor pessoa física, consumidor, leigo e de boa-fé, pagar todas as suas dívidas atuais e futuras de consumo (excluídas as dívidas com o Fisco, oriundas de delitos e de alimentos). Este estado é um fenômeno social e jurídico a necessitar [de] algum”

Nesse caso, se o endividado está em situação crônica há que se compreender o quê e em que situações esse modo de ser se manifesta e, qual o sentido e o significado que ele tem para o ser endividado, endividar-se. Na perspectiva de compreender o endividamento pessoal

como campo de investigação da Psicologia Econômica, Silva (2009) realizou estudo fenomenológico para conhecer e compreender como o endividamento era tratado na literatura científica. Uma das conclusões da autora ao tratar da relação entre endividamento e consumismo é o fato de que endividar-se é aceitar para si a condição de ser-endividado de modo natural, ou seja, o endividado está diante da atitude natural e pensa “racionalmente” na sua vivência e nas pseudosoluções que lhe são apresentadas:

Na atitude natural digo: a solução é negociar as dívidas e propor uma reeducação ao ser que se endivida. Mas apenas renegociar a dívida e tentar conscientizar os sobreendividados ativos sobre a necessidade de manter um controle financeiro, em alguns casos, talvez não resolva esta situação, que pode ressurgir. Acreditamos que uma compreensão do significado do endividamento para aquele que vivencia isto, pode ajudá-lo a lidar com a situação.

Diante dos dados que são revelados nas pesquisas, nos jornais televisivos e nas entrevistas com endividados, em geral, posso inferir que o endividamento ocorre principalmente devido ao consumo além da sua capacidade de pagamento do consumidor, soma-se a isso o uso excessivo de financiamento facilmente obtidos em terminais de autoatendimento e do parcelamento em cartão de crédito. O parcelamento com cartão de crédito oferece valores mínimos ao usuário na hora de pagar a fatura e o que acaba por ocorrer é que a grande maioria da população não consegue quitar sua dívida inicial e arrola exponencialmente o seu débito com a administradora de cartão ou com a instituição financeira.

Os próprios empresários do mercado de crédito e cobrança tomaram frente ao problema do endividamento e foram os primeiros interessados nesse fenômeno, ora para contê-lo e logo depois para dele tirar proveito como um negócio.

A Confederação Nacional do Comércio – CNC realiza e mantém a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)²⁴ e a Pesquisa Nacional de Intenção de Consumo das Famílias (ICF). Estas pesquisas servem para orientar “os empresários do comércio de bens, serviços e turismo que utilizam o crédito como ferramenta estratégica, uma vez que permite o acompanhamento do perfil de endividamento do consumidor, com informações sobre o nível de comprometimento da renda do consumidor com dívidas, contas e dívidas em atraso, e sua percepção em relação à capacidade de pagamento”. Vejam o uso da PEIC e do ICF que beneficia os agentes do comércio, mas não o consumidor ou tomador de crédito diretamente envolvido na dívida.

De acordo com a PEIC da CNC, o percentual de famílias com dívidas aumentou em agosto de 2012 pelo terceiro mês consecutivo, alcançando 59,8% das famílias. O percentual de famílias com dívidas ou contas em atraso apresentou ligeira alta em agosto, enquanto que o percentual de famílias sem condições de pagar seus débitos teve leve recuo. Tanto os indicadores de endividamento quanto os de inadimplência permaneceram em patamares inferiores aos registrados no mesmo período de 2011. (PEIC/CNC, 2012, p. 1)

O Observatório do Crédito e Superendividamento do Consumidor foi criado e é mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com o propósito de diagnosticar os principais problemas na concessão do crédito, estimular trocas de experiências e a integração das políticas públicas e ações de prevenção e tratamento do superendividamento, e promover estudos de Direito

²⁴Disponível em:<<http://www.cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/pesquisa-nacional-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumido-13>>. Acesso em: 13 set. 2012.

Comparado a propósito do quadro normativo e jurídico internacional sobre a prevenção e tratamento do superendividamento, com apoio do Ministério da Justiça-DPDC. Como ele é um órgão mantido por uma IFES espera-se que a atitude para com o consumidor seja diferente, promovendo atividades de esclarecimento.

Na tentativa se preencher o vazio existencial, as pessoas, acreditam estarem se preenchendo com a aquisição de mercadorias, tecnologias, ideias, serviços e modos de vida. Esquecem-se do próprio sentido e significado que o vazio ocupa na sua existência. Talvez escolham o endividamento para não lidarem diretamente com o vazio, “preenchem-se” de efemeridades e assim movimentam a roda capitalista da produção para o consumo e alavancam suas dívidas potencialmente.

O sistema capitalista através de inúmeras estratégias retirou o foco da poupança para o consumo. Lembro com muita clareza que durante minha infância e adolescência, há alguns anos atrás, as propagandas exibidas nos canais de televisão incentivavam as crianças, jovens, adultos e aposentados a pouparem suas economias. Eram insistentes as propagandas para sermos poupadores. Hoje elas se inverteram, uma vez que os apelos são consumistas por excelência, assim, a função consumo tornou-se mais relevante que a função poupança.

Entretanto, hoje, as propagandas só fazem apelos consumistas. É a era do consumo emocional (LIPOVETSKY, 2007). Poupar só é “permitido” se esta economia for rapidamente gasta no consumo de bens e serviços, ou mesmo de lazer. Inclusive as estratégias financeiras são muito claras em relação a isso. Ao poupador é oferecido um percentual menor, desincentivando o ato de poupar.

Na Medida Provisória nº 567, de 03 de maio de 2012 que altera o art. 12 da Lei nº 8.177, de 1º de março de 1991, está claro que ela estabelece regras para a desindexação

da economia, e dá outras providências dentre elas sobre a remuneração dos depósitos em cadernetas de poupança.

Antes desta MP, os depósitos eram remunerados pela $TR + 6\%$, mas pela nova legislação a remuneração passa a obedecer a TJLP cujo valor deverá ser de 70% desta taxa. Em síntese, o rendimento será inferior ao valor de abril de 2012. Tal decisão confirma o desinteresse para que as pessoas poupem, mas revela o interesse para que elas contraiam crédito e consumam bens e serviços, visto que na mesma proporção às taxas de consignação, financiamentos diversos e acesso ao crédito também caíram consideravelmente.

Essa situação confirma o argumento de Muller (2010) sobre a criação do mercado de crédito e cobrança. Um dos grandes filões de mercado iniciado na década de 90 com a venda de carteiras de devedores dos bancos e financeiras. A dívida de pessoas físicas passou a ser moeda no mundo financeiro.

Nesse cenário de crise surgem então as pseudossoluções, como por exemplo, as dicas em sites na Internet, os livros de “autoajuda” ou mesmo a educação financeira como uma estratégia e solução racional capaz de solucionar o problema do endividamento.

Percebo cada vez mais, ao fazer uma fenomenologia do mundo-da-vida (Lebenswelt) financeira e do cotidiano, que crescem exponencialmente a simbiose entre Estado e Capitalismo. Ambos mantêm hoje relações próximas, sob o nome de parceira, de acordos e convênios. Relações tão próximas a “olhos nu” que fica difícil se saber quem exerce o “papel” de Estado e quem exerce papel de iniciativa privada, o que caracteriza a força do neoliberalismo. Por insipiência, o cidadão é levado a acreditar que essas estratégias são sempre na direção do bem-estar, do bem comum.

O Decreto n. 7.397, de 22 de dezembro de 2010 da Presidência da República institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. A ENEF, segundo seu art

1.o. tem: “(...) a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficácia e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.”

Neste mesmo decreto a Presidência da República autoriza criação e a constituição do Comitê Nacional de Educação Financeira – CONEF no âmbito do Ministério da Fazenda. Deste órgão participam membros do Banco Central do Brasil, Comissão de Valores Mobiliários, Superintendência de Previdência Complementar, Superintendência de Seguros Privados, Ministérios da Fazenda, da Educação, da Previdência Social, da Justiça, 4 (quatro) representantes²⁵ da sociedade civil.

E qual será a intenção de se constituir a ENEF e o CONEF? Posso afirmar que a criação destes organismos de modo estratégico revela não só a intenção central de com o discurso da liberdade dos indivíduos, “educá-los”. Nessa direção, o texto do documento em seu Art. 5. institui o Grupo de Apoio Pedagógico – GAP, também vinculado ao Ministério da Fazenda, que será composto por representantes: Banco Central do Brasil, Comissão de Valores Mobiliários, Superintendência de Previdência Complementar, Superintendência de Seguros Privados, Ministérios da Fazenda e Conselho Nacional de Educação, sendo presidido pelo Ministério da Educação. Deste órgão são convidados a participar o Conselho Nacional de Secretário de Educação e a União Nacional dos Dirigentes Municipais.

Pela composição acima descrita é explícita a simbiose público-privado, não mais como categorias dialeticamente “opostas”, mas como parceiros que juntos

²⁵ Observo que no texto do decreto não há nenhuma declaração explícita da forma e dos critérios de ingresso, bem como de quem pode ingressar.

buscam efetivar uma política nacional de educação financeira. Fato que revelo ser extremamente preocupante, já que não temos a própria eficácia, eficiência e efetividade da Política Nacional de Educação - PNE²⁶ em pleno funcionamento, mas paralelamente teremos uma política de finanças para brasileiros “mal formados” na educação geral.

Borba (2011) ao tratar da literatura de autoajuda financeira em sua tese de doutoramento em Psicologia Social indica que, àquela época, já se manifestava um interesse em aprovar um projeto de lei n. 3.401, de autoria do Deputado Lobbe Neto - Vice-Líder do PSDB que pretendia, em 2005, propor a formação de vínculo da educação financeira às políticas públicas governamentais e a educação básica. Abaixo segue texto do projeto de lei.

Cria a disciplina “Educação Financeira” nos currículos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, e do ensino médio.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica criado a disciplina "Educação Financeira" nos currículos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, e do ensino médio.

Art. 2.º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e

²⁶ De acordo com o Informe Andes (2012, p. 3) a Câmara dos Deputados aprovou no dia 25 de junho de 2012, em Comissão Especial, o Plano Nacional de Educação (PNE) para os próximos 10 anos. Sob a pressão da sociedade civil, foi aprovado os 1% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação. Mas o que é aparentemente para ser bom é grave, pois este 10% só precisam ser alcançados em 2023.

fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Deve, portanto, estar em consonância com as demandas atuais da sociedade e tratar das questões que interferem na vida dos alunos e com as quais eles se vêem confrontados no seu dia-a-dia.

Nesse sentido, é fundamental que o tema Educação Financeira seja incorporado aos currículos dos últimos quatro anos do ensino fundamental, e do ensino médio.

Conto, portanto, com o apoio dos ilustres pares para a aprovação deste projeto de lei.

Sala das Sessões, em de abril de 2004.

Deputado LOBBE NETO

Vice-Líder do PSDB

O projeto de lei se tornou realidade, virou decreto. E agora se iniciará nas escolas uma “nova” proposta de “educação”, educação de consumidores, de indivíduos docilizados, e cada vez mais amantes do dinheiro, defendendo cada vez mais o dinheiro e o capitalismo. Como diz Macfarlane (1989, p. 271): “A raiz do capitalismo não está no dinheiro, mas no amor pelo dinheiro.” Simmel (2009, p. 57) também concorda:

“De modo análogo, a fome de dinheiro é o estado permanente da alma, típico de uma economia monetária realizada. Isso explica **porque é que o psicólogo não pode absolutamente ignorar o queixume frequente de que o dinheiro seria o Deus do nosso tempo**; e porque pode, decerto, deter-se nele e descobrir relações significativas entre duas representações, pois é privilégio da psicologia não poder incorrer em blasfemos.” (griffo meu)

A ordem neoliberal e o Estado andam juntos agora promovendo uma marcha de homens unidimensionais, acríticos e despolitizados. McChesney (*apud* Chomsky, 2005, p. 10) afirma: “O sistema neoliberal tem, por conseguinte, um subproduto importante e necessário – uma cidadania despolitizada, marcada pela apatia e pelo cinismo”. Assim, quanto mais o discurso aparente da “inclusão social” e da “liberdade de escolha” avança, mais as pessoas – digo os cidadãos docilizados - acreditam que estão sendo incluídos, e, assim, o foco é desviado de problemas macroeconômicos e políticos que afetam a sociedade e os indivíduos, mantendo-os ingênuos, adormecidos e desatentos, para problemas de ordem mais imediata e que não necessita de muitas reflexões, de vivências e argumentos sólidos capazes de pôr em xeque a barbárie que se planeja. Indivíduos “mansos”, ingênuos, favoráveis às políticas sociais de homogeneização ocupam cada vez mais a cadeira dos “esclarecidos”.

Lembremos Kant (1985) ao se referir ao esclarecimento e à dificuldade do homem de assumir sua própria existência e as responsabilidades pelas decisões tomadas, escolhendo assim permanecer na minoridade, já que é tão fácil ser menor, quando se tem algo ou alguém que se coloca como mediador de decisões que devem ser oriundas de nossas escolhas e responsabilidade perante elas.

Atualizando, a minoridade, por exemplo, consiste hoje em atender aos preceitos do consumo tornando-se massa homogênea. É o caso da moda, que visa, segundo Bittencourt (2010, p. 29):

A moda é uma grande promotora de massificação orgânica da sociedade regida pelo sistema de burocratização da existência, pois ao prometer de forma falaciosa ao consumidor a oportunidade desde se destacar gloriosamente dos demais ao adquirir determinado gênero, faz na verdade que tal sujeito siga o sistema aglutinador de massificação.

No campo da indústria cultural da subjetividade, os livros e os programas de autoajuda assumiram papel central para sorrateiramente abrir caminho para a instituição de uma política nacional de educação financeira. Tal fato, percebido por Borba (2011) ao analisar fenomenológica e criticamente as intenções de autores de livros de autoajuda voltados para finanças pessoais e, posteriormente, para educação financeira destinada aos pais e suas crianças.

Dentre estes autores Ferreira (2007) em seu livro *Terapia Financeira* que já defendia o método DSOP, pouco depois tornou-se autor de livros focados no público infantil e influenciou o início do movimento de implantar a educação financeira nas escolas de São Paulo e também tentando expansão noutros Estado, como no caso do Maranhão. Essa perspectiva tende para a racionalização de alternativas para “controlar” desde a infância os modos de lidar com o dinheiro, por outro lado também preparam, elas mesmas, para um consumo futuro, um consumo “consciente” e “racional”.

Essa ingênua perspectiva nos faz lembrar o que Husserl (2009) assinala como a pressuposição da razão e da retirada do caráter histórico e da cultura de cena. Adverte o filósofo serem ingênuos o filósofo, o cientista e o psicólogo que tem como pressuposto a razão.

Talvez tal iniciativa use a máxima de Pitágoras: “Educai as crianças hoje, e não será preciso castigar os adultos”. Entretanto, apesar dessa “intenção” os adultos serão castigados e, as crianças, adolescentes e jovens, deste cedo, chamadas para o “serviço militar” da aprendizagem de massa, constituindo assim um exército de cidadãos educados e prontos para atenderem aos mandamentos do sistema, formando uma futura raça de endividados e um exército de bons consumidores e devedores, dóceis, acríticos e cúmplices das estratégias de educação financeira. Um exemplo bem simples disso é tentar argumentar com alguém que acabou de comprar alguma coisa que poderia

ter sido evitada, ela possivelmente conseguirá elencar tantos argumentos que a mercadoria é capaz de ganhar vida naquele momento.

O sucesso dessa estratégia será revelado com a emergência de uma cultura do endividamento e do consumo cada vez mais naturalizada.

Crianças e adolescentes são alvos fáceis da consolidação de uma cultura de consumo e uma cultura de massa. Por ainda não terem seu senso crítico desenvolvido, nem tampouco vivência do mundo, são elas facilmente capturáveis por estratégias publicitárias. Sabendo disso o Instituto Alana desenvolveu cartilha e documentário orientando pais, professores e os colaboradores das Redes de Trabalho do Instituto a desenvolverem ações de modo a esclarecer as estratégias perversas que estão por detrás das propagandas.

Muitas propagandas e anúncios publicitários não parecem ser nocivos, mas guardam, em essência, uma lógica de massificação de gostos diretamente associada à Industrial Cultural. Hoje problemas como obesidade infantil, transtornos alimentares, delinquência, violência, *stress* familiar, desobediência e muitos outros têm relação direta com o acesso a determinadas publicidades voltadas para o público infantil. (ALANA, 2009)

Parafraseado Campbell (2007) “Compro, logo existo”, teremos talvez a máxima: “Endivido-me, logo existo”. Máxima plenamente difundida no mundo-da-vida contemporâneo como um mantra socialmente aceito e preferido. Quem não se endivida não tem, não usufrui, não aproveita, não vive, não é. Endividar-se deixou de ser algo preocupante, para se tornar algo natural, corriqueiro e cotidiano.

No que diz respeito à cultura de consumo é essencial lembrar o que ensina Slater (2002, p. 33) “cultura de consumo é cultura capitalista”. É então conhecendo os modos de manifestação dos fenômenos no mundo

capitalista contemporâneo, que talvez seja possível compreender a atual missão da psicologia.

Em alguns contextos, a Psicologia está inserida, talvez ingenuamente, mais nas práticas que mantêm o atual cenário capitalista, contribuindo para a manutenção do sofrimento humano do que intervindo criticamente para ampliar as consciências dos sujeitos e da sociedade para que ambos possam, por eles próprios e em coletividade operarem mudanças.

Ao lado do capital há psicólogos trabalhando com a Psicologia do Consumidor e Comportamento do Consumidor. Contrário a essa lógica existe os que buscam desvelar a lógica da cultura do consumo, pensando numa Psicologia da Cultura de Consumo²⁷.

²⁷ Este termo tomei emprestado da prof. Dra. Maria de Fátima Vieira Severiano em 13 dez. 2011 durante a minha defesa de tese de Dr. que participou como membro avaliador.

Capítulo 3

3.1 Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo²⁸

O capitalismo, em essência, cria e se apropria das tensões e crises que gera. As crises econômica, financeira, social e da subjetividade vivenciadas nos tempos hipermodernos (tempos de excesso) evidenciam a constante atitude natural dos contemporâneos. Faz-se um percurso pelos fundamentos da fenomenologia husserliana apontando-se alguns dos indicativos da crise atual. Crise em Husserl (2008) é fundamental para caracterizar a humanidade e, pode perfeitamente evidenciar também as características da contemporaneidade. A crise de 2008, vivenciada no mundo inteiro, revela até hoje questões clássicas já apontadas pelo filósofo: ausência de fundamentos, descaminhos da razão, opção pelo progresso técnico-científico.

As estratégias oferecidas pelo capitalismo à humanidade para capturar a subjetividade serão aqui discutidas, bem como a opção por um mundo técnico-

²⁸ Trabalho originalmente apresentado no II Congresso de Estudos Fenomenológicos do Paraná e *II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia*, com o tema Vínculo, Relação e Diálogo, realizado na cidade de Curitiba – PB no período de 02 a 04 de junho de 2011, promovido pelo Núcleo de Desenvolvimento Humano – NEDUH da Universidade Federal do Paraná, <http://www.humanas.ufpr.br/portal/fenomenologia/>. Este capítulo foi ampliado e publicado na Revista Fenomenologia e Direito. Volume 8, Número 1 Abril 2015/Setembro 2015. Disponível em: <<http://www.sfjp.ifcs.ufrrj.br/revista/index.html>>.

científico artificializado, onde há corpos artificializados, felicidade e paz como mercadorias ao lado de subjetividades fluídas, ratificam a permanência da crise, e das alternativas sistêmicas criadas para “burlar” a crise: livros de autoajuda, medicina estética, uso compulsivo de medicação, “acalmar” angústias e prolongar a vida, mesmo sem qualidade, ação do pensamento positivo e da unidimensionalidade do homem contemporâneo. Utilizou-se a atitude fenomenológica e as contribuições de frankfurtianos, a fim de “ver direto”, em carne e osso (Husserl), a crise na contemporaneidade.

O olhar direto revela um caos criado pelo capitalismo, que aumenta a miséria humana via subdesenvolvimento, em essência, retirando-se o (sub) e o (des) do termo desenvolvimento aparecerá a finalidade sistema: lucro a qualquer preço.

A fenomenologia é a ciência das essências dos fenômenos que foi criada por Edmund Husserl (1859-1938), a partir dos seus estudos e das contribuições de outros pensadores. Suas inquietações acerca do modo como a Filosofia e a Psicologia e outras áreas do conhecimento haviam se apropriado no método científico, promovendo a separação entre objetividade e subjetividade no processo investigativo e produção do conhecimento foi o estopim para o início de sua empreitada fenomenológica.

Nessa caminhada, Husserl se depara com os discursos das linguagens matemática, psicológica e filosófica que haviam se adaptado ao método e discurso da razão científica. Sua formação matemática e seu interesse pela Filosofia e pela Psicologia o fizeram inquietar-se pelo modo como a consciência era investigada. Por entender que ambas eram ciências do espírito e precisavam ter um método de rigor próprio para investigar o vivido, o fenômeno concreto que apareciam à consciência, Husserl cria o método fenomenológico. Insiste ele que a linguagem racional que dominava e ainda domina a ciência até os dias

de hoje, havia promovido a separação consciência/mundo e, por conseguinte, sujeito/objeto, bem como a naturalização da consciência e a matematização da vida.

O principal fundamento da fenomenologia husserliana é a consciência intencional, onde os atos são intencionais e movem o homem numa relação *noesis-noema*, pois a consciência usa-se de linguagem – nas mais diferentes expressões quer seja pela palavra, quer seja pelas atitudes, quer seja pelo corpo – para demonstrar a sua intencionalidade. Suas motivações ou mesmo seu estado natural.

A intenção central desta comunicação é de discutir os Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações **acerca** dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo. Este tema nos faz pôr em cena a preocupação com a noção de fundamento que é tão cara à fenomenologia husserliana e ao momento contemporâneo, onde o capitalismo, oferecem modos de não vínculo, de esvaziamento de diálogo e de relações marcadas pelo aspecto financeiro, quer no mundo da vida, quer no mundo acadêmico.

O sentido então deveria ser ligar, promover a reflexão, entretanto cada vez mais os produtos da relação técnico-científica promovem um distanciamento do homem de si mesmo, dos seus vínculos e dos seus modos de relacionar com aquilo que em essência deveria ser principal: o próprio homem e sua relação com o mundo e com os outros.

Para ciência o mundo é apenas um lugar físico onde o seu domínio ocorre, predomina e promove modificações, sempre focado no crescimento, no progresso e, no caso das relações contemporâneas cada vez mais superficiais e fluídas, assim como apresenta Bauman em seus textos.

O capitalismo, em sua fase atual, capitalismo de consumo²⁹, propõe ao homem contemporâneo dia-a-dia um mergulho nos “prazeres” da técnica, da mercadoria e do progresso. Ao se permitir manter-se em atitude ingênua e natural o homem promover concorda com a condição sua condição de objeto do sistema e não de sujeito, permite-se transformar-se em mercadoria e promove o deslocamento do sentido da vida, dela própria, para a pose e acúmulo de mercadorias e objetos de consumo.

3.2 Fenomenologia, capitalismo e suas crises: algumas reflexões

Voltar ao pai da fenomenologia, Edmund Husserl, em seus textos *A filosofia como ciência de rigor*, *As Conferências de Paris* e *a Crise da Humanidade* e a *Filosofia é por de mais conveniente*, já que o assunto volta e meia, precisa recorrer a seus ensinamentos. E ele fez, intencionalmente, reflexões e duras críticas ao modo que a ciência moderna havia se apropriado da natureza, da técnica e, acima de tudo, do drástico e equivocado uso que estas fizeram da técnica e do conhecimento principalmente quando possibilitaram a propagação da atitude ingênua dentro da própria Ciência e Filosofia.

A ciência se apropriou da Razão, instrumentalizou-a, bem como da técnica para propagar a separação entre sujeito-objeto, entre objetividade-subjetividade, entre razão-emoção e, por fim, como assegurou Husserl entre *Consciência-Mundo*.

²⁹ Para compreender o uso do termo sugiro ler *As três eras do capitalismo de consumo* em *A felicidade Paradoxal* de Lipovetsky (2007) ou a comunicação *Literatura de autoajuda financeira* e o *Capitalismo de Consumo* apresentada pelo autor no V Encontro Nacional de Estudos do Consumo e 1º. Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo realizado na ESPM-RJ no período de 17 a 17 de setembro de 2010.

A paixão pela aplicação do método experimental, pela possibilidade de uso raciocínio matemático aplicado às ciências do espírito da mesma maneira das ciências naturais fez Husserl criticar o predomínio do pensamento positivo, cientificista para a consolidação das ciências normativas. Ciências estas que foram criadas para aprisionar a razão em suas regras, dando a elas mais importância que à própria consciência e a essência do fenômeno.

A ciência moderna inaugurou um modo de pensar e agir objetivo, cientificista e desconectado do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e da experiência real da consciência. Ela artificializou o contato do homem com ele mesmo, com os outros homens e com a natureza, uma vez que o uso e o domínio da técnica passaram a ter mais sentido e valorização do que a própria vida.

Husserl, não teceu críticas ao capitalismo, não era sua preocupação. Todavia observo que suas reflexões, nos permitem ver sua insatisfação e o seu desejo de questionar a ausência de fundamentos na Filosofia e na Psicologia, ausência esta que levaria a uma crise, principalmente na própria Psicologia que desejava ardentemente o estatuto de ciência do comportamento humano. Crise esta que estava diretamente relacionada ao desenvolvimento da ciência e do uso da técnica pela ciência de modo que isolou o sujeito do processo de conhecimento, da vivência, por fim do mundo da vida obtendo pela construção de mecanismo artificiais para ver a realidade.

Diante de tudo isso a Psicologia, enquanto ciência, nasce no seio das ciências naturais (resultando de uma aliança do pensamento físico com o biológico), alia-se ao método experimental, passando a estudar o psíquico de modo empírico, em laboratório desgarrado do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e da filosofia.

O capitalismo, em essência, cria e se apropria das tensões e crises que gera. As crises econômica, financeira,

social e da subjetividade vivenciadas nos tempos hipermodernos (tempos de excesso) evidenciam a constante atitude natural dos contemporâneos.

E o que o caracteriza o capitalismo? O capitalismo se caracteriza: a) por uma produção voltada para mercados; b) pelas relações monetárias; c) pela existência de grandes empresas; d) pela preocupação com o lucro e com a acumulação de capital; e) pela livre iniciativa; f) pelas relações assalariadas de produção; g) pelo poder as mãos de uma minoria; e, h) pela monetarização da vida humanada. (SILVA, 1985)

Já como características centrais Marcfarlane (1987) aponta: a) a emergência da propriedade privada individual; b) o trabalho alienado generalizado; c) a emergência de mundo artificial; d) a maquinaria substituindo o trabalho humano; e) a alienação psicológica enfatizada por Marc; f) o sistema individualista enfatizado por Engels; e, g) um sistema que provoca o desencantamento com o mundo e uma nova atitude em relação à natureza como enfatizou Weber.

Boltanski e Chiapello (2002) apontam três pilares centrais do capitalismo e que – constituem o que eles chamam ser o espírito do capitalismo³⁰ diferentemente do que pensam outros críticos, a saber: a) o progresso material; a eficiência e a eficácia na satisfação de necessidades; e c) os modos de organização social favorável ao exercício das liberdades econômicas e compatível com regimes políticos liberais.

Silva (1985), Marcfarlane (1987), Boltanski e Chiapello (2002) possibilitam compreender que o capitalismo possibilitou em escala exponencial, a instauração de um modelo de sociedade pautado na valorização do individualismo e da anulação quase que total das alternativas coletivas de superação de crises. Qualquer

³⁰ Os autores fazem uma releitura da obra de Max Weber.

movimento nesse sentido é abafado e da própria crise o sistema tira modos de expropriação.

Um dos expoentes do pensamento frankfurtiano Walter Benjamin analisou em um de seus textos clássicos O capitalismo como uma religião, o modo como este sistema construiu seus “fundamentos”, pautados em um culto, sem significado próprio, nem tampouco dogma ou teologia, mas que promovia a idolatria ao dinheiro, como se ele fosse uma imagem de um santo de uma religião católica. Uma religião que passou determinar o sentido que a vida humana tem na contemporaneidade, já que tudo que o sistema propõe baseia-se no progresso, no crescimento, num discurso falacioso de ter o homem em suas relações com outros homens e a natureza como preocupação.

Pensar o capitalismo a partir de uma perspectiva crítica³¹ não é apenas pensá-lo de modo crítico, e tentar se ajustar aos seus mecanismos de controle e de dominação, mas acima de tudo pensar noutro modo de organização social que não seja mera utopia. “(...) A teoria crítica tem como princípio o interesse por um estado racional, por uma organização social racional que faça justiça a todos” (REPA, 2008)

Ter uma perspectiva crítica e um ver direto dos fenômenos que se mostram a consciência é caminhar numa perspectiva de promover a emancipação humana pela via do esclarecimento³² das consequências de se ter e se manter

³¹ A noção de crítica era fundamental para os frankfurtianos e também é para aqueles que tem seus fundamentos como modo de ver os fenômenos sociais e humanos. Nesse sentido Soares (2007, p. 487): “A idéia de crítica não era para eles meramente um dos aspectos da teoria, mas sua própria declaração de princípios: era através dela que se poderia, diante da realidade, colocar em suspenso, *sub judice*, qualquer juízo sobre o mundo, para sua própria interrogação.”

³² Esclarecimento é termo fundamental para os frankfurtianos, que é capturado do sentido kantiano. (SOARES, 2007)

a ingenuidade³³ como uma atitude natural. O cientista age de modo ingênuo e esquece-se da sua própria intencionalidade na condução das suas análises e demonstração dos resultados de suas pesquisas, as evidências de que ele fala, já são em cima, artificializadas e referem-se a um passado enclausurado ou a um futuro idealizado. Já a fenomenologia nos permite evidências³⁴ apodíticas coletadas na imediatez do fluxo da consciência. Que visa sempre o ver direto intencionado.

Borba (2009, p. 1) lembra que “Esse modo de pensar ingênuo sobre a natureza das coisas e do mundo como sendo coisas empíricas, é concordando com Husserl, extremamente ingênua, pois se desconsideramos as relações e as *intentiones*, simplificamos ainda mais as vivências à meros objetos de experimentação.

A ingenuidade de que trata Husserl, estendeu-se a todas as áreas do conhecimento que em sua época e até hoje reúnem consciências e metodologias para sempre e a todo modo e custo ter provas experimentais da realidade. “prendendo” assim o fenômeno e retirando-o de sua realidade. Sedução esta difundida pela Ciência natural à Psicologia e a Pedagogia, por exemplo: “A experiência isolada, embora acumulada tem ainda pouquíssimo valor, a

³³ Husserl (2009) considera que existem dois tipos de ingenuidade do cientista. A primeira ingenuidade da ciência – seu caráter relativo ao homem normal, ao “*animal rationale*” ou, mais exatamente, ao ser sensível normal e racional. A razão enquanto problema, o enigma da pressuposição da razão. O psicólogo a tematiza, tomando-a já como pressuposta. Já a segunda da ingenuidade refere-se ao caráter essencial de dependência da filosofia, da ciência em relação a sua historicidade – a peculiaridade da historicidade da filosofia, por força da qual ela é, de certo modo, sempre tematizada, sem que, contudo, a história da filosofia (esta ciência em seu sentido habitual) tenha que fornecer premissas para a filosofia atual.

³⁴ A evidência é um critério de verdade e de certeza. Ela é o “preenchimento da intenção”, algo que é imediatamente dado. Ziles (*apud* Husserl 2008, p. 21-22)

toda experiência se atribui o seu grau de valor, e toda intelecção objetivamente válida da natureza se opera na ordenação e no relacionamento metódico das experiências na reciprocidade do experimentar e do pensar que seguem as suas regras logicamente fixas” (HUSSERL, 1965, p. 16).

A fenomenologia de Husserl nos demanda olhar por trás de nossa absorção ingênua no mundo para examinar a natureza e o papel exercido pelo pensamento que organizou, e mantém organizada, a inteligibilidade desse mundo. (LIBERMAN, 2009, p. 1) É essa busca, esse “voltar as coisas mesmas”, sem a priori, sem pré-conceitos que conduz a investigação e o ver fenomenológico diante do sentido da crise.

O que é a crise? O que há de invariável nas crise? Qual a sua essência e como ela se caracteriza?

Pensar de modo fenomenológico o sentido da crise, não significa ignorar ou anular os conhecimentos produzidos por outras ciências acerca da crise, mas sim tomar a atitude fenomenológica como norteadora do olhar sobre o fenômeno crise, a fim de compreender os sentidos da crise.

Crise em Husserl (2008) é fundamental para caracterizar a existência da humanidade européia e, pode perfeitamente permitir compreender e evidenciar as características da crise na contemporaneidade. Sua obra intitulada A crise da humanidade européia e fenomenologia transcendental foi o título segundo da obra que deveria, na verdade, ter sido chamada de A crise das ciências européias e a Psicologia (título da conferência de Praga).

A crise é, juntamente com o lucro, a essência do capitalismo na contemporaneidade, já que o lucro deve ocorrer, quer haja ou não a preservação da vida humana e da natureza. E são as crise hoje que alimentam o próprio sistema.

A crise é um produto constante do sistema capitalista e está literalmente inserida no seu projeto

utópico, que indica ser ele o sistema viável para o progresso da humanidade. O capitalismo, como foi dito, valoriza manutenção dos lucros a qualquer preço (juros, perda de valores, criação de novos valores, degradação do meio ambiente, vida ou morte humana, falência de empresas, venda de órgãos humanos, especulação financeira etc...) e acima dos lucros a manipulação ideológica da alienação social (ARANHA, 2001). Bauman (2010) assegura ser o capitalismo um sistema parasitário que se apropria de qualquer organismo e tenta dele retirar alimento do modo que melhor se convier.

Em sua análise Mészáros, nos diz que o capital vive em uma profunda crise estrutural, que é a essência do próprio sistema, onde ocorre uma séria manifestação dos limites intrínsecos dele próprio.

A fase atual do capitalismo é para Carcanholo (s.d) a de um capitalismo especulativo, que é resultado da financeirização e ainda que sua característica básica é contradição. Financeirização esta que se estende para as vivências humanas relacionadas ao dinheiro. Tudo medido na base do quanto vale.

As crises podem ser originadas por um fenômeno político, social ou econômico, ou por uma convergência delas, não existe uma única causa, mas é certo que elas demarcam ciclos econômicos. O capitalismo então como sistema econômico se utiliza, através de seus atores, de inúmeros mecanismos (propaganda, publicidade, fidelização, etc..) para atingir seus objetivos, e, tornou-se como argumenta

Löwy (2005) resgata a metáfora de Benjamin como uma religião que cria, institui e destitui seus próprios deuses, pois não possui nem teologia, nem dogma específico, todavia pode o dinheiro em papel-moeda (e penso também que suas variações cartão de crédito, fundos, derivativos, opções etc.) ser o objeto de contemplação e de cultuação do sistema. O sistema

capitalista elegeu o dinheiro como seu Deus, e ele próprio produz o espetáculo e a riqueza. O capitalismo é um sistema que sustenta a barbárie.

As estratégias oferecidas pelo capitalismo à humanidade visam capturar a subjetividade e adormecer a capacidade de pensar, de um agir não-naturalizado, mantendo a ingenuidade da consciência, e isto pode ser visto no mundo contemporâneo, mundo técnico-científico, Neste mundo artificializado pela ciência e pela técnica, há corpos artificializados, ditadura da felicidade e paz “garantida” pela guerra e pelo uso de instrumentos de controle técnico, dinheiro e poder. Ambas, paz e felicidade, tornaram-se mercadorias e foram objetificadas no discurso capitalista.

Ao lado de tudo isso as subjetividades fluídas (BAUMAN, 2001), ratificam a permanência da crise, e das alternativas sistêmicas criadas para “burlar” a crise, como exemplo cito: livros de autoajuda, medicina estética, uso compulsivo de medicação para “acalmar” angústias e prolongar a vida, uso de recursos tecnológicos para acelerar e comprimir o tempo e o espaço. O homem e o mundo contemporâneo, não são os mesmos com que Edmund Husserl se deparou, entretanto o que eles vivenciam hoje, foi iniciado num projeto de desenvolvimento, de progresso que propagou um discurso de qualidade, mas que na verdade disseminou o pensamento positivo, o misticismo e a unidimensionalidade como modo de ser e estar no mundo.

3.3 A razão e seus descaminhos

“o positivismo decapta por assim dizer a filosofia”

Husserl (2008, p. 25)

Por que falar em descaminhos? É possível?

Sim, penso sê-lo. Descaminho no sentido fenomenológico significa retirar aquilo que encobre o caminho, no caso do termo retirando o prefixo - des -, temos diante da consciência o caminho nu, em carne e osso. É preciso desvelar, descobrir no sentido de retirar aquilo que encobre o caminho. O caminho como nos mostra a Ciência tem suas bases calcadas na Razão e na Técnica, ambas pautadas no pensar positivo.

O caminho adotado pela Ciência e pela Filosofia tornaram as relações entre sujeito e objeto separadas do sentido de relação e passaram a ter o sentido objetificação, um como causa ou efeito do outro. É preciso concordar com Husserl e seus predecessores com o argumento de que o sentido precisa ser reestabelecido, principalmente quando se entende que ciência e a técnica deveriam estar a serviço da humanidade, e não o contrário. Vale então lembrar a missão que Husserl (2008) vê para a Filosofia e para o filósofo enquanto um servidor, um funcionário da humanidade.

A razão é um tema caro para Husserl, principalmente pelo fato ter intuído e visto as evidências da irracionalidade e dos descaminhos e dos possíveis usos inadequados que estas causariam a humanidade. É a partir do momento em que Husserl vê os descaminhos da razão na cultura europeia que as suas preocupações ficam mais acirradas.

Husserl não teve a intenção de desmerecer a ciência e suas contribuições, mas sim por em cena o excessivo uso da racionalidade no modo de conduzir as investigações, modo este que promoveu a perda de fundamentos, principalmente aqueles que ocasionaram a separação entre subjetividade-objetividade, consciência-mundo, razão-emoção, sujeito-objeto, dando mais importância ao fato, ao objeto ou ao sujeito da investigação, vistos isoladamente. Ele se mostrou contrário à perspectiva de ter a filosofia perdido o lugar que ocupava no cenário científico,

subordinando-se ao modo de pensar positivista e ingênuo da ciência natural³⁵. Para isso, ao tentar dar um lugar de destaque para a Filosofia, Husserl (1992) cria a fenomenológica e a define não apenas como um método, mas como uma ciência, uma conexão entre disciplinas, enquanto método e atitude que tem como prerrogativa básica o caráter filosófico rigor e radical.

Em *A filosofia como ciência de rigor*, Husserl (1965) teceu um panorama das relações entre o cientista positivista teve nas ciências, na Psicologia e na Filosofia, principalmente no que diz respeito a naturalização da consciência e na matematização da vida. A crítica husserliana visa acima de tudo tentar alertar para as consequências futuras do apego a um modo de pensar e investigar, que ao invés de privilegiar um modo de pensar integrado e considerando a relação consciência-mundo, colocou a consciência como mero objeto de investigação. Nesta obra, com muita delicadeza intelectual e aprofundamento teórico sobre o que acontecia no mundo da vida, na sociedade europeia do século XX, que ele deixa claro os problemas que a humanidade enfrentaria com o avento desenfreado rumos do pensamento naturalista, do historicismo, do psicologismo e da filosofia ideológica.

As influências do Naturalismo³⁶ nas ciências do espírito permitiu que o modo positivista e objetivista promovesse a “naturalização da Razão³⁷”, que ele vê os fenômenos migra-se para a atitude investigativa nas ciências frente aos problemas do homem e da humanidade. Colocando o homem e a natureza como meros objetos de dominação do próprio homem. A inquietação perdeu espaço para a quietude que não é sinônimo de paz, mas de acomodação.

³⁵ Ver A ingenuidade da ciência (HUSSERL, 2009)

³⁶ A definição de Naturalismo é encontrada em Husserl (1965).

³⁷ idem (1965)

Novaes (1996) é um dos intelectuais contemporâneos que tem uma visão plural e interessante, principalmente pelo fato de que transita com considerável delicadeza intelectual por temas e teóricos diversos, dando os devidos créditos aos fundamentos de suas discussões. Um destes teóricos que ele se refere é Husserl ao apontar a preocupação e a intenção de Husserl em apontar a relação entre crise e razão. O modo como Novaes discute A Lógica Atormentada e conduz a sua reflexão sobre o contemporâneo é instigante e merece aqui destaque:

A razão no sentido forte do termo, traz em si mesma uma lógica atormentada que, a cada momento, presta contas do poder que exerce. Assim, toda razão é enigma, se entendermos razão como o encontro com os opostos em um movimento sem fim. Nesse sentido, crise e razão tem um só e mesmo destino: se formos à origem do vocábulo, vemos que a palavra *crise* deriva do grego *Krîsis*, que quer dizer ‘julgamento’, ‘decisão’, ‘capacidade de julgar’, ‘faculdade de pensar’; o *logos* grego (ou a *ratio* latina) também quer dizer ‘julgar’, ‘faculdade de pensar’, e pensar, como todos sabem, é ‘pesar’, ‘decidir’. Crise e razão já nasceram de mãos dadas (2002, p. 38)

Partindo de uma perspectiva frankfurtiana e um de um olhar atento sobre o contemporâneo, e sobre a arte numa sociedade de massa, bem como pelo modos de ser e estar no mundo elegidos pelo capitalismo, Soares nos ajuda a ilustrar esse modo de ser do contemporâneo que é permeado pela razão calculista onde o autor propõe uma razão sensível:

Vivemos em um mundo que não gosta da revolta nem da crítica, que acredita plenamente na ordem natural das coisas e que pede a cada um e a todos para se adaptarem, por um simples “cálculo” individual. O mundo contemporâneo não gosta da

“universalidade”, tendo no dinheiro sua única exceção. Somos todos definidos como consumidores, não como cidadãos, muito menos como pessoas. Nosso mundo também não gosta da aposta, do acaso, do risco, do engajamento. É um mundo cada vez mais obcecado pela segurança, onde cada um, isoladamente, deve calcular e proteger o seu futuro. (2002, p. 38)

Mundo este onde a crise que se percebe é acima de tudo uma crise de valores, uma crise da subjetividade, do homem que foi “chamado” e, escolheu ficar entregue a racionalidade técnica, inserido-se numa cultura de massa, onde os objetos e as coisas banais passaram a ter mais sentido que ele próprio. Onde ele próprio, é no capitalismo de consumo, não mais um contemplador da mercadoria, mas a própria mercadoria (BAUMAN, 2008, p. 20): “A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ³⁸ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias (..)

Vemos também, se revelando dia a dia, um apego massivo aos bens de consumo, quase sendo determinantes da própria constituição humana, se não os tivermos não seremos, felizes. É, a felicidade tornou-se mercadoria adquirida em farmácia, em corpos, em bens e objetos de consumo, tornou-se pílula, passou a ser mensurada e estimulada, e também, por exemplo, associada imediatamente ao dinheiro, ao sucesso e à posição social, propagada hoje pelos livros de autoajuda financeira, por exemplo.

³⁸ Para compreender mais sobre sugere-se a leitura dos artigos de Borba (2009) Fenomenologia da literatura de autoajuda financeira ou A literatura de auto-ajuda financeira na hipermodernidade de Borba e Sares (2011).

Cada fenômeno traz em si mesmo, os elementos suficientes para a sua compreensão, não precisamos, agir para comprovar teorias, nem para refutá-las, em fenomenologia nós vamos com um olhar atento ao que se mostra diante de nós, buscando compreender o que é que se mostra e como se mostra? Como se mostra à consciência que intenciona, que escolhe, que percebe, que deseja, que sente, que fantasia, que age, que produz.

Noema e noesis são termos que Husserl utiliza para demonstrar a ligação e a inseparabilidade entre Consciência e Mundo, entre eu e o outro, entre sujeito e objeto. Logo, é através da compreensão da relação entre o pensar e o pensado, entre o lembrar e o lembrado, quando vivido na sua pureza é compreendido. Entre crise e razão não há separação, uma vez que o uso irracional da razão promoveu as crises, e a mesma razão é chamada para tentar solucionar as crises.

Isso pode parecer complexo? Para alguns parece algo abstrato? Enganam-se aqueles que não se dispuseram a se debruçar sobre os escritos de Husserl, bem como buscar relações com outros olhares. A fenomenologia nos permite ir além sem pressupostos, sem *a priori*.

O paradigma explicativo e científico onde tudo se explica e se busca comprovação e validação, da maneira mais sedutora possível, como uma garantia de “quase certeza”, não é capaz de responder aos dilemas contemporâneos da existência.

Como alternativa, a fenomenologia proposta por Husserl como uma atitude e como um método de rigor é revista, repensada, crítica e atualizada por diferentes pesquisadores e profissionais que visam associar seus fundamentos em usos na clínica, na academia, na pesquisa, e na vida cotidiana, tentando compreender e não apenas explicar as coisas.

A máxima de Husserl “voltar às coisas” mesmas, promovendo uma redução, não no sentido de reduzir, mas

de reconduzir ao sentido fundante, ao fundamento, a essência. Nesse sentido, é preciso pensar qual o fundamento da crise atual? Caso seja, é preciso estar disposto a conhecer, a estudar os fundamentos para se ter clareza do que se está fazendo e do que se fará.

É preciso pôr em cena a atitude fenomenológica diante do mundo, diante da vida, diante dos fenômenos que se revelam e isso requer disciplina, estudo, leitura, experiência, enfim viver a fenomenologia. Se apenas o pesquisador se decidir a usá-la como um simples método, dentro de caixinhas teóricas, terá grande decepção ou dirá: isso é uma abstração da realidade, não é possível ter validade.

O olhar sobre os descaminhos da razão no contemporâneo nos faz ratificar que a fenomenologia e as contribuições dos pensadores frankfurtianos, bem como dos filósofos da existência são capazes de nos fornecer um modo alternativo de ver a coisa em “carne e osso” como disse Husserl. Diante disso, é possível, por questões para reflexão: Que novo caminho pode ser pensado? Que sentido quer o homem para sua existência? O que se pode fazer numa sociedade que elegeu o consumo, as tecnologias e a barbárie como modo de ser, de existir e resolver os problemas que afetam o humano? É preciso pensar. E, como diria o poeta Fernando Pessoa: “O que em mim sente, está pensando.”

3.4 Mundo-da-vida (Lebenswelt) e Mundo da Ciência: lugar da concretude existencial

Graças aos estudos de Edmund Husserl e a retomada deste por outros fenomenólogos contemporâneos, dentre eles Alfred Schutz, filósofos da existência e pelo teórico crítico J. Habermas, o *Lebenswelt* se tornou dos temas centrais daqueles que se propõem a

realizar uma análise fenomenológica dos fenômenos humanos e sociais.

Husserl em *A Filosofia como ciência de rigor* (1965) ao criticar o psicologismo, o objetivismo, o historicismo e o cientificismo deixou para a humanidade a herança e a responsabilidade de reestabelecer o lugar que o mundo e a vida ocupam na vida de cada um de nós que ocupa hoje esse recinto. Deixou para assim a missão de repensar o mundo-da-vida, contrapondo-o à perspectiva científica de naturalização do mundo, da vida e da consciência.

Na tentativa de apontar dois modos equivocados de explicar a realidade Husserl no artigo *A ingenuidade da ciência* (2009) ele mostra dois tipos de ingenuidade: a primeira é a razão enquanto um problema, um enigma, a razão enquanto pressuposição dela mesma; a segunda ingenuidade consiste em como o cientista considerado homem maduro e esclarecido e nas suas palavras um: “homem de razão é uma subjetividade que atua (*fungieren*)” carrega em seu trabalho pressuposições que o tornam. A segunda ingenuidade é a desconsideração da historicidade.

De acordo com Guimarães (2010, p. 2): “O psicologismo é a absolutização do fato psicológico. Tudo decorre da vida psíquica. Psique é a chave da decifração de todos os mistérios que envolvem a existência humana”. O autor argumenta ser o combate ao psicologismo a motivação central que impele Husserl na criação da fenomenologia.

Mesmo não sendo um psicólogo, mas um matemático interessado nas questões que envolviam a psicologia e a filosofia Husserl deixa também um legado de obras e reflexões, nem todas ainda traduzidas para o português de suas reflexões teórico-metodológicas de uma novo modo de fazer psicologia, filosofia e ciência inaugura por assim dizer o movimento fenomenológico que ele:

“desenvolve preocupações radicais com a questão da estrutura da existência humana, para além da idéia de fato psíquico como fundamento de qualquer modo de saber.” (GUIMARÃES, 2010, p. 3)

A existência humana é para fenomenologia tema central na análise intencional proposta pelo mestre Husserl e desenvolvida de diferentes maneiras por outras fenomenologias e pelas filosofias da existência.

Hoje penso que algumas questões iniciais podem orientar a discussão que proponho: 1º.) De que mundo estamos falando? 2ª.) O que diferencia o mundo-da-vida (Lebenswelt)(Lebenswelt) do mundo (termo corriqueiramente utilizado pela ciência)? 3º.) Que contribuições pode dar a psicologia fenomenológica para o desvelamento das questões que afetam o mundo-da-vida (Lebenswelt)cotidiano, marcadamente sublinhado pelo consumo, pelo dinheiro e pelo endividamento das pessoas?

O mundo proposto, apresentado e cultivado pelas ciências positivas é o mundo físico dotado de características e propriedades físicas e em geral tratado pela ciência, de modo simplista, como um lugar, um mundo artificial que utiliza um método tecnicizado. Nos diz Husserl (2009, p. 8): “O método tecnicizado decorre de uma operação com signos e palavras irrefletidos, esvaziados de sua significação e de seus modos de validade originais e próprios.”

Conforme discutem Ferraz (2004) e Struchiner (2007) a fenomenologia husserliana trouxe para si a responsabilidade por reestabelecer o distanciamento e o esquecimento que a ciência deu ao mundo da vida. Como assegura Ferraz (2004, p. 1): “O mundo-da-vida está oculto pela impregnação dos resultados científicos na vida intuitiva.”

Se o mundo-da-vida (Lebenswelt)está impregnado de pressupostos científicos como pode o homem entrar em contato com esse mundo e sentir, inspirar a sua própria concretude existencial? Sentir a vida pulsando nela mesma?

Guimarães (2008) na direção de ratificar o pensamento de Husserl sobre o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) apresenta de modo claro como a ciência tenta a todo custo enclausurar o mundo em seu tubo de ensaio, ato que nega o pulsar da vida, nela mesma.

Capítulo 4

4.1 - A Fenomenologia, a Psicologia e a Psicologia Fenomenológica

É preciso sempre reconhecer o grande impulso dado por Edmund Husserl (1858-1938) e as oportunidades de estarmos aqui hoje discutindo algumas de suas contribuições e daqueles que o seguiram, modificaram seu pensamento ou o reformularam. Não me recordo ter havido no seio da modernidade movimento filosófico com preocupação com o existir humano e o fazer da Psicologia, da Filosofia e de outras ciências tão evidente e inovadora como o fenomenológico. A Fenomenologia é em essência: abertura ao mundo da vida e as manifestações da consciência neste.

Até hoje ao falarmos em Fenomenologia, cada um de nós precisa ter sempre um cuidado em caracterizá-la, não como uma doutrina como fazem os leigos, prendendo-a em caixas epistemológicas ou metodológicas, mas acima de tudo, como um movimento dinâmico, sério, rigoroso que caracteriza a sua própria essência e existência a de ser “fluxo”. Fluxo de pensamentos, ações e reflexões sobre o vivido sempre dispostas a lançar-se no mundo-da-vida para compartilhamento.

Hoje é certo que, cada um de nós, tem o seu modo de ver, não mais importante que outro, mas ratificando o que o próprio Husserl já havia sugerido como tarefa central “estar a serviço da humanidade”.

A fenomenologia não é uma filosofia, uma metodologia ou mesmo uma epistemologia de gabinete. Ela é uma atitude diante do mundo-da-vida (*Lebenswelt*), mundo onde estamos imersos nos seu emaranhado de sentidos.

A Fenomenologia não é uma simples ferramenta como propõem alguns modos de ver as Ciências, dentre elas a Psicologia e a Filosofia. Ela é segundo Husserl (1990) uma atitude e um método ambos intelectuais e de rigor e jamais dissociados da vida e do mundo. A fenomenologia não pode e nem deve ser usada como apenas uma ferramenta, pois ela traz em si mesma um conjunto interligado de conceitos que se retirados do seu *setting* impedem a compreensão do que ela propõe. Alguns autores insistem em dar um caráter instrumental à Fenomenologia, ou seja, quer de método, quer de técnica. Enganam-se, pois, ao fazerem isso, rompem com os ensinamentos de Husserl (2009) principalmente quando ele destaca o caráter ingênuo dos cientistas.

Como ensina Husserl, a Filosofia e a Psicologia não devem andar separadas, mas próximas. Cada uma tem modos e orientações próprias de ver a consciência. A psicologia de modo “empírico” como uma continuidade da natureza e a fenomenologia de modo “puro”, ou seja, a própria consciência na orientação fenomenológica. (HUSSERL, 1965)

A Psicologia Fenomenológica é o caminho de acessar o vivido que se revela à consciência de modo intencional, sem subterfúgios, sem *a priori*, sem teorias que “expliquem” a consciência, mas antes de tudo a compreendam em seu fluxo.

4.2 A Psicologia Fenomenológica da vivência financeira

A Psicologia Fenomenológica é anunciada por Husserl ao longo de sua obra, mas não concluída. Já no artigo Fenomenologia para a Enciclopédia Britânica (1992) e também na Husserliana IX resultado do curso ministrado sobre Psicologia Intencional organizado por Walter Biemel (HUSSERL, 1977).

Pensar uma Psicologia Fenomenológica para Husserl, mesmo que em ideias iniciais é pensar uma psicologia pura, sem apego ao método experimental, à lógica-matemática.

Em se tratando de ver diretamente a vivência financeira contemporânea, defendo a tese de que o psicólogo tem nela um cenário fértil para compreender os caminhos que o homem lida com o dinheiro, com os apelos de consumo e crédito fácil, buscando como este fenômeno se revela à consciência. Fazendo assim, é possível problematizar o sentido e o significado que o dinheiro tem para o homem contemporâneo e as implicações deste para a subjetividade.

Nessa direção Simmel (2000, p.56) parece acolher nossa ideia e adverte que o psicólogo precisa considerar essa importância:

(..) a fome de dinheiro é o estado permanente da alma, típico de uma economia monetária realizada. Isso explica porque é que o psicólogo não pode absolutamente ignorar o queixume freqüente de que o Dinheiro seria o Deus do nosso tempo, e porque pode, decerto, deter-se nele e descobrir relações significativas entre duas representações, 'pois é um privilégio da psicologia não poder incorrer em actos blasfemos.

A fome por dinheiro e seus subprodutos é hoje uma das principais características da vivência financeira no mundo da vida contemporâneo, extremamente permeado pela precificação da vida e pela perda de valores, antes considerados humanos. Chamo de precificação da vida toda a prática adotada por nós homens contemporâneos de dar um preço às relações, ao tempo e ao estilo de vida que escolhemos ter. Vejo que isso tem levado a uma financeirização da vida, juntamente com a sua própria espetacularização.

Como pode então, neste cenário, um psicólogo agir? Que tipo de ajuda pode ele oferecer à pessoa que procura sua ajuda profissional? Considerando que a relação terapêutica, portanto, é uma relação profissional de compreensão e ajuda, na qual cabe ao psicólogo evitar pré-julgamentos e uso de fórmulas para “resolver” o problema do outro, deverá ele ajudar a (des) cobrir tudo aquilo que está encoberto, permitindo a quem lhe procura tornar-se consciente de suas escolhas e das circunstâncias ao seu redor, a fim de evitar atitudes ingênuas.

Partindo da psicologia fenomenológica de Edmund Husserl e de contribuições de outras fenomenologias e de filosofias da existência e, ainda, utilizando a atitude e o método fenomenológico, o psicólogo pode tentar ampliar a consciência do seu “paciente” no sentido de mostrar a ele como o mundo-da-vida se apresenta e quais os horizontes possíveis do exercício da sua liberdade e das escolhas que faz no mundo.

Diante dos fenômenos que aparecem à consciência, o que pretende a Psicologia Fenomenológica?

Quem melhor pode ser consultado para responder a essa questão é o próprio Husserl em sua obra *Psychological Phenomenology* e alguns dos seus comentadores que se preocupam em estabelecer a fiel relação entre psicologia e fenomenologia. Dentre eles estão Forghieri (2002), Goto (2008), Giorgi e Sousa (2010), Sokolowski (2010).

Giorgi e Sousa (2010, p. 45) nos oferece uma resposta à questão:

A Psicologia Fenomenológica distingue-se pelo seu caráter reflexivo, Não sendo a consciência autoclarificadora, de forma imediata, sobre o conteúdo dos atos intencionais, necessitará de os explicar *a posteriori*. Dando estes passos, Husserl não excluindo o âmbito de ação da psicologia experimental, desvela u novo horizonte de investigação a análise fenomenológica da

consciência intencional. Um contributo notável era dado, abolindo uma visão exclusivamente naturalista da consciência humana.

A Psicologia Fenomenológica permite ao homem em crise buscar horizontes e abertura no modo de ver os fenômenos que se apresentam a ele, a fim de que seja possível perceber o modo como tem conduzido sua existência e o modo como se relaciona com os outros no mundo. Cabe ao psicólogo auxiliar nessa caminhada.

Nessa direção, os adeptos da psicologia fenomenológica buscam ampliar as relações consciência-mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e para isso é necessária uma *epoché*, ou seja, suspender temporariamente o uso de “ferramentas” teóricas ou metodológicas que são oferecidas pelas ciências, devendo ter apenas a atitude fenomenológica como modo de acessar o vivido.

Como afirma Sokolowski (2010) a fenomenologia é a ciência do mundo da vida. Goto (2008) tem se destacado como um dos autores centrais na retomada dos fundamentos da psicologia fenomenológica no país, dando destaque às suas relações com Edith Stein, discípula com quem Husserl manteve grande diálogo.

O vivido é a chave e a “doutrina” da própria existência. Ao psicólogo cabe desvelar os sentidos que estão encobertos no vivido. Assim, a psicologia clínica na perspectiva fenomenológica não está desvinculada do social³⁹, ela é sempre ligada ao social, ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*) (HUSSERL, 2012/ GUIMARÃES, 2010).

O psicólogo deve possibilitar o desvelamento dos fenômenos, promovendo a saída da atitude ingênua, ou seja, levando o homem a assumir o absurdo e a responsabilidade da sua própria existência. A atitude transcendental possibilitará a saída da atitude ingênua, a

³⁹ Nesse sentido foi apresentado por Borba neste congresso comunicação oral que retrata essa discussão.

qual imobiliza o homem diante das inconstâncias do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo.

4.3 A vivência financeira a partir da compreensão do mundo-da-vida contemporâneo.

O tema da vivência é central na fenomenologia husserliana. Husserl se debruçou sobre a vivência da consciência ao intencioná-la, buscando a inseparabilidade entre o vivenciar e o vivenciado. Seus estudos começam questionando o apego da Filosofia à Ciência Natural, passando pela Lógica e pela Psicologia. Questiona preferencialmente não o papel da ciência, mas os sentidos éticos que a escolha pela atitude científico natural poderia vir a provocar na humanidade.

Encontramos, portanto, na fenomenologia husserliana a fundamentação necessária para que seja possível compreender e atualizar o significado de vivência.

De acordo com Abbagnano (2007, p. 1006) vivência é:

“Experiência viva ou vivida, a V. designa toda atitude ou expressão da consciência. Dilthey utilizou bastante essa noção assumindo-a como instrumento fundamental da compreensão histórica e, em geral, da compreensão inter-humana. Caracterizou-a do seguinte modo: A V. é, antes de mas nada uma unidade estrutural entre as formas de atitude e conteúdos. Minha atitude de observação, juntamente com sua relação com o objeto, é uma V., assim como meu sentimento de alguma coisa ou meu querer alguma coisa. A V. é sempre consciente de si mesma.”

Como diz Husserl (1992, p. 55): “Toda vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser elevada a cabo, pode fazer-se objecto de um puro ver e um puro captar e, neste ver, é um dado absoluto.”

“Toda vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto.” (HUSSERL, 1992, p. 71)

Como é possível entender isso? Não estudamos o dinheiro para José, mas o José em relação ao dinheiro. Logo, o que nos interessa é a vivência que ele tem ao utilizá-lo, o que o dinheiro significa em seu mundo-da-vida e não o dinheiro como um fato.

Consideramos, desse modo, a importância que o tema da vivência tem para a fenomenologia e para a compreensão do sentido que a vivência tem para aquele que a vivenciou. Por isso, é preciso deixar claro, como lembra o próprio Husserl (2012), que não fazemos uso do termo em seu uso corriqueiro, mas sim no sentido fenomenológico. Não devemos, portanto, nos referir que vivenciamos a crise financeira, apenas como se estivéssemos vendo-a acontecer de modo histórico, mas sim a entendendo enquanto um fenômeno que nos afeta, que se revela diante de nós, é percebido e sentido, é visto, é vivenciado, pois tenho consciência de que o percebo e vivencio.

É da realidade que se apresenta nos meus estudos preliminares, da vivência de consumismo e de endividamento, bem como da observação, da reflexão e do diálogo com teóricos que trarei aqui um olhar sobre o entrelaçamento entre vida e finanças contemporâneas. Entre subjetividade e intersubjetividade mediada pelas relações com dinheiro, o consumo e o endividamento.

E como estas vivências podem ser percebidas? O que são as vivências para a fenomenologia? De acordo com Husserl (2012, p. 296):

“(...) são vivências ou conteúdos da consciência, as percepções, as representações das fantasias e as representações de imagem, os atos do pensamento conceitual, as suposições e dúvidas, as alegrias e as

dores, as esperanças e os temores, os desejos e as volições, e coisas semelhantes, tal como têm lugar na nossa consciência.”

A realidade e a percepção da realidade por aquele que a vivencia é o único “recurso” necessário, para melhor dizer, a evidência única e necessária para compreensão daquilo que acontece. Mas essa compreensão exige daquele que vivencia uma atitude fenomenológica ou como nos lembra Embree (2011), exige do fenomenólogo uma análise reflexiva.

Para Husserl (2012, p. 69): “[...] nas próprias vivências da consciência, reside, como tal, aquilo que nelas é consciente, ou seja, que a percepção em si mesma, é a percepção de algo, desta árvore.”

Contudo, destaco que na atual sociedade contemporânea, as relações entre o homem e o dinheiro e deste com as relações de consumo e com o próprio endividamento naturalizaram-se, ou seja, tornaram-se comuns e automáticas. Diariamente, a mídia relata inúmeros e crescentes casos de violência, corrupção e mau uso dos recursos públicos, o que revela que o valor dinheiro tomou o lugar de maior importância nas relações intersubjetivas e sociais. Chegamos, pois, a uma raça de seres humanos endividados.

Capítulo 5

5.1 Uma fenomenologia da "Raça de Endividados⁴⁰": pensando uma psicologia das culturas do consumismo e do endividamento no mundo da vida contemporâneo⁴¹

A ciência separou e artificializou o mundo, tornando-o possível de ser dominado antes mesmo de compreendê-lo e conhecê-lo. O argumento de progresso científico para melhoria da qualidade de vida causam hoje um caos generalizado e crises na sociedade e na subjetividade. Em 1900, Edmund Husserl criticou o processo de naturalização da vida, a irracionalidade da razão e a perda do sentido da humanidade. Para o filósofo e matemático, a ciência precisaria retornar ao mundo-da-vida (Lebenswelt) para conhecê-lo.

O mundo-da-vida (Lebenswelt) contemporâneo contém uma sociedade de consumo marcada pela ótica capitalista do ter para ser, que vem transformando pessoas em mercadorias, objetos em partes inerentes ao corpo humano, tornando o humano um acessório da máquina e um escravo da técnica ou ainda um *homo consumericus*, como argumenta Lipovetsky. Diante desse cenário, resgatam-se as ideias centrais do pensamento fenomenológico de E.

⁴⁰ Zygmunt Bauman utiliza o termo Raça de Devedores. Eu preferi chamar de raça de endividados em função da ligação direta com a cultura do endividamento e também pelos dados obtidos sobre endividamento.

⁴¹ Artigo norteador da conferência apresentada no dia 17 set. 2012, Hotel Rio Poty, em São Luís-MA, por ocasião da abertura da XIII Semana de Psicologia do UNICEUMA.

Husserl e as contribuições de pensadores frankfurtianos que possibilitam “ler” o cenário atual. A fenomenologia enquanto método e atitude de rigor possibilita ao psicólogo social e a qualquer profissional um olhar direto sobre os fenômenos que se revelam à consciência, sem subterfúgios ou explicações causais.

Para a realização deste estudo, procedi a um levantamento bibliográfico e no meio virtual, além da recordação da própria vivência de endividamento e da compreensão do modo como o endividamento e o consumismo são evidências do estilo de vida contemporâneo. Os principais estudos mostram que o consumismo e o endividamento são fenômenos sociais e, como tais, contribuem para a construção de uma raça de endividados. Nessa direção, o capitalismo oferece pseudossoluções de gestão das finanças pessoais e patrimoniais com “dicas simples” de uso da racionalidade e das estratégias de controle.

Excetuando-se esse ponto de vista, foi necessário envidar esforços para compreender os “o quê” e os “como” os homens se tornam e permanecem endividados e não por que se endividam, a fim de evitarmos recair num psicologismo.

Os temas do endividamento e do consumismo têm uma estreita relação com as vivências humanas na contemporaneidade e indicam experiências de vida, modos de ser e estar no mundo da vida. O interesse por este tema foi despertado e tem se ampliando em meu percurso intelectual, desde minha formação na área contábil-financeira até as relações que tenho feito com a Psicologia. A motivação foi aguçada potencialmente quando da produção da tese de doutoramento intitulada: “A salvação dos endividados”: literatura de “autoajuda” financeira e

subjetividade na hipermodernidade⁴². De 2008 a 2015 tenho tido contato direto com leituras críticas e não-críticas que tratavam da cultura do consumo, da hipermodernidade, das estratégias capitalistas de subjetivação e das possibilidades de pensar uma Psicologia Social Fenomenológica, autônoma, crítica e fora do paradigma científico tradicional.

A pesquisa e vivência imediata com livros de autoajuda financeira (BORBA, 2011) e a observação do discurso das instituições financeiras, das administradoras de cartão de crédito, das empresas de consignação e dos bancos, e também dos órgãos de proteção e defesa do consumidor somado ao contato direto com os materiais de propaganda ou com reportagens por eles produzidas dão evidenciadas claras da naturalização da vida financeirizada.

No caminho escolhido para compreender as intenções dos autores de livros de autoajuda financeira surgiam diante de mim inúmeras estratégias de subjetivação utilizadas pelo sistema capitalista para institucionalizar o retorno ao individualismo, às práticas de cultivo de si, às tecnologias da subjetividade e o endividamento. Dada à necessidade pessoal de conhecer os estudos que indicassem não somente um olhar psicológico sobre a economia e finanças, mas também um olhar econômico e financeiro sobre questões de ordem “psicológica” investiguei estes modos de ser via naturalização de uma raça de endividados.

Durante minha formação em Ciências Contábeis e Psicologia (Formação de Psicólogo) não me foi apresentado nenhum autor ou estudo que pudesse mostrar uma inter-relação entre estes saberes, apenas no

⁴² A tese foi defendida no dia 16 de dezembro de 2011 no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, sob orientação do professor Dr. Jorge Coelho Soares (PPGPS/UERJ) e co-orientações de prof. Dra. Ariane Patrícia Ewald (PPGPS/UERJ) e prof. Dr. Aquiles Côrtes Guimarães (IFCS-UFRJ).

doutoramento e no pós-doutoramento essa possibilidade materializou-se.

Silva (2009), sob minha orientação, realizou pesquisa monográfica intitulada: “Reflexões sobre o ser-endividado: uma proposta de estudo do endividamento pessoal através do olhar fenomenológico”. Este passa a ser então o primeiro trabalho no curso no curso de Psicologia da Universidade Federal Maranhão que investigou as relações entre psicologia, finanças e endividamento, tendo os fundamentos da fenomenologia husserliana e o diálogo com outros autores como mote teórico e epistemológico de estudo.

Estas vivências iniciais me colocaram no caminho da disseminação do conhecimento até então aprendido e passei a ministrar minicursos, apresentar trabalhos e, por fim, propor em um projeto de doutoramento um estudo sobre o “Endividamento dos servidores da Universidade Federal do Maranhão – UFMA”, o que naquela época foi abortado por sugestão do orientador e que, na visão dele, poderia vir a ser um capítulo de livro ou um artigo.

Em 2007 apresentei no XIV ABRAPSO o pôster “Psicologia, Endividamento e Finanças Pessoais”. Ao retornar, na conexão RJ-FOR-SLZ fiz uma rápida visita a uma livraria no aeroporto de Fortaleza, e eis que me deparei com o livro “Terapia Financeira” do contador Domingos Reinaldo. Pronto, este livro culminou sendo o gatilho para meu projeto de tese final.

E, foi, durante o doutoramento e pela feliz, ampla, segura e competente orientação e co-orientações recebidas, que tive a oportunidade e a possibilidade de buscar tais “conexões”. Choveram sobre mim inúmeros textos que apontavam possibilidades antes inimagináveis. Encontrei então a Filosofia e Psicologia do Dinheiro com Georg Simmel, pensador que em 1900 discutia o papel do dinheiro na relação entre os sexos, o pensamento calculista (...) e os efeitos do dinheiro na construção da cultura objetiva e

subjetiva. A “garimpagem” continuou e tive a felicidade de mergulhar num mar de possibilidades que me levaram a propor a interface que hoje pretendo discutir parcialmente aqui.

Inicialmente tomei conhecimento dos estudos sobre Finanças Comportamentais e, a partir disso, diversos outros estudos sobre Neuroeconomia, Sociologia Econômica, Psicologia do Dinheiro, Sociologia do Dinheiro e Filosofia do Dinheiro foram localizados, catalogados e organizados. Eles pulavam sobre mim, como se pedissem: “adote-me, leia-me, evidencie-me”. Comecei a buscar nos eventos de Psicologia e Ciências Contábeis tal relação, e dificilmente encontrei ou quase nunca encontrava comunicações científicas tratando dessa interface. O que era dificuldade, tornou-se uma possibilidade de investigação;

Em meio virtual localizei o estudo da Psicóloga e Psicanalista Vera Rita de Melo Ferreira que havia escrito tese de doutoramento em Psicologia Social sobre a *Psicologia Econômica - origens, modelos, propostas*. A psicóloga é representante no Brasil *The International Association for Research in Economic Psychology - IAREP* (Associação Internacional de Pesquisa em Psicologia Econômica).

Ainda não satisfeito, pois os estudos localizados, apesar de muito interessantes, estavam fora da perspectiva que deseja trabalhar. Então sou apresentado à obra *La philosophie de l'argent* (Inicialmente o título foi mantido como Filosofia do Dinheiro e atualmente publicado como Psicologia do Dinheiro) de Georg Simmel. Hoje Simmel tem sido estudado sistematicamente com meus orientandos no projeto: “Psicologia, cultura do endividamento e cultura do consumo: reflexões sobre o mundo-da-vida contemporâneo” (PIBIC-UFMA 2012-2013;2013-2014 e 2014-2015) e com os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica - GEPPFF.

Assim, o que hoje apresento parcialmente para vocês é “resultado” da análise reflexiva de algumas leituras realizadas e da própria vivência de endividamento e com endividados. Essa vivência me permitiu compreender como o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) financeira, a cultura do endividamento, a cultura do consumo e o consumismo contemporâneo se apresentam diante de mim e de muitas pessoas.

Para a proposta de hoje faço uma caminhada, neste texto, por saberes oriundos das Ciências Contábeis, Direito, Economia, Sociologia, Filosofia e também da Psicologia, por acreditar que esta última, em hipótese alguma, dá conta. Sozinha e a partir das suas lentes de investigar as nuances de fenômenos contemporâneos tão complexos e multifacetados como são o endividamento e o consumismo. A Psicologia é um modo de ver, existem outros que ampliam nosso olhar e precisamos lançar mão deles, caso contrário estarei retrocedendo ao psicologismo tão combatido por Edmund Husserl nos anos de 1900.

Percebo que o consumo e o crédito são faces da mesma moeda quando se trata de uma sociedade de consumo contemporânea, eminentemente capitalista. O estímulo ao consumo anda paralelamente ao estímulo ao crédito, mas inversamente proporcional ao estímulo ao ato de poupar. Fato este que é comemorado tanto pelo setor público, quanto pelo setor privado. De um lado, o governo diz estar “aquecendo” a economia, e, de outro, o setor privado diz estar “democratizando o acesso ao mercado de consumo” oferecendo “facilidades” ao consumidor⁴³ para adquirir bens e serviços.

⁴³ De acordo com o Código do Consumidor (Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, em seu Capítulo I, Art. 2º Consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final.

Adorno nos diz: “O consumidor não é como a indústria cultural gostaria de fazer acreditar, o soberano, o sujeito desta indústria cultural, mas antes o seu objeto⁴⁴.”

É a era do “crédito fácil”, da “parcelinha, do precinho e do prazão” como diz uma sambista conhecida popularmente como Marrom, num comercial de TV exibido por alguns meses nos canais de televisão maranhense. A questão, “a saber” é: o que há de mal nisso?

Mal, no sentido estrito da palavra talvez não faça, mas soma-se a esse discurso, o uso perverso e totalitário que a propaganda e a publicidade têm ao contribuir para a homogeneização de gostos e comportamentos iniciando isso desde a infância. As pesquisas realizadas por Severiano (2001; 2006) tem como foco central a relação entre a Publicidade, a Subjetividade e a Cultura de Consumo principalmente no que tange aos apelos da publicidade para a construção de estratégias mercadológicas para captura da subjetividade e homogeneização das consciências. Dentre as estratégias está a pseudoindividação que traz em si a noção de que o produto é personalizado, tem a cara do consumidor, foi feito para ele, o que é um engodo.

Ao contrário da liberdade que se diz oferecer, o consumo e o crédito tornam-se dia a dia “drogas sociais” contemporâneas e podem, possivelmente, levar ao adoecimento existencial, ou como dizem alguns ao surgimento de psicopatologias, tais como, o consumismo, já incluído no tão controverso DSM – V.

A “dependência à Internet” e a “dependência a *shopping*” também foram incluídas no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (em vigor desde 1994) como patologias tratadas com medicamentos. Se estes tipos de dependências e “patologias sociais” são incluídas como

⁴⁴ ADORNO, T. Resume sobre Indústria Cultural. Disponível em : <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno17.htm>>. Acesso em: 17 set. 2012.

“doenças mentais” e “individuais”, estar-se-á responsabilizando apenas ao profissional tradicional de psiquiatria para o tratamento.

Incluir doenças socialmente observáveis em um catálogo pode ajudar na sua identificação, mas de modo algum é garantia do seu tratamento. Amplia-se o ato médico tão discutido pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP e por outros conselhos profissionais, e, se coloca outros saberes subordinados a essa positividade ingênua, fortalecendo a indústria de fármacos.

É no mundo que os fenômenos precisam ser vistos e “tratados”, não na perspectiva de isolamento que tem dominado a sociedade, isolando e responsabilizando apenas o indivíduo/a pessoa/o sujeito/o organismo/o homem como único e supremo responsável pelos males que é acometido. Ser homem é ser sempre em relação com. É preciso que conheçamos as intenções, as motivações, os estímulos, enfim aquilo que mobiliza o sujeito ou literalmente, o imobiliza.

Se mantivermos o pensamento positivo e objetivo das ciências naturais pode ser possível pensar então na criação de uma pílula para endividados? Em um chá para “emagrecimento” de dívidas? Ou mesmo em uma máscara facial de “redução” das gorduras localizadas do cartão de crédito? Ou ainda, de uma capa protetora contra ao consumismo? É evidente que não.

Não são tecnologias que ampliam a relação do homem com o mundo, elas são e sempre serão meios e nunca fim em si mesmas, pensá-las como fins é realizar fetiche. Esse fetiche tecnológico contribui, também para um hiperconsumo de tecnologias, de ideias e de modos de vida. Vivemos em um mundo hipertecnológico, panóptico e individualista. Excesso de tecnologias também leva a uma dependência. Já somos homens-máquina. É muito comum ver pessoas caminhando pelas ruas com fones de ouvido, ouvindo repetidamente as músicas do “momento”, músicas

selecionadas pela indústria cultural. Parecem estar sentadas numa cadeira de ambulatório tomando “soro na veia” e talvez a grande maioria nem perceba os efeitos disso. Lipovetsky e Serroy (2011, p. 72): “O que as indústrias culturais inventam não é nada mais que uma cultura transformada em artigos de consumo de massa.”

Um olhar fenomenológico-crítico me permite inferir inicialmente que é necessário (des) velar e não “velar” as culturas do consumismo e do endividamento que emergem na sociedade contemporânea. Hoje, no mundo inteiro, o endividamento e o consumismo são fenômenos sociais que levam indivíduos a perderem o sentido da vida, ou a se desviar do seu projeto existencial. As estratégias capitalistas da pseudocultura do consumo deslocam o foco de atenção daquilo que seria essencial para o homem, para aquilo que lhe é aparente, obsoleto, supérfluo e líquido.

Acredito ser possível defender a tese de que o endividamento e o consumismo são hoje psicopatologias sociais contemporâneas, não como instâncias depositadas no cérebro, na mente e tratadas como mirabolantes teorias, mas fenômenos sociais que não deixam de ser fenômeno humanos. A relação noético-noemática fica claramente perceptível: não há endividado sem dívida e nem dívida sem endividado, nem tampouco dissociado do mundo.

O ser-endividado e o ser-consumista estão no mundo-da-vida (Lebenswelt) antes mesmos de estarem imersos no mundo do consumo.

5.2 Por uma psicologia da cultura do consumismo e do endividamento.

Além das reflexões aqui apresentadas, minha proposta consiste não apenas em apresentar uma “nova” área de conhecimento para a investigação da ciência psicológica em suas mais variadas vertentes, mas acima de tudo retornar a Psicologia ao mundo da vida, fazendo-a

preocupar-se mais com os fenômenos, assim como eles se apresentam, do que com matematizações e validações científicas tradicionais. Deste modo, ela será mais que uma ciência de comportamentos indesejados, de doenças e/ou de psicopatologias, mas uma área de conhecimento capaz de pensar, compreender, teorizar e intervir no mundo da vida nos mais diferentes contextos, sem a priori teóricos como modos explicativos das vivências.

O modo como os fenômenos humanos, sociais, políticos, econômicos e biológicos se movimentam hoje é veloz e não pode ser vistos separadamente, não numa relação de causa-efeito, mas sempre relacionais e humanas, onde o homem é o principal agente-paciente dessa intervenção.

A cultura do consumismo e do endividamento tem características muito particulares e exigem de nós uma atenção especial, não é apenas o consumo de produtos e tecnologias que se disseminam, mas principalmente o consumo de drogas, de modos de vida cada vez mais tecnológicos. Segundo diz Lipovetsky (2004, p. 61) “Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer.”

Este tipo de cultura coloca o homem hipermoderno cada vez mais numa lógica imediatista, acelerada e sem vínculos duradouros. A própria compra virtual faz parte dessa categoria de progresso a todo custo que parece dar liberdade, “livrar” o comprador de qual contato com aquilo que pode parecer-lhe chato, enfadonho, o ir às compras, encontrar com outros, pechinchar, provar, desistir. Na compra virtual o comprador é colocado com um poder supremo – ele faz sozinho o que quer, entretanto, é retirado dele a possibilidade de desistir, clicar no “voltar” para desistir de uma compra efetuada em “suaves” prestações.

Para se compreender a realidade é preciso “ver” seu movimento qualquer tentativa de captura é ingênua e, já dela isolou a sua essência, a de ser realidade. O paradigma instrumental que dominou e ainda domina a psicologia e outras áreas do conhecimento, preocupa-se mais com o “como fazer para”, do que com “o quê” se apresenta e “de que maneira se apresenta”, para só então depois pensar se será possível pensar nos “como”.

No caso, os fenômenos sociais e os econômicos trazem em si uma série de sentidos e significados, fruto de uma racionalidade tão perversa que mantém o “gado” em direção ao matadouro.

Paulani (2005, p. 63) nos ensina: “Os fenômenos econômicos não podem ser devidamente explicados sem que compreendamos a natureza da sociedade em que eles se inserem”. Assim como não é possível entender os fenômenos econômicos dissociados da sociedade, na mesma medida, também não se pode, entender os homens endividados sem entender a sociedade em que vivem e os aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos que se mostram.

Insistir nessa visão positiva é realizar imaginaria e ingenuamente uma cisão na relação homem-mundo-da-vida. Mas, diante das questões que levanto cabe, sim, ao psicólogo, e aos psicólogos em formação serem menos presos aos seus modos de ver e mais relacionados com o mundo como agente central que revela segundo a segundo os fenômenos que afetam o homem.

A saúde existencial provavelmente depende mais do modo como o homem se relaciona com o mundo, consigo e com os outros, do que com características biológicas, cor da pele, opção sexual, religiosa, abordagem teórica, concepção política e imagens corporais que tem de si.

Essa saúde existencial de que falo, não ignora o adoecimento existencial ou as possíveis emergências de patologias, mas principalmente preocupa-se com aspectos

existenciais que colocam a consciência e o homem em movimento, responsabilizando por suas escolhas, por suas decisões e fazendo sair da atitude natural e mecânica que a própria ciência e os instrumentos totalitários têm colocado como “regra” de comportamento. Para além do desejo o homem é um ser de intenções de atitudes, fazê-lo sair do movimento adormecido que se encontra, ou do estatuto supremo de “ser consciente”, colocando em atitude reflexiva para proporcionar a ele condições de agir e promover mudanças pessoais, interpessoais, sociais e políticas capazes de fazer o mundo retornar à sua essência.

E qual seria a essência do mundo? Suspeito que seja simplesmente ser mundo-da-vida, lugar onde o Eu-TU (diria Buber), do ser-com diriam (Husserl e Heidegger) podem ratificar que é alteridade, e não o individualismo, o apego às coisas, as tecnologias, à técnica e ao dinheiro sejam as verdades da ciência.

Sartre evidenciou em sua fenomenologia da existência, serem os outros o nosso inferno e precisamos tirar proveito disso, e “ver” diretamente em “carne e osso”, como disse Husserl, o que em essência nos inferniza.

Em Ortega y Gasset grandes contribuições foram apontadas para compreender o advento do homem-massa, da perda do sentido da alteridade, perda essa facilmente reconhecida na sociedade de consumo. Os homens na tentativa de preencheram seu vazio existencial misturam-se ao gado na esperança de serem iguais, de tornarem-se homogêneos e nesse movimento se permitem ser capturados pelas estratégias capitalistas de acessar de modo mais fácil e rápido a felicidade (BITTENCOURT, 2010).

Esse bem mundial deixou de ser visto como um mistério, como nos diria Gabriel Marcel e passou a ser visto como produto e mercadoria “facilmente encontrada” nas coisas, nas mercadorias e no “outro mercadoria.” Como sair dessa cilada existencial? É no mundo, disse Husserl, que o homem pode transcender num movimento constante

de reflexão-ação-reflexão e não no mapeamento e no planejamento de estratégias e modelos de vida artificialmente elaborados. É no próprio mundo-da-vida (Lebenswelt) que está a sua essência, por isso as respostas estão nas perguntas que fazemos quando caminhamos na direção do mundo, atentos sempre naquilo que perguntamos, naquilo que desejamos e na responsabilidade pelas escolhas que fazemos.

E, mesmo diante desse estado de “orar e vigiar” para não cair em tentações consumistas haverá simultaneamente uma série de ofertas, de estímulos e de desejos sendo incitados, criados em laboratório, é preciso ter coragem de saltar na roda, de olhar quem nela permanece, de se ver olhando a roda rodando e de diante dela convidar outros a pensar se são as culturas do ser e do ter, do consumo e do endividamento que prometem o progresso, a inclusão e a felicidade, aquelas capazes de revelar o caminho da felicidade.

O Conselho Federal de Psicologia – CFP em outubro de 2008, por meio da cartilha “Contribuição da psicologia para o fim da publicidade dirigida à criança” tomou uma posição quanto à questão da publicidade dirigida ao público infantil cujo parecer pl 5921/2001, “dispõe sobre a publicidade de produtos e serviços dirigidos à criança e ao adolescente”, formulado pelo Professor Yves de La Taille, a pedido do Conselho Federal de Psicologia.

Na mesma direção, o Instituto Alana, através das suas redes de trabalho, atua na intenção de alertar a sociedade, os pais e os educadores sobre os efeitos que a publicidade ocasiona às crianças. Durante o I Encontro Maranhense de Psicologia Social, que pude coordenar, houve exibição e uma discussão do documentário “Criança, a alma do negócio” como atividade da Rede de Trabalho no Maranhão do Projeto Criança e Consumo.

Documentário este que apresenta fortes e fundamentados argumentos contrário à cultura do consumo.

Some-se a estas ações do Instituto Alana a divulgação das cartilhas: “Por que a publicidade faz mal para as crianças (2009) e O que fazer para proteger nossas crianças do consumismo.”

A transformação social com foco na coletividade precisa ser pensada, é preciso ver diretamente, refletir, agir e, se possível for, agir em conjunto. As Psicologias em suas mais variadas formas de ver o homem, o mundo e os fenômenos têm, cada um a seu modo, fornecem estratégias tão inteligentes quanto às lançadas pela publicidade para “capturar” os consumidores.

Sair da minoridade é uma escolha, assim como nela permanecer. Mas, antes que essa escolha seja definida, urge mostrar aos homens se eles realmente precisam ser estes consumidores-mercadorias; se eles precisam ter para ser e em que medida isso os fará felizes.

Acredito que a educação pode permitir ser ampliada fora dos muros escolares, para que se consiga alcançar o mundo-da-vida, uma alternativa de emancipação e libertação responsável.

5.3 Fenomenologia da “financeirização⁴⁵” das subjetividades no mundo-da-vida contemporâneo ⁴⁶

Neste capítulo, apresento uma reflexão sobre o mundo-da-vida contemporâneo a partir da percepção das

⁴⁵ No decorrer do artigo a noção de financeirização será esclarecida, mas a fim de atender a curiosidade do leitor posso afirmar que ela se refere à importância crescente que as finanças têm na economia pessoal, assim como a relação incestuosa entre Estado e Capital.

constantes evidências da “financeirização” das subjetividades nas relações entre o homem, o consumo, o dinheiro e o endividamento. Para isso, discuto os modos como agentes da economia, Igrejas, os meios de comunicação e o próprio governo oferecem inúmeras oportunidades para aquisição de produtos e serviços, principalmente serviços financeiros, como a tomada de empréstimos, acesso ao crédito fácil e dívidas com cartão de crédito até o uso de parcelamento para tratamentos estéticos.

Ratifico nesta reflexão que a essência da sociedade contemporânea é de uma vida financeira naturalizada e pautada em constantes atos de compra e contração de dívidas como processos “naturais” da condição de existir no mundo, nesse sentido, os homens contemporâneos são seres-para-o-consumo e seres-para-o-endividamento. Parto do mundo-da-vida (Lebenswelt) que revela o crescimento em escala exponencial do número de endividados e de consumistas, bem como das inúmeras estratégias de subjetivação a análise reflexivo-compreensiva foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico, documental e no meio virtual que intencional compreender os fenômenos aqui apontados tendo por base a fenomenologia de Edmund Husserl e diálogos com idéias de contemporâneos e de frankfurtianos.

Mantive-me nesta reflexão, no caminho metodológico para compreensão e análise das evidências localizadas em periódicos, reportagens e outros modos de manifestação dos fenômenos dinheiro, consumismo e endividamento que se revelaram ao pesquisador durante a investigação e redação do texto. Entende-se por fim, que a psicologia fenomenológica fornece condições de “ver” diretamente como o homem contemporâneo está-no-mundo e, se configura, numa atitude intelectual rigorosa de análise do vivido. As evidências atuais mostram a emergência de uma cultura do endividamento e do

consumismo fruto das estratégias capitalistas de subjetivação, culturas que foram naturalizadas na sociedade contemporânea. A Psicologia Fenomenológica é capaz contribuir para clarificar a emergência do modo de ser e estar no mundo que o homem, em atitude ingênua escolheu se manter.

Reafirmo que a fenomenologia enquanto atitude intelectual pode permitir ao homem em situação de crise e perda de sentido da vida, por apego ao consumismo ou endividado, a possibilidade de (des) naturalizá-los.

Vejo em escala exponencial que a naturalização das práticas de consumo e de endividamento, principalmente, as práticas de estímulo ao endividamento, se constituem como modos de ser-do-endividado e podem vir-a-ser ressignificadas, caso o homem em crise se permita ver tal condição.

O interesse por fenômenos que tratam da relação entre a Psicologia e as Finanças e suas possíveis “influências” nos modos de ser e estar no mundo e, também na intersubjetividade, tem sido percebido a partir das evidências publicadas em jornais impressos ou televisivos, letras de músicas, filmes, relatos/depoimentos de pessoas em situação de endividamento que espontaneamente iniciavam conversa sobre a situação angustiante provocada por este processo, ou mesmo em publicações que trata do consumismo, do endividamento e das influências do dinheiro na subjetividade.

Para compreender como os fenômenos econômicos e sociais afetam os homens em seu convívio diário com os outros e consigo mesmo, tenho investigado as relações do homem no mundo-da-vida contemporâneo sempre mediadas pelo dinheiro, pelas mercadorias, pelo acesso ao crédito fácil e pelas tecnologias. Nessa trajetória, confirma-se que cresce cada vez mais o apego do homem contemporâneo ao dinheiro e ao crédito fácil, assim como a todas as facilidades criadas pelo sistema capitalista para

ingresso no mundo do consumo e do endividamento. Esse apego tem ditado a naturalização da personalidade calculista, matematizado a consciência e financeirizado o existir no mundo contemporâneo.

O apego ao estilo de vida financeirizada tem se revelado como um modo de existir irracional, ou como diriam pois homem tem aprendido a lidar com sua existência de modo ingênuo, assim como já havia sido identificado pelo pai da fenomenologia, Edmund Husserl (1859-1938) quando analisou a crise da humanidade europeia (Husserl, 2012). Também em A filosofia como ciência de rigor, ele já questionava o modelo de naturalização da consciência.

Georg Simmel (1858-1918) sociólogo alemão apontou a emergência do pensamento contábil e da formação das culturas objetivas na modernidade, indicando que na metrópole um “novo” tipo de personalidade de homens cada vez mais autônomos, individualistas e vinculados ao pensamento calculista (Simmel, 1967).

Parece haver no modo como o homem contemporâneo se dirige a eles uma “escolha” ingênua ao acatar esse modo de vida como a “única” possibilidade de existir e ser feliz: consumindo coisas ou endividando-se para consumi-las, enfim, consumindo-se.

Por meio das redes sociais e das mais diferentes mídias, dentre elas os jornais e os programas de televisão tem sido possível observar como os homens contemporâneos dirigem-se para estes fenômenos: em geral, de modo ingênuo, aceitando as ditas ofertas e alternativas de forma automática, para burlar o sofrimento, o vazio existencial ou acelerar o tempo de vida aproveitando as oportunidades e as ofertas.

Os tempos hipermodernos, como sugere Lipovetsky (2004), indicam modos de vida excitados e fluídos, superficiais e céticos, apressados e vinculados à lógica consumista. Lógica esta que também se faz presente

nas relações pessoais e sociais, costumeiramente estes vínculos estão atravessado por relações financeiras, ratificando o pensamento de Simmel (1896/2005) que destaca como a economia monetária, o pensamento calculista e o dinheiro tornaram-se determinantes na construção da personalidade do homem moderno. Tais questões estão diretamente relacionadas com o modo de ser e estar no mundo, ou seja, com o estilo de vida resultante das escolhas e das circunstâncias que se revelam para mim e para outras pessoas que, em algum momento, escolhem endividar-se ou tornam-se endividados passivamente para alcance de um propósito.

Nesse processo de “escavação” fenomenológica, um interessante universo de livros, estudos e pesquisas surgiram para ratificar as reflexões e indicar a continuidade desta pesquisa. A aproximação aos estudos de Georg Simmel e de autores que investigaram a fronteira entre a Psicologia, a Economia e as Finanças Pessoais têm se mostrado como um “mar” de possibilidades para outras investigações futuras. “Ver” diretamente e teorizar sobre a vivência financeira como tema central é algo instigante e, em si mesmo, revelador de inúmeros outros fenômenos. Assim como ensina Guimarães (2010):

O ver fenomenológico não tem pressuposto. É o ver direto proporcionado pela intuição como “princípio dos princípios” que possibilita originariamente ver e descrever a estrutura de essências ou sentidos dos fenômenos. Intuir quer dizer estar dentro dos fenômenos, dentro dos objetos (do latim *intus*= dentro de). , (p. 16)

O mundo-da-vida (*Lebenswelt*) financeira da sociedade moderna, segundo Simmel (1987) reúne as influências da cultura objetiva e desta na formação da cultura subjetiva, ocasionando a sobreposição da primeira sobre a segunda. Isso confirma o fato de que o dinheiro tem exercido papel central e determinante na constituição

da personalidade, da individualidade e da socialização, reunindo “iguais”, diz Simmel (1896/2005): “(...) o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica por outro lado, aumenta, proporcionalmente a autonomia e a independência da pessoa. A relação entre personalidade e a comunidade desenvolveu-se de maneira semelhante.” (p. 24)

As evidências colhidas diretamente no mundo-da-vida tanto nas mídias impressas, no meio virtual, na televisão e na conversa informal com consumidores e endividados são fontes primárias para realizar uma análise compreensivo-reflexiva na busca dos fundamentos da “financeirização” da vida contemporânea.

Estes meios de comunicação confirmam, por meio da divulgação diária de reportagens, o quanto o dinheiro, o consumismo e o endividamento tornaram-se centrais na vida contemporânea ao ponto de definir o rumo da existência de um número considerável de pessoas. Somam-se a isso os constantes anúncios de inquéritos e julgamentos em que a corrupção, o desvio de recursos e a violência são cometidos para ter a posse do patrimônio alheio (assim como, assaltos ou seqüestros relâmpagos – seguidos ou não de morte, arrombamento de casas, caixas eletrônicos, corrupção ativa e passiva, invasão de contas bancárias, venda de partes do corpo humano, tráfico de pessoas animais etc..). São inúmeros os exemplos que posso utilizar para confirmar de que modo as relações contemporâneas tornaram-se efetivamente mediadas pelo dinheiro e suas variantes.

Preferencialmente as novelas da Rede Globo de Televisão, tais como: Chocolate com Pimenta, Avenida Brasil, Cheias de Charme, Guerra dos Sexos, Da cor do pecado, Salve Jorge, Amor à Vida e Babilônia são alguns dos exemplos de produtos criados para massa, cujos enredos destacam: o culto ao corpo, o estímulo ao

consumo, o dinheiro, o poder, e a perda dos valores humanos que são atravessados pelas relações monetárias, financeiras e creditícias. Elas insistem em trazer o dinheiro e as relações de consumo como temáticas “centrais” que sugerem ou indiretamente impõem modos de ser e estar no mundo natural, ao mesmo tempo em que contribuem para naturalizar “patologias sociais” diretamente ligas ao dinheiro, tais como a avareza, o individualismo exacerbado, a corrupção e o consumismo.

As novelas e seriados trazem também inúmeros exemplos dos problemas cotidianos diretamente vinculados ao dinheiro, tais como: avareza, pobreza, luxo, esbanjamento, mesquinhez, prostituição, corrupção, sucesso, fracasso, traição, compra e venda de pessoas e acima de tudo a “discreta” tentativa de naturalizar e “financeirizar” as relações intersubjetivas e sociais, ao mesmo em tempo que contribuem para transformar pessoas em mercadorias assim como nos adverte Bauman (2008, p. 76): “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade.”

Nesse campo minado, de sentidos artificialmente construídos os agentes capitalistas contemporâneos têm construído dia a dia inúmeros mecanismos para manter o estado de ingenuidade dos homens e acima de tudo a naturalização da vida, das ideais e da consciência.

O Ter como modo de Ser, a racionalidade e o pensamento contábil, o consumismo e o endividamento são traços fiéis do estilo de vida contemporâneo, onde habita o homem consumista e o endividado. Traços estes que neste estudo ganham um contorno mais evidente, uma vez que revelam a concretude existencial da sociedade líquido moderna. (BAUMAN, 2010)

A possibilidade de que este texto consiga sugerir possíveis caminhos para (des) velar as estratégias de

naturalização das ideias e da consciência (HUSSERL, 1965) e também da “financeirização” da vida que retrata os modos de existir e que marcam a plenitude da irracionalidade da razão e da matematização da vida e do pensamento calculista, me deixa bastante entusiasmado. (SIMMEL, 1896;2005).

Pensando na inseparabilidade entre aspectos “clínicos” e “sociais”, minhas reflexões iniciais “ousam” (des) velar o que encobre os fenômenos do consumismo, do endividamento e por fim, da financeirização das subjetividades, fenômenos que podem ser pensados com o apoio das diferentes fenomenologias e filosofias da existência. Pretendo que estas contribuições alcancem a psicologia na clínica e na compreensão dos fenômenos sociais. Um deles é a busca pelo preenchimento existencial no ato de comprar e de se endividar e, posteriormente o vazio existencial dele resultante. Comprar tornou-se um imperativo social e pessoal. Compro, endividando-me, Logo existo!

A ciência, mas especificamente representada pela Psiquiatria Moderna, por fim transformou o consumismo em uma “doença” e o incluiu no DSM-V sob o título de “Dependência a Internet”, “Dependência a Shopping”. (FREITAS, 2012). Enquadrar o consumismo como transtorno de comportamento mental ou de personalidade simplifica a magnitude social deste fenômeno, naturalizando e desviando o olhar direto sobre o fenômeno para desviar o olhar para uma categorização do fenômeno, uma standardização. É ingênuo pensar que todas as pessoas são afetadas e reagem da mesma maneira ao consumismo e ao endividamento.

Entretanto, percebo que um dos interesses desta padronização caminha na direção da conduta ingênua e cientificista de nomear de modo geral fenômenos e colocá-los como numa estante à disposição dos profissionais de

saúde. Nessa direção concordo com Freitas e Amarante (2012, p. 1) quando este afirma:

Nas últimas décadas o DSM tem servido como a bíblia para a chamada psiquiatria moderna e para os saberes e práticas subordinadas à sua hegemonia. Os autores de suas sucessivas edições argumentam suas pretensões são: (1) Fornecer uma “linguagem comum” para os clínicos; (2) Servir de “ferramenta” para os pesquisadores; (3) Ser uma “ponte” para a interface clínica/pesquisa; (4) Ser o “livro de referência” em saúde mental para professores e estudantes; (5) **Disponibilizar o “código estatístico” para propósitos de pagamento dos serviços prestados e para fins administrativos do sistema de saúde**⁴⁷; e, finalmente, (6) orientar “procedimentos forenses”. (grifo meu)

Tudo isso só corrobora para demonstrar que há inúmeros interesses que favorecem a psiquiatrização da vida e a financeirização das subjetividades no mundo contemporâneo.

Mas o que é e em que consiste a financeirização? Em linhas gerais a financeirização é um processo diretamente ligado ao modo de produção capitalista contemporâneo e ao fenômeno da globalização econômica e mundialização do capital financeiro. Braga (1998, p. 198) aponta que é dos Estados Unidos o interesse em “criar

⁴⁷ O item 5 foi negrito para evidenciar de que modo percebo como as relações entre a psiquiatrização da vida por parte dos profissionais da saúde, que caminha na concordância da medicalização da vida, dos interesses da indústria farmacêutica, das políticas públicas de medicalização da pessoa e porque não dizer da financeirização da vida, já que os tratamentos quer na rede privada, quer na rede pública precisam de um “preço” para compor as demonstrações contábeis do executivo (em nível federal, estadual e municipal), das instituições de saúde e das indústrias de medicamentos.

condições para que o dólar seja o dinheiro da financeirização global (...)", tornando o estilo de vida americano cada vez mais sendo indicado como modelo de progresso tecnológico, econômico e social.

Brochier [s.d] argumenta que o fenômeno da financierização atingiu o consumo e que também o consumo tem atingido a financeirização para a autora: "A financeirização do consumo, que ocorre mais fortemente nos Estados Unidos, significa que as famílias e os consumidores em geral se preocupam mais com motivos financeiros ao tomar decisões de gastar ou poupar."

Na busca por compreender o processo de financeirização, conclui que há estreita relação entre o capitalismo e a financeirização da economia é oriunda de muitos fatores. Nos autores estudados compreendi que a financeirização afeta diretamente o modo de ser e estar no mundo.

Concordo com Stockhamer (2010 citado pro Brohier [s.d], p. 3-4) o termo financeirização é utilizado para abranger fenômenos diversos dentre eles e principalmente "a mudança nas atitudes dos indivíduos", assim como resulta num maior endividamento das famílias e do consumidor em geral. Soma-se a isso o próprio modo como os indivíduos e as famílias obtém dinheiro, escolhem gastar, relacionam-se e, também o modo como elas atribuem sentido à existência, mas isso não ocorre por acaso. A escolha por manter a vida na mesma linha dos produtos, pouco a pouco está transformando o homem em mercadoria, como Bauman (2010) nos lembra. O homem contemporâneo ingênuo, massificado e envolvido pela máxima de ser rico para ser feliz, está transformando toda sua existência em produtos financeirizados: vendem-se partes do corpo, vende-se ou compra-se o silêncio, um depoimento, um acordo, a ética financeira tornou-se também um modo de ditar como se conduzir no mercado financeiro e no mundo da vida; os relacionamentos, a

comunicação, a sexualidade, entre muitas outras coisas foram capturadas pelas estratégias de financeirização tudo aqui tem um modo de condução exarcebadamente mediado pelo significado que o dinheiro lhe determina.

Ter espaço e mais “conforto” para esticar-se nas companhias aéreas por um acréscimo no serviço está sendo usual e como exemplo, uso as recentes campanhas da TAM⁴⁸: *“Fazer um mundo é fazer o seu sonho virar cartão de embarque, é ajudar a realizar a viagem dos seus sonhos e, claro, com facilidades que tornam esta experiência com a gente ainda mais especial. Pode ser uma oferta, uma dica, um serviço, tudo isso faz parte da nossa busca contínua pelo melhor.”* Melhor para quem?

Os indivíduos e as famílias são levados a conceber o progresso tecnológico e o desenvolvimento socioeconômico como uma alternativa para ser feliz no mundo da vida. As estratégias publicitárias têm a todo custo distrair, manter o homem imerso no fetiche da possibilidade daquilo que nem sempre irá se realizar. Soma-se a isso o casamento entre Estado, iniciativa privada que tem como amante o setor financeiro. Setor este que coordena com o aval do Estado um projeto macro de manutenção da ingenuidade, como diria Husserl, ou da consciência adormecida como diriam os frankfurtianos.

O certo é que o endividamento não cessa, é uma longa espiral, uma vez que paga-se para nascer e até para morrer. Morre-se se não for portador da quantia que um [meliante] atravessador deseja receber. Ter espaço e mais “conforto” para esticar-se nas companhias aéreas por um acréscimo no serviço está sendo usual e como exemplo, uso a recente campanha da TAM⁴⁹: *“Fazer um mundo é fazer o seu sonho virar cartão de embarque, é ajudar a realizar a viagem dos seus sonhos e, claro, com facilidades que tornam esta experiência com a gente ainda mais especial. Pode ser uma oferta, uma dica, um serviço,*

⁴⁸ <http://blog.tam.com.br/2013/05/a-gente-fazum-mundo-por-voce/>

⁴⁹ <http://blog.tam.com.br/2013/05/a-gente-fazum-mundo-por-voce/>

tudo isso faz parte da nossa busca contínua pelo melhor.” Melhor para quem?

Os indivíduos e as famílias são levados a conceber o progresso tecnológico e o desenvolvimento socioeconômico como uma alternativa para ser feliz no mundo da vida. As estratégias publicitárias têm a todo custo distrair, manter o homem imerso do fetiche da possibilidade daquilo que nem sempre irá se realizar. Soma-se a isso o casamento entre Estado, iniciativa privada que tem como amante o setor financeiro. Setor este que coordena com o aval do Estado um projeto macro de manutenção da ingenuidade, como diria Husserl, ou da consciência adormecida como diriam os frankfurtianos. Quanto mais entretenimentos, mais aceleração do tempo, mais liberdade para escolher produtos, mais distantes da realidade e ingênuos ficam os consumidores. Homens-massa como disse Ortega y Gasset, em suma consumidores voláteis por excelência. Descartam coisas, descartam relacionam, descartam valores, descartam a si mesmos. Perdem-se no mundo das mercadorias, do mundo mágico do parcelamento a prazo, na triste ilusão de estarem no caminho da felicidade. As pessoas tentam, ingenuamente, tapar o vazio existencial com produtos voláteis, como se elas quisessem encobrir a luz do sol com vidro translúcido.

Como sabemos, a Psicologia do Consumidor foi criada para adequar o consumidor ao mercado, já Severiano propõe uma cultura do consumo. Borba (2011) defende que em tempo de crise do capitalismo, crises constantes, é necessário pensar uma Psicologia Social Fenomenológica das culturas financeira, porque não dizer das culturas do endividamento e do consumismo, visto serem estes fenômenos cada vez mais indissociáveis e determinantes da condição humana atual. Endivido-me, consumo, logo existo.

Dentre os diversos modos de conceituar financeirização Brochier [s.d] me parece a que mais se

aproxima daquilo que buscava a financeirização é um processo onde “as finanças passam a influenciar e a moldar as decisões dos agentes – mesmo daqueles que não estão diretamente ligados a elas.”

A financeirização é em tese o momento em que o capitalismo passou a ser conduzido pelas finanças e a financeirização das subjetividades corresponderia a meu ver a essa passagem da dominação financeira sobre a existência do homem no mundo-da-vida (*Lebenswelt*) contemporâneo. Conforme nos lembra em seus ensaios, o dinheiro sempre tira do outro a pergunta: “Quanto?”

A psicologia, de base científico-natural, categoriza o indivíduo como “doente”, como um “portador de algum transtorno ou sintoma”, integrando-o a um diagnóstico pré-dado. A teoria sempre surge antes que seja possível compreender o sujeito assim como ele se apresenta. Diante disso, nos ensina Husserl (1965, p. 11):

O naturalista é doutrinador, pregador, moralizador, reformador. Mas nega aquilo que é a premissa do sentido de todo o sermão e de todo o postulado como tais.(...) O contra-senso que há nele, não é patente, mas oculta-se a ele próprio, reside na sua naturalização da Razão.

A naturalização da Razão (HUSSERL, 1965) passa a ser então o maior instrumento daquele que tem a ciência natural, a psicofísica e a psicobiologia como bases de suas reflexões e investigações. Quanta ingenuidade ainda nos diz Husserl (2009).

Diante disso, a Fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica se insurgem e questionam o positivismo, a positividade da vida, a “métrica” da subjetividade e a tentativa de “enquadrar” o homem num “tubo de ensaio” ou em categorias pré-definidas. Discordam, com retirada do homem do mundo-da-vida, a ciência na verdade abstrai,

a fenomenologia e a psicologia fenomenológica lidam com a concretude existencial, ou seja, com aquilo que se apresenta, como e no momento em que se apresenta.

Há entre fenomenólogos e psicólogos (de base fenomenológica e existencial) uma concordância de que é no mundo que os fenômenos precisam ser compreendidos, nas suas mais variadas formas de manifestação, respeitando-se o movimento dos fenômenos, por isso não os isolamos ou os neutralizamos. É preciso deixar o homem no mundo da vida, em movimento, lançá-lo ao mundo.

Penso ser possível e necessário por em cena a dicotomia entre mundo e vida que a ciência inaugurou, e, em seguida percorrer a psicologia fenomenológica a partir do olhar de Edmund Husserl e de comentadores contemporâneos buscando auxílio para “ler” a realidade assim como ela se apresenta. Assim, para compreender o cenário das culturas do endividamento e do consumismo como “um” modo possível de acessar a essência da concretude existencial contemporânea, será feita uma evidenciação daquilo que o próprio mundo oferece acerca destes fenômenos: as “pistas” da financeirização da vida.

A reflexão proposta se sustenta em dados da realidade tais como indicadores econômicos e sociais (oriundos do IMESC-MA e PEIC), livros de autoajuda financeira⁵⁰, Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), reportagens sobre os fenômenos em questão, indicadores de endividamento e inadimplência das famílias brasileiras, e muitos outros que são utilizados pela ciência como provas de crescimento, de progresso e evidências científicas do desenvolvimento, foram aqui (des) cobertos em busca de seus fundamentos no mundo da vida.

Sem ser fatídico, mas apenas realista, o certo é que o endividamento não cessa, é uma longa espiral, uma vez

⁵⁰ Cf. com Borba (2011)

que paga-se para nascer e até para morrer. Morre um pouco com o já “falecido” aqueles que não puderem dispor da quantia que um atravessador deseja receber.

Algumas considerações finais

Considero conveniente trazer para estas considerações algo que relato na introdução deste estudo sobre como o uso do dinheiro mobiliza a humanidade mais do que a própria preocupação com ela mesma. Fato este que me faz recordar a visão de Edmund Husserl (2012) em seu livro *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental* (1936/2012), quando lembra que “krisis” é a crise de decisão, de escolha, dos sentidos e rumos que a própria humanidade escolheu “naturalmente” tomar. Se a humanidade escolhe o caminho do dinheiro, do endividamento e do consumo de coisas, ela escolhe não colocar a si mesma como sentido mais importante, algo comum vivido por quem, mesmo em tempo de crise como a que atravessamos.

As questões relacionadas ao uso do dinheiro e crédito associados aos impactos sobre a subjetividade e o comportamento humano se constituem em uma área de estudos fértil para a psicologia social, sendo necessária uma sistematização de estudos existentes em Psicologia, Economia e Finanças Comportamentais.

Como vimos, os dados coletados da realidade no contexto maranhense e brasileira ratificam o crescimento do endividamento da pessoa física e ao mesmo tempo das práticas de estímulo ao consumismo. Para além de abordagens ou lentes teóricas, a cultura do consumismo e do endividamento exige de nós profissionais, professores e acadêmicos um se debruçar, uma análise reflexiva atenta às falácias da estrutura da sociedade de consumo contemporânea.

É preciso que os psicólogos vejam nos fenômenos contemporâneos possibilidade de estudos que possam contribuir com a saúde existencial da população. No Estado do Maranhão, há muito a ser feito, e acredito que há espaço para atividades de ensino, pesquisa e extensão

que tenham relações diretas com a Psicologia Econômica, as Finanças e a Subjetividade. E por que não dizer uma Psicologia da Cultura Financeira como um “novo” espaço de atuação do profissional de Psicologia, sem, em momento algum, desconsiderar a necessidade de realizar atividades em conjunto com profissionais de outras áreas do saber. A Psicologia precisa ocupar seu lugar no “banquete”.

Como bacharel em Ciências Contábeis e mestre em Finanças, acredito que falta uma relação entre Psicologia e Finanças nos cursos de Ciências Contábeis e Economia, assim como na Psicologia. As disciplinas hoje ministradas na Contabilidade só enfocam o campo do trabalho pensando nas questões de comportamentos desejados nas relações: empregador *versus* empregado, produtividade, estresse, absenteísmo, trabalho em equipe, cultura, clima e poder, por exemplo. Acredito que a inclusão de uma disciplina que estudasse a relação entre Psicologia, Dinheiro e Consumo.

No caso da Psicologia, as finanças e a economia não são nem conhecidas ou discutidas em seus aspectos mais gerais e resta lembrar que como psicólogos estamos inseridos num mundo onde o dinheiro, o crédito e o consumo exercem influência significativa. Penso que questões como as relações de consumo, a tomada de decisão de crédito, o apego ao dinheiro (que indica algumas patologias como avareza, esbanjamento etc.) e a própria necessidade de que o Psicólogo saiba calcular o preço dos serviços que presta, compreenda os efeitos do Sistema Financeiro Nacional – SFN e das políticas governamentais sobre a subjetividade, sobre as questões relacionadas à educação, a saúde, às cotas, à diversidade racial e sexual. Dominando questões econômico-financeiras, um psicólogo em cargo de gestão ou não, pode contribuir ainda mais com a melhoria da qualidade de vida da clientela atendida e,

principalmente promover a emancipação da consciência que se mantém administrada pela lógica capitalista.

No curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA coordenei o Projeto de Pesquisa Psicologia, Cultura do Consumo e Cultura do Endividamento que foi contemplado com bolsa no Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC nos períodos de 2012 a 2015 para os planos de trabalho: a) (2012-2013) - O dinheiro na perspectiva de Georg Simmel: compreendendo a construção das culturas objetiva e subjetiva no modernidade, b) (2013-2014) - Contribuições da Psicologia do Dinheiro de Georg Simmel para compreensão de fenômenos humanos e sociais no mundo da vida contemporâneo; c) (2014-2015) - Fenômenos psico(pato)lógicos relacionados ao consumo e ao endividamento no mundo da vida contemporâneo. Este último plano ofereceu subsídios para a escrita do artigo Fenômenos “psicopatológicos” contemporâneos relacionados ao dinheiro que foi publicado na revista eletrônica Psychiatry On Line⁵¹ em junho de 2015.

Consegui aprovação de uma disciplina na ênfase Processos Psicossociais intitulada “Consumo, Finanças e Subjetividade”, com carga horária de 60 h que contemplará o estudo dos seguintes assuntos: O homem, sua relação com o dinheiro, o crédito, o consumo e as influências deste nos modos de ser e estar no mundo. O consumo, o consumismo e estratégias de captura da subjetividade. O capitalismo, as estratégias de gerenciamento do eu. O ter como modo de ser e as “psicopatologias” contemporâneas. O psicólogo e os problemas éticos oriundos das relações monetárias, financeiras e creditícias.

Esta disciplina possibilitará ao futuro Psicólogo ampliar a sua visão acerca das relações entre o dinheiro, o

⁵¹ Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano15/pcl0115.php>> v. 20, **junho de 2015**

consumo e o endividamento no mundo contemporâneo tendo como base as contribuições da Psicologia Fenomenológica husserliana e das contribuições das filosofias da existência e da Teoria Crítica.

Penso e acredito ser necessário, como disse Herbet Marcuse: “Romper a consciência administrada constitui hoje mais do que nunca uma precondição da libertação (...)”.

Ratificando ainda os ensinamentos do Pai da Fenomenologia, Edmund Husserl, é necessário desvelar o fenômeno, vê-lo sem invólucro ou em “carne e osso”, segundo Husserl e compreendê-lo em sua inteireza, permitindo conhecer o que a vivência em uma cultura de endividamento e consumo impõe à consciência e de que maneira o homem contemporâneo pode promover a libertação das estratégias capitalistas de subjetivação. Proporcionar emancipação, apontar caminhos para a reflexão, esclarecer os efeitos e as consequências de atitudes mecânicas, ampliar a consciência para que os homens deixem de ser homens-massa conforme diz Ortega y Gasset (*apud* Bittencourt, 2010), evitando assim serem consumidores-mercadorias.

Conforme já mencionei neste estudo, a relação do homem com o dinheiro e seus subprodutos pode influir diretamente na construção de sua subjetividade e também nas relações intersubjetivas, bem como das escolhas que este faz em relação ao modo de vida, ao modo de ser no mundo. Considero que a possibilidade de escolher, a liberdade de tomar decisões quanto ao seu uso traz em si responsabilidades pelas escolhas que faz e as relações podem, de algum modo, impactar em sua subjetividade.

É bem verdade que ao concluir esta tese eu deixo mais questões do que apresento respostas. Continuo pensando que como psicólogos devemos contribuir com a saúde existencial de cada um, acredito ser esta a missão de uma psicologia contemporânea, que se preocupa mais com

a saúde, a fim de evitar ainda o adoecimento existencial da sociedade. Ajudar o homem a encontrar o sentido, pensar no seu projeto existencial e na sua responsabilidade no exercício da liberdade.

A proposta inicial deste texto, apenas para efeito de rememorar teve como fio condutor a fenomenologia e contribuições de leituras críticas e como discutir o modo de vida contemporâneo permeado pelos ideais de consumo e endividamento. Para tanto, reuni reflexões que buscaram atender aos objetivos visados segundo minha ótica, mas devo confessar que usei e abusei do recurso da repetição. Fui e voltei a repisar propositadamente alguns aspectos, como se desejasse fazer uma ciranda interminável...

Considero, finalmente, que empreendi uma tarefa árdua. Reavaliei pontos da minha tese de doutoramento e ampliei a discussão debruçando-me ainda mais sobre aquilo que emergiu durante a escrita no mundo da vida contemporâneo.

Contudo, não posso deixar de salientar que ela também foi suficientemente prazerosa.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BANCO ITAÚ S.A. **Uso Consciente do Dinheiro**: Cartão de Crédito. São Paulo, jan. 2009.

_____. **Uso Consciente do Dinheiro**: Conta Corrente. 6. ed. São Paulo, jan. 2009.

_____. **Uso Consciente do Dinheiro**: Crédito. 4. ed. São Paulo, jan. 2009.

_____. **Uso Consciente do Dinheiro**: Falando de dinheiro com seus filhos. São Paulo, jan. 2009.

_____. **Uso Consciente do Dinheiro**: Saindo do vermelho. São Paulo, jan. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Vida à crédito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. El capitalismo como religión. *Revista El Porteño*, [s.l.] nov 1990.

BITTENCOURT, Renato Nunes. O advento do homem-massa. *Revista Filosofia Ciência & Vida*. São Paulo: Escala, n. 52, v. IV, out. 2010.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. **A “salvação” dos endividados:** Literatura Financeira de “autoajuda” e Subjetividade na hipermodernidade. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Psicologia Social/UERJ, 2011. (Tese de Doutorado em Psicologia Social)

_____. O conceito de natureza na fenomenologia: reflexões a partir de E. Husserl e suas contribuições para a Psicologia de base fenomenológica. **Anais do II Congresso Luso-brasileiro de Fenomenologia/ IV Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Fenomenologia**. Paraty, RJ: SBF, 26a28out.2009. Disponível em: <www.sbfenomenologia.com.br/.../files/files_4abe372dc5cbb.pdf>

_____. **Sistema de cartões de crédito no Brasil:** análise da concessão do crédito através de políticas de gestão de crédito, cobrança e risco. São Luís: EDUFMA, 2008.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto n. 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.planato.gov.br/civil_03/_Ato2007-2010/Decreto/D7..>. Acesso em: 10 set. 2012.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Medida Provisória nº 567, de 03 de maio de 2012

CARCANHOLO, Reinaldo **A Interpretações sobre o Capitalismo Atual.** Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigo/1107_e0967aacbbeb55f0db9ffea02e674715.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2009.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?** – neoliberalismo e ordem global. 5. d. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Contribuição da Psicologia para o fim da publicidade dirigida à criança.** Brasília: CFP, out, 2008. Disponível em: <<http://www.pol.org.br>>.

DINIZ, Laura. A Igreja Universal sob acusação. Especial. **Veja**, 9 ago. 20109 , ed. 2.126, ano 42, n. 33. São Paulo: Abril, 2009.

DODD, Nigel. **A sociologia do dinheiro.** Rio de Janeiro: FGV, 1997.

DOMINGOS, Reinaldo. **Livre-se das dívidas:** como equilibrar as contas e sair da inadimplência. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2011

FERRAZ, Marcus Sacrin Ayres. Lições do mundo-da-vida: o último Husserl e a crítica ao objetivismo. **Scientiae Studia**, 2.3, 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ss/v2n3/a03v2n3.pdf.

FERREIRA, Vera Rita de Mello. **Psicologia Econômica: origens, modelos, propostas.** Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia

Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

FREITAS, Fernando, AMARANTE, Paulo. Psiquiatrização da vida e o DSM V: desafios para o início do século XXI. **Blog do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde – CBES**. Publicado em: 12/03/2012. Disponível em: <<http://www.cbces.org.br/verBlog.asp?idConteudo=2429&idSubCategoria=56>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

GIORGI, Amedeo, SOUSA, Daniel. Método fenomenológico de Investigação em Psicologia. Lisboa: Fim de Século: 2010.

GIORGI, Amedeo, SOUSA, Daniel. Psicologia Fenomenológica. In.: **Método fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século: 2010.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. O Conceito de Mundo da Vida. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.1-150, abr./set.2012.

_____, Aquiles Côrtes. Para uma teoria fenomenológica do direito – I. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.1-132, abr./set.2010.

HUSSERL, E. **A filosofia como ciência de rigor**. Lisboa: Atlantida, 1965.

_____. **A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma Introdução à Filosofia Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à**

Filosofia Fenomenológica. Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2008.

_____. A ingenuidade da ciência. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 7, n. 4, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000400008>.

_____. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. **Investigações Lógicas**. Primeiro Volume: Prolegómenos à Lógica Pura. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

_____. **Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea)

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. "Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro". Entrevista com Giorgio Agamben. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>>. Acesso em 25 nov. 2012. (Giorgio Agamben, em entrevista concedida a Peppe Salvà e publicada por *Ragusa News*, 16-08-2012.)

Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. (IMESC) INDICADORES de Conjuntura Econômica do Maranhão. São Luís, V.4, n.1, p. 1 – 55, jan./jun. 2011 Disponível em: <www.imesc.ma.gov.br/docs/Livro_indicadores.pdf>. Acesso em: 9 set. 2012.

JAMENSON, Fredric. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre a globalização. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento” – Aufklärung. In.: **Textos selectos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

LAUTERBACH, Albert. **Fronteiras psicológicas da economia**. Nova Iorque: Fundo de Cultura, 1959.

LIBERMAN, Kenneth. Reespecificação da fenomenologia de Husserl como investigações mundanamente situadas. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 7, n. 4, Dec. 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 02 June 2011. doi: 10.1590/S1678-31662009000400005.

LIPOVETSKY G. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

_____. **A felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LÖWY, Michael. **O capitalismo como religião**. Folha on line. São Paulo, 29 set. 2005. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200508.htm>. Acesso em: 18 set. 2005.

MACFARLANE, Alan. **A Cultura do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

MARQUES, Cláudia Lima; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. **Direitos do consumidor endividado**:

superendividamento e crédito. São Paulo: RT, 2006. p. 256.

MÉSZAROS, Istvan. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boi Tempo; Campinas, SP: Unicamp, 2002

_____. A crise estrutural do capital. **Revista Outubro**, 2004. Disponível em: http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/ou4_02.pdf>. Acesso em 8 fev. 2008. p. 7-15.

MULLER, Karina de Oliveira. **Sociedade de consumo e cultura do endividamento**: estudo de caso sobre consumidores compulsivos em Porto Alegre, RS. Porto Alegre: UFRGS, 2010. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais).

NETTO, José Paulo, BRAZ, Marcelo. As crises e as contradições do capitalismo. Cap. 7. **Economia Política**: uma introdução crítica. V.1. São Paulo: Cortez, 2006. (Biblioteca básica de serviço social; v.1), p. 156-167.

PENNA, Antônio Gomes. **Os filósofos e a Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

PIZZI, Jovino. **O mundo-da-vida (Lebenswelt) em Husserl e Habermas**. IJUI: Ed. UNIJUI, 2006. (Coleção Filosofia; 11)

Por que nem tudo pode ser comprado. Ética. **Veja**, 21 nov. 2012, ed. 2.296, ano 45, n. 47. São Paulo: Abril, 2012.

HERRERA RESTREPO, Daniel. Husserl y el mundo de la vida. **Franciscanum. Revista de las ciencias del espíritu**, [S.l.], v. 52, n. 153, p. 247-274, Nov. 2011.

ISSN 0120-1468. Disponible en:
<<http://revistas.usbbog.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/93>>. Fecha de acceso: 23 Jun. 2015.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Administração e Finanças**. São Paulo: Círculo do Livro/Best Seller, 1996.

SANTOS, Sales Augusto dos. Deus-dinheiro: o equivalente para tudo e para todos? **Sociedade e Cultura**. V. 4, n. 2, jul./dez; 2001, p.149-170.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Narcisismo e Publicidade**: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. Pseudo-individação e homogeneização da cultura do consumo: reflexões críticas sobre as subjetividades contemporâneas na publicidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 6, n. 2, 2. sem. 2006, p. 105-116.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. São Paulo: Vozes, 2012.

SILVA, Lucas Frazão. Destinação Social da Mercadoria: o conflito sobre o conceito de necessidade. **Cadernos de Debate**, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, São Paulo, v. VI, 1998, páginas 59-70.

SILVA, Marcella Marino Medeiros. Razão e historicidade no último Husserl. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 7, n. 4, Dec. 2009. Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext

&pid=S1678-31662009000400007&lng=en&nrm=iso>. access on 02 June 2011. doi: 10.1590/S1678-31662009000400007.

SILVA, Neiliane Lima da. **Reflexões sobre o ser-endividado:** uma proposta de estudo do endividamento pessoal através do olhar fenomenológico. São Luís: UFMA, 2009. (Monografia de conclusão do curso de Psicologia – Formação de Psicólogo; Jean Marlos Pinheiro Borba – orientador)

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In.: **Psicologia do Dinheiro e outros ensaios.** Lisboa: Texto-grafia, 2009.

_____. O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmentos de uma Filosofia do Dinheiro (1898). In.: **Filosofia do Amor.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. A metrópole e a vida mental (1902). In.: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967. P. 11-25.

_____. O dinheiro na cultura moderna (1896). In.: SOUSA, Jessé, ÖELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade.** 2. ed. Rev. Brasília: EDUNB, 2005.

SLATER, Dom. **Cultura do Consumo & Modernidade.** Nobel: São Paulo, 2002.

SLOMP, Jerusa Zanandrea Formolo. Endividamento e Consumo. **Revista das Relações de Consumo.** Caxias do Sul: PROCON., 2008. Disponível em: <http://procon.caxias.rs.gov.br/site/uploads/publicacoes/publicacao_4.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.

SOARES, Jorge Coelho. Escola de Frankfurt: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia social marginal. In.: JACÓ-VILELA, Ana Maria e outros (org.). **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau , 2007. Capítulo 29, p. 473-501.

STRUCHINER, Cinthia Dutra. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Rev. da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v.13, n.2, dez. 2007. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-0009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 fev. 2013.

TOLOTTI, Maria. **As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. (Expo Money)

VANDENBERGUE, Frederic. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru, SP: EDUSC; Belém: EDUFPA, 2005. (Coleções Ciências Sociais)

VEBLEN, Thostein Bunde. **A teoria da classe: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os economistas)

ZILES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In.: HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção Filosofia; 41)